

2021

Esta antologia é composta de textos de ficção e não ficção dos alunos da turma 2021 da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

antologia



INSTITUTO
VERA CRUZ

Pós-graduação Formação de Escritores

2021

Leticia Born • Lucas Braga • Doris Camacho •
Pedro Racy Cirri • Cristina Coin • Carolina Delboni
• Carime Elmor • Marcella Faria • Luiza Fecarotta
• Renata Fiorenzano • Ana Carmen Foschini •
Agatha Kim • Marina Leão • Luciana Lopes •
Alberto Lung • Helena Machado • Letícia Martines
• Arthur Mello • Carolina Menezes • Priscila
Nicolielo Mengozzi • Marina Neder Monteiro
• Rafael Oliva • Victor Pedrosa Paixão • Rebeka
Landim Rafael • Leo Ribeiro • Adilson Zambaldi

antologia



Direção Geral

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação

Formação de Escritores

Márcia Fortunato e Roberto Taddei



Edição

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Laís Alcantara

São Paulo, 2021

Antologia 2021: Pós-graduação Formação de Escritores. — São Paulo: Instituto Vera Cruz, 2021.
178 p.

Vários autores.

Coletânea de textos de ficção e não ficção dos alunos da turma 2020 da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária. I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.

2021

antologia

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarrota, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta Antologia.

Sumário

Apresentação	7
Gosto de romã [Leticia Born]	9
Sonho de praça forte [Lucas Braga]	17
Terminal [Doris Camacho]	25
Ligações [Pedro Racy Cirri]	31
O sonho do viajante [Cristina Coin]	41
Hoje eu não tô pra ninguém [Carolina Delboni]	45
Timbres incansáveis [Carime Elmor]	51
Os humores d'água [Marcella Faria]	57
Eles sentiam a comida [Luiza Fecarotta]	61
O vaso [Renata Fiorenzano]	73
Ligação para você, é da Antártida [Ana Carmen Foschini]	81
Campos de conforto [Agatha Kim]	89

As tias [Marina Leão]	95
Soma de Nós [Luciana Lopes]	103
Googleyness [Alberto Lung]	105
O prazer é todo meu [Helena Machado]	111
Maria Antônia [Letícia Martines]	117
Meu pai, Cruijff e eu [Arthur Mello]	119
Beleza de broa [Carolina Menezes]	131
Diário da Caixa [Priscila Nicolielo Mengozzi]	137
Rubinho da Dona Rachel [Marina Neder Monteiro]	145
O curioso caso do Nelson [Rafael Oliva]	149
Retrato [Victor Pedrosa Paixão].....	157
Exercícios para aproximar gatos [Rebeka Landim Rafael].....	161
Lembrancinhas [Leo Ribeiro]	169
40 quilos [Adilson Zambaldi]	175

Apresentação

Os textos recolhidos nesta Antologia foram todos eles escritos, discutidos, revistos e editados durante os dois anos letivos em que fomos impedidos de nos reunir presencialmente devido à pandemia de covid-19. Eles capturam a sensibilidade com que cada autora e autor respondeu ao isolamento social e ao confinamento residencial. Mas não apenas. Estes foram também dois anos de uma mudança radical na perspectiva pública e política do País.

Que estes autores tenham dedicado, em meio ao aparente caos, tempo e esforço para encontrarem energia e fazerem de si suas melhores versões como escritores é um feito louvável. Esta Antologia apresenta apenas uma pequena porção do que foi tal experiência. Mas é uma amostra ampla e variada daquilo que estes autores fazem e seguirão construindo nos anos seguintes, os de abertura e de construção de um mundo novo.

Festejamos e compartilhamos tamanho feito, construindo este espaço coletivo para a multiplicação de novas vozes.

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

Gosto de romã

Leticia Born

A fundei minha mão direita na piscina para sentir a temperatura da água. Fria o suficiente pra refrescar. Passei a mão molhada pela minha nunca e depois pelo pescoço, os pelos nos braços se arrepiaram. Sentei na borda e coloquei as pernas até o joelho dentro da água, para a pele se acostumar com a temperatura. Enquanto movimentava os pés, olhei para a parte de baixo do meu biquíni colorido, de fundo branco e linhas azuis e vermelhas. Não foi difícil achar uma peça grande, que cobrisse minha bunda quase por completo, meses antes em uma loja em Amsterdã. Levantei a cabeça e olhei ao redor, para as outras mulheres que estavam ali, em busca de comparação. Algumas deitadas nas cadeiras de piscina, com maiôs e chapéu de sol, óculos, chiques. Três ou quatro mulheres, cobertas com túnica e *hijab*, na sombra.

Era como se eu estivesse disfarçada usando roupas que não seriam minha primeira escolha, mas eu já tinha me acostumado com isso. A parte de cima do biquíni tinha a mesma estampa, com

tamanho grande, de *top* de ginástica. O disfarce era bom, me sentia confortável. Me imaginei usando o mesmo biquíni em Ipanema, na companhia da minha prima, em nosso tradicional banho de mar do dia 31 de dezembro, todos os anos. “Que biquinão, hein, prima, fala sério. Vai ficar com uma marca gigante!”

Entreí de corpo inteiro na piscina. Abri os olhos debaixo d’água e vi muitas pernas, de crianças e homens, em sua maioria. Identifiquei as pernas da Alice em seu maiô preto. Fui nadando até ela e, quando irrompi na superfície, dei um susto nela. Seus olhos verdes estavam brilhantes pelo sol:

– *I was looking for you* – disse.

Conheci Alice por intermédio da minha professora de árabe, que me passou o contato dela e nos incentivou a praticarmos juntas o idioma. Nos encontramos em um café na *Rainbow Street* em Amã algumas semanas depois de conversarmos por WhatsApp. Alice era dos Estados Unidos, do Oregon. Tínhamos mais ou menos a mesma idade: eu, vinte e cinco; ela, vinte e dois. Depois de um mês, morando sozinha em Amã, ela havia se mudado para um apartamento compartilhado com um amigo palestino, Samir.

Foi ele que se juntou a nós na piscina. Abraçou os joelhos no ar e, quando caiu na piscina, espalhou água por todos os lados. O pulo nada sutil do Samir me trouxe para o presente. Foi só nesse momento que percebi a música eletrônica, que vinha de um equipamento de som, comandado por um DJ, posicionado do outro lado da piscina, de onde estávamos.

Próximo ao DJ estava o bar, que na verdade era mais um balcão simples em que funcionários anotavam os pedidos e

preparavam as comidas e bebidas dos hóspedes. Alice e Samir saíram da piscina e foram ver o que tinha no cardápio para beber. Observei-os caminhando. Samir colocou o braço em torno da cintura de Alice. Ele estava de sunga preta, combinando com o maiô dela, da mesma cor. Por um momento, vi que ele apertou a cintura dela enquanto caminhavam, ela sorriu para ele.

Voltei minha atenção ao meu entorno, e percebi que a piscina estava mais vazia. Eu nadei um pouco para mais perto do bar, e vi que as pessoas estavam conversando, algumas dançando. Nem parecia que alguns dias atrás estive em Irbid, cidade que fica a 90 km de Amã, conversando com mulheres atendidas pela União de Mulheres Jordanianas, organização da sociedade civil fundada em 1945.

Deixei meu corpo flutuar na água e fechei os olhos. As vozes das mulheres que entrevistei ecoavam. “Aqui, entre minhas colegas, consigo falar o que sinto, o que vejo, mas na minha casa, com meu marido, não.” “Tive que ir três vezes para o hospital, foi só quando eu saí de lá com um gesso na perna que um médico me disse para ter cuidado em casa.” “Antes, era só comigo, mas quando ele bateu na minha filha, foi demais. Ela tinha só cinco anos.” “Eu tomei coragem para me divorciar, mas minha família nunca mais me dirigiu a palavra.” “Aprendemos a vender o nosso artesanato aqui. Mas chego em casa e tenho que entregar o dinheiro pra ele.”

Uma das vozes destas mulheres era mais aguda em meus ouvidos. Quando nos despedimos do nosso encontro, ela me abraçou e agradeceu por querer escutar sua história. Me perguntou o que eu faria com tudo aquilo. “Você vai levar isso tudo para o Brasil? Quem vai saber disso? Quero que todo mundo saiba!”

Abri os olhos, nadei em direção à escada para sair da piscina e lá estavam os estrangeiros, gastando seus dólares no hotel Marriott. Respirei fundo, saí assertiva em direção ao bar e decidi incorporar o clichê da brasileira animada, sempre pronta para uma festa. O biquinão escondia não só meu corpo, mas também meu estado de espírito.

O trajeto de 30 metros de repente se tornou longínquo quando percebi que estava andando de biquíni naquele espaço. Seria normal se não estivesse há tantos dias seguidos me esforçando para esconder meu corpo. A cada passo que eu dava, reparava em alguns olhares.

Esse micro trajeto revelou uma mistura de gente: jovens brancos ligados de alguma forma à cooperação internacional; ONGs ou voluntários, que foram para a festa se reconectar com suas origens ocidentais; hóspedes endinheirados: homens barbigudos com suas esposas elegantes, e um ou outro casal mais “tradicional”. Percebia pela posição: esposa sozinha na sombra, mexendo no celular ou de olho nos filhos, e o marido de pé, conversando com outros homens, fumando cigarro com um *drink* na mão.

– *So what are we having?* – perguntei, encostando no balcão do bar de frente para Alice e Samir.

– Leticia, *finally!* – disse Alice, sorrindo e já me passando o cardápio.

– *I'm just having a beer* – disfarçou Samir, segurando a fumaça do cigarro na garganta.

– *I'll have that pink one that the lady over there is drinking* – disse Alice, apontando para uma senhora do outro lado do bar, que segurava um copo cheio de gelo com um líquido que imaginei que fosse licor de romã.

– *Make it two, please!* – complementei.

A segunda rodada ficou comigo, então fui ao bar apanhar mais do tal *pink drink*. E agora seriam três, porque Samir também quis. Enquanto esperava o barman aprontar as bebidas, um homem jovem, de óculos escuros, se aproximou e disse que pagaria para mim. Disse que se chamava Andy. Eu me lembro do seu sorriso, do seu cabelo comprido, preso por um elástico em um coque baixo, e que trabalhava no mercado financeiro. Ele tinha a fala mansa e não parava de olhar o meu corpo.

Corta.

Eu e Andy estamos sentados em um brinquedo de criança. Uma gangorra em formato de jacaré. Eu não sabia que o hotel tinha essa brinquedoteca. Ele me beija, mas eu não sinto nada. Era como se eu fosse um robô e meus movimentos estivessem lentos demais. Um funcionário do hotel me cutuca com o dedo indicador nas costas e diz que eu não poderia fazer aquilo lá. Me convidou a me retirar. Andy ficou em silêncio.

Cadê a Alice?

Corta.

Estou em um quarto, em pé. Vejo um quadro com uma paisagem comum, que não se distingue por nada, uma montanha entrecortada por um vasto campo de gramado. Duas mãos encostam

na minha cintura. Que toque gelado é esse? Viro de frente e lá está Andy. Ele começa a tirar a parte de baixo do meu biquíni.

– *What is this?* – gritei, empurrando-o pra trás.

Acordei.

– *Come on, you know you want this.*

Saí do quarto em um rompante. Apertei o botão do elevador. Um homem passou pelo *hall* e me olhou de cima a baixo.

Entreí no elevador, meus olhos estavam arregalados, ainda de biquíni, meu corpo gelado do ar condicionado. Eu não me reconheci, passei a mão pelas minhas coxas, meus braços, queria olhar tudo, mas não deu tempo.

Cheguei no térreo, na área da piscina, já estava de noite e eu não entendia como as horas poderiam ter passado tão rápido. Alice me viu, veio correndo e me abraçou. falei que precisávamos ir embora. Ela estava preocupada comigo, disse que procurou por todos os lados e não me achou. Samir já tinha ido embora.

Teríamos que encontrar uma carona.

– *Alice, we need to get out of here now.*

Disse que não sabia o que tinha acontecido. Eu queria tomar banho, sair dali, queria ir pra casa. Conseguimos um táxi, que não era nossa primeira opção pelo custo, mas, em pouco mais de uma hora, eu estaria em casa.

Alice me perguntou o que tinha acontecido. Eu contei que me lembrava de ter conhecido Andy, mas que não sabia como fui parar no quarto dele. Na maior parte do caminho, Alice ficou de mãos dadas comigo.

Enquanto olhava as luzes de Amã se aproximando pela janela do carro, pensei que essa festa poderia ser em qualquer lugar do mundo, se não fosse pela vista para o Mar Morto ou o gosto de romã que ficou na minha boca.

.....
Leticia Born (leticia.born@gmail.com) nasceu em 1989, em Poços de Caldas, e hoje vive em Santos. É jornalista com mestrado em Desenvolvimento Internacional, gerente de programas em uma fundação filantrópica global. Uma de suas ideias de projeto na pós-graduação é registrar sua voz e a das mais de 70 mulheres que conheceu quando viveu na Jordânia, para sua pesquisa de mestrado.

Sonho de praça forte

Lucas Braga

Ontem à noite, minha namorada me perguntou – eu prestes a embalar no sono – qual era o nome da mãe da minha mãe. Procurei seu nome por vielas mentais, calado, sua ausência me angustiando. Me esquivei de responder à pergunta, negando concluir que o havia esquecido.

Preciso me alistar ao serviço militar. É a única maneira de cumprir meus objetivos, motivados pelo desejo de conter a vilania do exército rival. Após rápida passagem pela burocracia, vi a mim mesmo, por sobre minhas próprias costas, se infiltrar no acampamento inimigo, me esquivando da vista dos soldados em guarda.

De frente para a câmera do sonho – o rosto não exatamente o meu; o corpo longe de ser o meu –, me assisto me esgueirar por trás de barracas e alojamentos, apoiando as costas nos caixotes, analisando o movimento do soldado que passa por trás de mim, no fundo do plano. O amarelado da terra e da areia, as fardas pesadas verde-oliva e o ocre dos engradados de provisões sob as tendas sugerem um deserto.

Enquanto procuro uma maneira de cruzar uma seção do acampamento, Milton Hatoum interrompe minha missão. Esperava uma deixo na vigia da tenda dedicada às refeições quando ele me abordou, calmo. Há uma mesa grande e retangular de madeira onde cabem seis ou oito pessoas, muito parecida com a da casa dos meus pais. Milton me convidou, sem suspeitas, a comer com os presentes, despreocupados e alheios ao ambiente militar. Custou a reconhecer duas mulheres de cabelos longos ali sentadas. Minha mãe e minha irmã têm cabelos longos.

Já joguei muito videogame na vida, mas cada vez menos nos últimos anos. Um pouco como o fumante que fez as pazes com o cigarro – quem já fumou mais de um maço por dia se contenta com um charuto esporádico.

No entanto, ainda jogo. Há um dado de conforto inegável. Como fazem os que reveem filmes que conhecem de cor, ou que revisitam os livros formativos. Mas jogar é quase um exercício de habitar, brevemente, outro registro de espaço e tempo. Uma interrupção do mundo; de uma ordem diferente da que propicia a literatura, a música ou o cinema. Alguns teóricos chamam esse estado de consciência específico de *flow*: um agregado de imersão, prazer e foco. Que não é, diga-se, primado exclusivo dos videogames – músicos, atletas, qualquer um que esteja magnetizado por uma partida ou interação se sente, em alguma medida, no *flow*.

Nunca conheci minha avó. Dias depois de minha mãe casar, e se mudar definitivamente do Goiás rumo a São Paulo, ela morreu num acidente de trânsito. A imagem que montei dela ao longo dos

anos parte de relatos esparsos, narrações de pequenas cenas domésticas, a manifestação da saudade de minha mãe, algumas fotos, pouquíssimos registros em vídeo. Conheço todos de cor. Comecei a enxergar nesse tratamento da memória dela algo de fantasmagórico: no caráter fragmentado; no trauma persistente, que encontrava formas silenciosas de expressão; no que há de ainda inacessado pela linguagem.

Nenhum desses esforços narrativos foi suficiente para me vincular a alguém que jamais conheci. Mais jovem, reparei que era mais confortável fazer perguntas para minha mãe tratando-a como “sua mãe” – algo rápida e irritadamente corrigido por “sua avó, filho”. Sintoma meu de uma inaptidão congênita em lidar com a intimidade da minha família, e a da minha mãe, em especial. A passagem para a linguagem, para a elocução, é um ordálio doloroso; não compensa.

Acompanho à mesa a conversa dos presentes, comendo não lembro o quê. Milton diz não poder comparecer ao evento de que falavam, pois a filha faria aniversário naquele fim de semana.

Uma série de planos mais curtos ocorre após esse diálogo. Num deles, assisto em primeira pessoa, do terraço de um prédio de uma cidade norte-americana, a soldados de exércitos rivais – distinguidos pelas cores das fardas –, de pé em outros terraços. Eles se revezam jogando garrafas de vidro para o alto, enquanto os outros tentavam acertá-las com seus fuzis.

O tirocínio deles não era bom, mas se divertiam. Não os preocupava que balas ou cacos pudessem atingir fatalmente os

transeuntes na rua. O mundo do jogo – de qualquer jogo – é um mundo minorado, cujo carretel de ações e suas consequências têm pouco fio.

Comecei a jogar por volta dos quatro ou cinco anos de idade, à mesma época do meu letramento. A extensão dos efeitos dessa simultaneidade é algo que não compreendo por completo. (Aparentemente, nem a comunidade psi.) Meu palpite é que esse contato ostensivo alterou, conformou, e, em última instância, constituiu a minha subjetividade. Ainda que hoje conviva muito pouco com eles, muitos de meus sonhos mobilizam suas formas e estruturas. Em jargão técnico, diria que muitos deles teriam *game design*.

A repetição é um procedimento repleto de significados na gramática dos sonhos. Também é a célula fundamental de qualquer jogo. No xadrez, na amarelinha ou em *Grand Theft Auto*, o jogo se constitui ao repetir uma ação, de acordo com um grupo de regras arbitrário e bem estabelecido, num universo controlado. O prazer do jogo – dominó, canastra, taco, *Tetris*, futebol, *Minecraft*, polo aquático, pique-bandeira – parece estar em dominar as regras, manipular os liames desse pequeno mundo. Extrair, de um número estrito e definido de coordenadas, algo maior do que a soma dessas partes miúdas.

O vínculo de um livro ou filme com o leitor ou espectador não é o mesmo que o do videogame. Ao pacto ficcional também se acresce a *agência*. O jogador não seria, supostamente, passivo ao andar dos acontecimentos – mas ele está limitado a agir dentro do riscado concebido por seus criadores: em jogos de tiro, não se pode resolver conflitos no diálogo.

De algum modo, é como a agência do sonho. Não somos “nós”, a expressão mais superficial da nossa consciência, que estamos no controle das imagens que produzimos dormindo.

A falta da minha avó nunca me fez falta, apesar de essa perda precoce ter constituído a vida adulta de minha mãe. Não faz falta o que não conheci? Chorei quando o Museu Nacional foi consumido pelas chamas, sem jamais ter pisado lá. Mas nunca chorei por não ter tido outra vó.

Estou numa biblioteca-lanchonete. Pé direito enorme, dois andares, tomos encadernados, estantes e mobiliário de madeira escura. No meio dela, um quiosque de fast-food. Eu, meus pais e colegas de colégio esperamos na fila a nossa vez de fazer o pedido. Me despeço dos conhecidos e saímos, bandejas em mãos, eu e minha família em busca de um lugar para sentar. Corro os olhos pelas mesas e vejo Chico César e Geovani Martins sentados, comendo, olhando para mim.

Não ter tido uma avó não fez com que eu exigisse da outra o dobro. Nos quinze anos após a morte do meu avô (e deste sinto falta), ela nunca atravessou o luto. Embotou-se e amargurou-se pelo restante de seu tempo. Perdeu a vontade de viver. Lamentava-se moto-contínuo, e ansiava pela morte. Alforria, liberação do sofrimento terreno, redenção e reencontro com seu amor.

Os primeiros anos de viuvez – ela incapaz de enfrentar seu próprio sofrimento – me cortavam o coração. Pouco antes de ela partir, eu cogitava depressão, sem jamais ter comentado isso com ninguém. É difícil falar sobre isso, mais ainda no interior de São

Paulo, onde minha outra avó morava desde que chegou da Itália, e onde meu pai nasceu.

Minha avó paterna não completou o Ensino Básico. Seu único vínculo com a letra escrita, tirando suas ocorrências mais mundanas, era com a palavra religiosa. Nos seus últimos anos – liga infeliz de preguiça, amofinação, melancolia e degeneração ocular –, ela parou de ler. Seu único compromisso, além dos domésticos, era o culto. Depois, em casa, ouvia fitas cassete (e mais tarde, CDs) com sermões gravados ou com a narração da bíblia.

Dizia-se que minha avó estava perdendo o próprio letramento, a julgar pela dificuldade crescente em compreender embalagens e enunciados escritos. Não sei se isso é possível. Mas o português não era sua língua materna. O italiano já havia desaparecido quase por inteiro. Papagaiava algumas poucas frases prontas que restaram, quando contava sem ânimo da infância siciliana. No fim da vida, minha avó – por quem eu gestava progressiva indisposição, pois nada além do próprio penar a interessava – tornava-se ágrafa.

Os biombos da biblioteca tornaram-se mesas de refeitório. Subo a escada rolante e sento com meus pais. Na bandeja, embalagens plásticas, como as de comida de avião. Será que comíamos os livros? Murilo Mendes se referia à sua infância como o tempo em que “era antropófago”, pois devorava os livros, que são feitos da matéria humana.

Passo apuros cruzando um corredor cheio de armadilhas e alçapões, à Indiana Jones (ou como o último ato de *Metal Gear Solid 4*). Sinto a dor de ser ferido por elas, uma dor genérica, que me

vejo sentir por trás das costas, e que me faz brilhar vermelho momentaneamente. O corredor dá para a próxima cena da trama, em que serei torturado em interrogatório por um dos exércitos rivais.

Não sonhei com a tortura.

Numa das últimas fases do sonho, me dizem que a base inimiga fora explodida poucos dias atrás, o que significava grande avanço do exército dos mocinhos, do qual eu, naturalmente, fazia parte. Perguntei a um de meus companheiros quem havia feito isso. Foi o Milton. Ele havia faltado ao aniversário da filha para dar cabo ao plano: ser preso numa cidadezinha no interior do sertão, infiltrar-se e instalar a bomba, tudo naquele final de semana. Me espantei com o acontecido e admirei o feito, que era o meu objetivo final.

Meu analista me perguntou o que eu fazia do sonho. Disse-lhe que o peso ético e moral da violência perpetrada por Hatoum era irrelevante. O que importava era a etapa cumprida para a compleição do jogo. Dias antes, havia assistido a um vídeo em que Milton falava de seu romance *A noite da espera*. Nele, o protagonista narra melancólico seus anos de formação, coincidentes com a ditadura. A angústia do livro de Hatoum é, de certa forma, também a que me mobiliza a escrever.

Em 2018, deu no Datafolha que as Forças Armadas foram consideradas mais uma vez a instituição mais confiável do país. O governo militaresco vigente venceu o pleito 23 dias depois do aniversário de trinta anos da Constituição Cidadã. E, lendo um brasilianista uns meses atrás, uma ficha me caiu. Sua intuição foi

chamar os avanços institucionais e democratizantes dos últimos trinta anos de *exceção*, e não regra, na história do Brasil.

Que razões tenho em acreditar que sou aquele personagem no sonho? Que seria eu quem está no controle (como em *The Stanley Parable*)? Haveria, então, na síntese shopping center-biblioteca algo a falar por mim? Seria eu Geovani Martins, comendo, silente, desconfiado de quem chega ao refeitório? Seria Chico César o representante do subdepartamento músico do meu superego, me reprovando? Ou então seria eu uma das garrafas ao ar, ferindo de morte algum passante, deixando órfãs duas filhas pequenas, e interrompendo o passeio público na cidade que existiu inteira, por um breve instante, no caldo sulfuroso que produz essas palavras?

Quando me vejo em cena, costas arqueadas à frente, presença a cisão entre corpo e mente, personagem e jogador, dito e não dito; *fantasma e máquina*, amarrados pelo barbante fino da linguagem. Não confio nesse elo; mas é o fio que me resta por essas vielas impalpáveis.

Seria eu então a sala de tortura?

Talvez esteja lá o nome da minha avó.

Terminal

Dóris Camacho

Caminhando pelas ruas do bairro, notei um sobrado reformado, com cara de bolo que saiu do forno. A placa com letras desenhadas a ferro e pintadas de branco balançava, e entre um movimento e outro lia-se *Salão de Beleza*. Toquei a campainha, o portão abriu e subi a escada de piso de caquinhos de cerâmica vermelha, de poucos degraus, que dava num alpendre. A decoração era simples e caprichosa – samambaias suspensas, um banco tipo namoradeira encostado na parede e quadrinhos com frases de boas-vindas. Fiz as unhas da mão.

Voltei na semana seguinte e na outra e na outra, pedicuro, depilação, tintura, até escova. O cabeleireiro de luxo que eu frequentava foi ficando para trás, voltava só para cortar, fiel às tesouras do Humberto. Quando dei por mim, era cliente habitual do salão do bairro – manicure toda semana, casadinho pé e mão a cada quinze dias, de preferência com Alice.

Quer escolher a cor do esmalte? Eu me sentava na cadeira de cliente e ela se apumava em sua unidade móvel, um

banquinho almofadado que a rebaixava à altura dos meus joelhos. Alice entendia meu olhar constrangido e o retribuía curiosa, feito criança em festa de adultos. Dava vontade de pegá-la pela mão e transportá-la para outro tempo, quando a profissão era mais digna.

Na época da minha mãe, a manicure recebia a cliente como uma anfitriã. As duas mulheres sentavam-se em cadeiras iguais, sem braço, uma defronte da outra, intermediadas por uma mesa estreita, com pés em estilo palito. Vidas cruzadas, olhares paralelos. Sobre o tampo de fórmica colorida, recortes redondos encaixavam cumbucas de metal, uma com água morna, para a cliente pousar os dedos e amolecer as cutículas, e outra para a manicure depositar algodões com excesso de esmalte. Abaixo do tampo, duas gavetas, uma com instrumentos de trabalho e outra com esmaltes, que ao ser aberta causava excitação. *Vamos escolher a cor?* Era como se o destino da noite dependesse daquela cumplicidade. Unhas e sedução. Revezamento de confissões, sem padre nem penitência.

Hoje o tempo é ansioso. Você chega no salão e escolhe a cor antes de sentar na cadeira de cliente. Se a manicure for gentil, elogia a decisão, Fúcsia Profundo, vai ficar lindo. Senão, já parte para os procedimentos, torcendo para você conseguir usar o celular e não borrar a unha que ela acabou de esmaltar, pensando que ainda tem que buscar as crianças na casa da mãe, fazer a janta, arrumar a cozinha e, se tiver ânimo, brincar com o marido. A manicure de hoje é ágil. Desliza o carrinho pelo chão, encaixa-se entre a parede e a bancada do cabeleireiro ou espreme-se abaixo do lavatório, ao lado das pernas da cliente que debruça a cabeça para trás, na cuba

de lavar cabelos. A manicure de hoje vive de comissão e gorjeta. Se for demitida, em seu lugar aparecem duas. Feito minhoca.

Alice não tinha pressa, nem filhos, nem marido. Morava com duas irmãs mais velhas, uma que trabalhava em hospital e outra que lhe ensinara a profissão. Cuidaram dos pais doentes que duraram uma eternidade. *Papai veio pequeno do Japão, trabalhou na roça. Conheceu mamãe no Ceasa. Ela trabalhava numa banca de flores. Ele descarregava caminhão de frutas.* Manipulava o alicate com a precisão de um sushiman, removendo o excesso de cutícula com obsessão e cuidado. *Tá doendo aqui, nos cantinhos?*

Quando eu tinha pressa, marcava com a Zuleide, também antiga no salão, mas rápida no serviço. Zuleide tinha seu próprio ritual. Antes de entrar em cena, fincava os ísquios como raízes no assento do banquinho, posicionava o tronco ereto e alongava os braços. Inspirava fundo e soltava o ar algumas vezes, como se fosse enfrentar uma maratona. Começava a lixar minhas unhas, colocava o algodão molhado para umedecer as cutículas e não esperava muito tempo para removê-las, com seu alicate esterilizado e afiado. Mal terminava a primeira mão e suas costas largas se curvavam. A cabeça, meio que retrátil, desaparecia como tartaruga no casco. Suas lentes grossas quase tocavam minhas mãos, tentando aproveitar a luz que escapava do espelho camarim que iluminava a bancada do cabeleireiro. *Que nada, estou acostumada. Chego em casa, tomo um bom banho e fico nova. Alice está muito magra, reparou? Só come miojo ou pão com manteiga. Eu pego no pé dela, mas não adianta. Ofereço um pouco da*

minha marmita, comida caseira, faço para todo mundo lá em casa, uma delícia. Ela não aceita. É orgulhosa.

Soube do aniversário de Alice e levei um batom de presente para ela. *Obrigada. Cor de boca, do jeito que eu gosto. Já tive namorado. Um só. Faz muito tempo. Ele me achou pelo facebook, acredita? Quer me encontrar. Até pensei, mas tenho medo. Dói?* Perguntei o que temia e ela cochichou. *Eu nunca, nunca mais, nem beijei... Entende? Como é o nome? Nunca ouvi falar, nem sabia que existiam essas coisas... Tenho vergonha de comprar. Na farmácia? Me passa a foto pelo zap?*

Por alguns meses, as idas ao salão de beleza foram suspensas pelo isolamento social. Mesmo depois que a prefeitura liberou a reabertura, resisti. Até que olhei minhas unhas, roídas pela pandemia, e arrisquei. *Olá, como vai? Mão, hoje? Tem horário, sim. Não, Alice não vem hoje... Zuleide também não. Tem a Jô e a Tábata, são muito boas. Ainda trabalham, mas só vêm quando a cliente faz questão, tem que avisar um dia antes. Não tem risco para elas nem para a senhora, seguimos o protocolo. Não quer aproveitar hoje, com a Jô? Certeza? Ok, casadinho pé e mão com Alice, sábado que vem.*

Alice me recebeu com entusiasmo, nossos cotovelos se beijaram e seus olhos estreitos, à beira da máscara, pareciam ainda menores. As raízes brancas no couro cabeludo expunham a idade e a falta de dinheiro. *Faço questão de escolher seu esmalte, chegou cor nova.* Ao vê-la se dirigir para a outra sala, seu andar me pareceu incerto. As pernas rígidas, os passos curtos. E os quadris desaparecendo na calça preta desbotada.

Olha que lindo esse, Morango Mistério. O mesmo nos pés e nas mãos? Você acha? Uma cliente me disse a mesma coisa. Me chamou na casa dela e fez questão que eu jantasse, acredita? Fiquei sem graça, mas não podia fazer desfeita. Lixa ou esfolia? Ando sem apetite. Dor de cabeça, preocupação. Onde minha irmã trabalha fazem rodízio entre as manicures. Aqui não, só indicam as mais novas. Outro dia quase caí no terminal. Terminal Pinheiros, lá tem wi-fi. Se me mandarem um zap eu venho, é rapidinho. Uma tontura, de repente. Ele que me segurou. Elísio. Motorista, meio barrigudo. Moreno escuro, sabe? Parece honesto. Faz a linha São Paulo-Sorocaba, mora lá. O outro pé, por favor. Agora, sempre que me vê, para e conversa. Me convidou para comer uma esfiha, fui por educação, ali pertinho, só tomei uma coca. Viúvo, cuidou da mulher até o fim. Elogiou meu batom, aquele que você me deu, acredita? Marca boa dura mais. Vou cutucar um pouco. Dói? Eu gosto de lá, fico na internet, vejo movimento. O banheiro é uma beleza, às vezes dou até um dinheirinho para as moças da limpeza. Sabe como é, relacionamento. Outro dia apareceu um rapaz de perna de pau, ficava andando lá de cima, sorrindo e distribuindo máscara. Me deu uma, pedi mais duas, para as minhas irmãs. Ele deu. Aprendi massagem do-in, vi no YouTube. Quer experimentar na próxima vez? Agora?

Quinze dias depois, voltei a ligar. A senhora não soube? Caiu no terminal. Chegou a dar entrada no hospital, mas não resistiu. Alô? Quer marcar com a Zuleide? Ou com a Jô?

Ligações

Pedro Racy Cirri

Quatorze ligações perdidas em uma hora. Todas da mesma pessoa.

Oi, nonna. Está tudo bem?

Você não atende o telefone?

O meu telefone fica no silencioso – eu havia silenciado ao ver “Nonna” no visor e virado o aparelho de costas.

Você conseguiu falar com o seu pai?

Não consegui – nem sequer havia tentado.

Liga para ele de novo – encerrando sem se despedir.

Ela ainda deixa mensagens de voz. Mensagens, plural, uma para cada ligação, escalonando o tom entre a primeira e a última, como se eu a tivesse ofendido telepaticamente entre os recados.

Quando ouvem o termo “nonna”, as pessoas pensam em mesa farta, no barulho de falas sobrepostas, em garrafas de vinho transitando de mão em mão, em abraços apertados e naquele carinhoso tapa na bochecha.

Não conhecem a mãe do meu pai.

Ao longo de nossa coexistência, seu humor se manteve constante. Constantemente áspero, se deslocando no tempo através de atrito, com aquela cara azeda de quem não conhece leveza. Pelo contrário, todos os trejeitos, até os mais discretos, são pesados. A postura curvada, os ombros fechados e a cabeça caída como se fosse mais suscetível à gravidade do que outros idosos.

Talvez seja.

Não consigo resgatar nenhuma cena de alegria, nem as espontâneas, aquelas felicidades que te tomam de surpresa. Seus lábios parecem petrificados numa forma arqueada, como se precisasse de fisioterapia para sorrir.

Dá para dizer que houve um divisor de águas. Não da felicidade para a tristeza, mas do mal ao pior, ao ponto sem volta.

Faz cinco anos.

Era um domingo cedo e eu estava enrolando para me levantar, criando coragem para superar o que eu achava que seria o momento incômodo do meu dia, ir até a academia sob chuva. Olhei o celular e vi várias chamadas da mesma pessoa. Não, não era a minha avó, mas meu pai. Talvez seja um lance genético.

Se bem que ele não é de insistência e poderia ser urgente.

Estava certo sobre a urgência e muito errado sobre qual seria a parte incômoda do meu dia. Teria que ir até o apartamento da minha avó antes que ela saísse para visitar meu tio na clínica.

Filho, corre. Tem que chegar antes que ela saia.

Nas raras vezes em que a visitava, ela ligava a televisão para abafar o silêncio constrangedor que se impunha entre nós, um

clima que se instaurava logo após suas reclamações. Falava de mim, dos meus irmãos e do meu pai, sustentava por alguns segundos a ausência de palavras e, então, aproximava o controle dos olhos, quase encostando-o no nariz, identificava os números e sintonizava o canal italiano. Como a Rai era o único disponível no seu pacote da NET, o espaço entre nós era preenchido pelos excessos dos programas de auditório. Excessos de bronzamento artificial, de tintura capilar, de plásticas faciais, de clareamento de dentes e de sorrisos falsos. Todos sorrindo e dos modos mais artificialmente naturais. Assim passávamos a maior parte dos nossos encontros, assistindo a sorrisos, ela de cara fechada e eu esperando dar um tempo mínimo para ter a sensação de dever cumprido.

Dessa vez seria diferente, o assunto preencheria o espaço. Só não sabia como introduzi-lo. Então, sabe o seu filho, ele...

Devo ter entrado em seu apartamento perto do meio-dia, pois ela já estava terminando o almoço. Ainda que colocasse uma almofada acima da cadeira, continuava pequena em sua própria mesa de jantar, um descompasso acentuado pela curvatura das costas que a levava para a frente e ainda mais para baixo, como um corredor de tiro curto prestes a cruzar a linha de chegada. Ela, ao contrário, era de longas distâncias. Naquela época, somava 93. Invernos, não primaveras.

Sua empregada não devia ter avisado quando interfonaram da portaria, pois se mostrou surpresa ao me ver entrar. Sem interromper o ato de fatar um pimentão assado, fixou-se em mim e, enquanto os talheres ainda se moviam, ensaiou um meio sorriso

e arregalou os olhos. Tudo isso com vivacidade, rápida, como quem está em dia com os estímulos externos, atenta ao entorno. Fazia tempo que ela estava mais disposta, já não reclamava sobre seu joelho, sobre suas costas ou sobre cada membro da família.

Esse foi o período em que seu filho adoeceu. Adoeceu suspendendo daqueles ombros curvados o peso de uma vida sem sentido, trazendo idas à clínica, passadas à floricultura, organização de novas contas a pagar, ligações com médicos para se inteirar do caso e com os poucos conhecidos para dividir as novidades. Adoeceu trazendo vida.

Que surpresa. O que está fazendo aqui? Já estou de saída para a clínica – num tom energético de gente atarefada.

E agora?

Direto, tipo band-aid arrancado? Seu filho morreu. Gramaticalmente simples, apenas uma oração. Mas não seria somente uma oração, seria o fim de suas orações e o fim de todo aquele engajamento.

Sem deslocamentos diários, sem floricultura, sem almoços corridos, sem pensar em cifras, sem ligações para dividir novidades e sem esforços para compreender termos técnicos.

Perderia, também, qualquer esperança de melhora. Confrontaria a realidade postergada, de que seu filho já tinha partido, de que ela visitava uma memória de poucos movimentos e nenhuma cognição.

“Já estou de saída para a clínica.” É estranho pensar na atmosfera que a atravessava, na sensação de ocupação que afetava

até o fatar da faca e o ritmo da mastigação. Aquele ar de eficiência que não abre espaço à indefinição, de quem se apropria dos porquês. Almoçava com tempo apertado, pegaria um táxi, passaria algumas horas com seu filho, conversaria com o médico e voltaria pensando nas ligações da tarde.

O óbito já estava registrado e o corpo frio, só que ela mantinha os trejeitos de gente ocupada. Com cada ação norteada por uma missão, por sentidos que afastavam os outros elementos cotidianos ao segundo plano.

Antes de o filho adoecer, sentar na poltrona, diante da televisão, não era um modo de descansar e esfriar a cabeça, mas sim de ocupá-la. Pode até parecer um detalhe, mas indica as fronteiras entre vigor e melancolia.

É estranho estar no divisor de águas ciente de que se trata de um divisor de águas.

Aqui, esses segundos.

Basta falar.

Pensei sobre o pimentão que ela saboreava. Ardido e indigesto se comido cru, mas agradável com o preparo correto. Então talvez haja uma saída, um modo de tornar a notícia menos incômoda.

Falando sobre o sofrimento que trazia a permanência naquele estado vegetativo?

Pedro? – erguendo uma sobrancelha inquisitiva.

E se eu trouxesse um contexto maior? Numa carta à irmã de um falecido amigo, Einstein havia escrito algo como “ele partiu desse mundo pouco antes de mim, mas isso não tem significado.

Pessoas como nós, que acreditam na física, sabem que a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão.”.

Claro, nada como um pouco de física para apaziguar um luto.

Bípede ou vegetativo, era seu filho.

Ela continuava me olhando. Olhando e mastigando.

Nonna, o Franco morreu.

Band-aid arrancado, ferida exposta.

Mais silêncio. Nenhuma reação.

Será que o aparelho de audição está ligado?

Nonna? – em volume mais elevado – *o Franco...* – não precisei concluir. Os talheres ainda suspensos foram largados e se chocaram contra a porcelana, causando um barulho estridente. Nunca tinha visto alguém tomado pelo choque. Não baixou a mão, depositando os talheres sobre a mesa, para então endereçar o assunto, os soltou como se não tivesse força para segurar um garfo.

A força havia migrado para as cordas vocais. *Como???? Como ele morreu? Ele estava vivo ontem! Ontem!!*

Não sei. Só sei que morreu. Acho que parada respiratória – talvez tenha misturado parada cardíaca com algo respiratório. Estava nervoso. O largar dos talheres e a entonação daquela pergunta apontavam numa direção indigesta.

Já vi muitos choros, mas nada que servisse de preparo. Em crianças, choros descontrolados chegam como naturais, a recorrência familiariza. Não num adulto, muito menos numa idosa.

Curvava-se ainda mais, deixando visível sobre a mesa apenas parte das costas e perdia o volume da voz enquanto

tremia, como se deixasse de chorar com o rosto e chorasse por espasmos.

Dor sem fronteiras é diferente, se espalha e ocupa espaço, mesmo sem convite. Me apoiei na cadeira mais próxima para permanecer em pé, sustentando a sensação de ser invadido contra a minha vontade. Meus ombros se fechavam, meu peito afundava e as lágrimas me escorriam sem contenção.

É forte ver uma pessoa exposta, entregue a emoções sem controle de si. Uma visão que encurta a distância, encolhe as diferenças e realça um elo que sempre esteve lá, camuflado.

Cheia de arestas e conflituosa, agora ela estava sujeita a uma humanidade crua, sem barreiras, críticas ou cara fechada.

Assim passaram os minutos seguintes, ela debruçada e eu de rosto virado para a parede.

Ambos chorando, sem trocar palavras e muito menos olhares. Continuava sem saber como agir, uma parte de mim queria sumir e outra reconfortá-la.

A perda de intensidade do choro e a aquietação da respiração abriam espaço, escancarando minha estranheza. Estiquei o braço em direção às suas costas, alisando-as num vaivém. Um movimento que, em vez de evoluir para um abraço, foi se tornando mecânico e sem contexto.

Continuávamos em silêncio e sem troca de olhares, realçando a frieza do vaivém.

Mais segundos e nenhuma palavra de acolhimento me socorria.
Vai, qualquer coisa...

O que na morte dele te deixa mais triste? – ahhh, aproveita e já fala de Einstein.

Como assim? Ele morreu.

Sim... sim, morreu... mas o que disso é pior?

Agora estou sozinha.

Como sozinha? E o meu pai?

Seu pai é um merda. Estou sozinha. Sem ninguém.

Sozinha. Sem ninguém que se importasse a ponto de bancar suas brigas. Esse laço, ainda umbilical, se rompeu com a morte do Franco. Amor se revestia de raiva, como se brincassem de contrário e gestos fossem lidos em negativo. Vendo de longe, pareciam se odiar.

Talvez essa fosse a base do amor, o fato de que ambos sustentavam o desconforto dos conflitos cotidianos, não viravam as costas como quem zela por si, buscando respirar fora daquela névoa tóxica. Convictos da permanência, de estarem lá um para o outro, numa parceria não condicionada à qualidade das falas ou à frequência dos sorrisos. Enquanto se xingavam, silenciosamente demonstravam ser seus respectivos portos seguros.

“Seu pai é um merda.”

Ainda adolescente, ele fez as malas e virou as costas em busca de ares puros. Ironicamente, em direção a Porto Seguro, Bahia.

Ela permanecia em silêncio, de cabeça baixa.

Possivelmente, percebendo o esvaziamento, ouvindo um zunido do escape que murcharia seus gestos, desafinaria o tom de

gente ocupada e sugaria o ritmo de suas falas. Agora, nada inflaria seu corpo, impelindo ao movimento.

Levantou-se com dificuldade, apanhou sua bengala, dirigiu-se à poltrona, aproximou o controle remoto do nariz e ligou o canal italiano.

Ainda em pé ao lado da mesa de jantar, percebia aquela cena como o prenúncio do que lhe restava. Acabei me deslocando até o sofá e me sentando ao seu lado. Olhava em direção à televisão, mas não se atinha às imagens, olhava atravessado, sem se fixar, suspensão num vazio preenchido por vozes distantes.

Amanhã, sairia do quarto e se sentaria nessa mesma poltrona. Se deslocaria até a mesa do almoço quando a comida estivesse pronta para voltar à poltrona até o anoitecer. Não apenas amanhã, mas em todos os dias que lhe sobravam. As visitas, movidas mais por obrigação do que prazer, seriam esporádicas e de curta duração. Suas atividades se resumiram ao alcance do braço. Controle remoto e telefone, cuja base ficava ao lado da poltrona. Passaria os dias entre programas de auditório e discagens compulsivas.

Nonna, quer que eu passe a tarde aqui com você? – num tom de voz que não escondia a minha vontade.

Não. Quero ficar sozinha.

O sonho do viajante

Cristina Coin

Na noite da queda, percebi sua expressão de dor. Estávamos sozinhos na cozinha, no último café. A história já havia terminado, mas parte dela ainda estava entre nós. Quem sabe se com aquele movimento estivesse representando o viajante dormindo. O viajante cansado do sonho dentro do sonho. Uma fumaça invadiu todo o espaço. O brilho da lenha queimando na lareira, labaredas iluminavam o seu rosto. Senti um formigamento que começava na ponta dos dedos das mãos e se ramificava por todo o meu corpo, até o nariz, até mesmo os olhos formigavam como se o meu sangue falhasse nas veias e artérias. O calor também foi profundo e doloroso. Eu estava com ele, o meu pai, o contador de histórias e ele no chão imitando um viajante dormindo.

Não concordo com a decisão de minha mãe. Essa história de me proteger é uma mentira enorme que ela inventou, uma desculpa para se livrar de mim, pois desde a queda de papai ela não diz coisa com coisa, não sabe nem pronunciar o meu nome, o nome que ele escolheu com tanto amor: Ifigênia. Geni é outra pessoa, alguém

que não mora mais em mim. Escrevo para pedir ajuda: estas palavras são um SOS riscado no chão de uma praia. Não seria má ideia colocar este papel dentro de uma garrafa e lançá-la ao mar. Papai certamente vai aprovar.

Há muitas pessoas estranhas por aqui. Elas, sim, precisam de cuidados especiais; mal conseguem se alimentar sozinhas, controlar suas forças, seus gritos. Durante o dia, tento buscar palavras para poder entabular alguma comunicação com elas porque, apesar dessa condição em que me encontro, ainda quero conversar com outras pessoas além de papai. Não me entendem, tampouco compreendo o que querem. Nem mesmo Lourdes, que é praticamente da minha idade e tem até um olhar gentil, suporta alguns minutos de uma conversa sã. Ela insiste em repetir a mesma história todos os dias: o cão farejou e descobriu o corpo da boneca enterrada no jardim; a boneca foi desenterrada, lavada e vestida com uma roupa de bebê; no outro dia, apareceu enterrada novamente e foi encontrada pelo mesmo cachorro. São histórias que voltam para o mesmo lugar, não avançam e isso me parece insuportável. Eu disse para a minha mãe que não queria ficar ali com Lourdes. Sim, ela é da minha idade, mas é uma jovem que se preocupa muito com essa boneca enterrada. Poderia me fazer companhia, quem sabe até se tornar minha amiga, porém não quero amigas que pensam em bonecas, já estou crescida. A última ficou guardada no baú de brinquedos, isso foi bem antes de o papai cair no chão.

Em casa mamãe tentava contar tudo o que acontecia em seu trabalho, esse ofício enfadonho que realizava havia anos.

Nada mudava naquela repartição cheia de débitos e créditos e pessoas que faziam contas e choravam as mágoas de uma vida tão sem sal. Papai, sim, enchia a mesa de jantar com histórias emocionantes sobre parentes e amigos. Anedotas, como ele dizia. Histórias que sabíamos de cor e, assim mesmo, nos alegrávamos em ouvir novamente. Contava também narrativas que nasciam em livros, e que replicava como um verdadeiro contador para nós, que tínhamos ouvidos tão abertos. Que impressionante ouvi-lo. Piratas, magos e poetas invadiam nosso encontro familiar noturno. Como filha mais velha, cabiam a mim os efeitos especiais: um grito, a carruagem chegando, o pássaro que cantava lá longe, a velhinha que batia na porta.

A do viajante não me sai da cabeça, até porque é a que ele continua a contar em suas visitas. Ao anoitecer, depois de um dia de caminhada, o viajante resolveu parar para dormir e encontrou uma cabana no meio de uma floresta. Havia nela lenha numa lareira e um colchão velho. Ao adormecer, sonhou que era um viajante que entrava em uma cabana e se punha a dormir e sonhava que era um viajante que encontrava uma cabana e dormia... Sempre aquecido pelo fogo. Insisto para que conte outra história. Em vão.

Ele chega no fim da tarde, na hora em que o sol está mais perto do horizonte. Meu coração dispara e um suor fino escorre pela testa. Alegria e ansiedade se misturam. Eu percebo os sinais e me preparo para esperá-lo. Sento no travesseiro que coloco no chão, apesar da fronha infinitamente branca, no quarto que não se parece em nada com o meu, aquele que deixei em casa, e olho pela

janela esperando a escuridão entrar e, com ela, sua presença. Qual história me contará? De novo a do viajante? Às vezes até grito com ele, pedindo que mude o enredo. Filha, você precisa voltar pra casa, ele sussurra, como se estivesse fazendo a voz de um de seus tantos personagens. Como fazer isso se estou aqui desde a noite das labaredas? Mostro minhas mãos e a cicatriz da queimadura.

Hoje eu não tô pra ninguém

Carolina Delboni

Ela queria que eu cortasse só as pontinhas do seu cabelo. Tá calor, passa a tesoura aqui, vai. Imagina! Vai que erro. Passei, não. Ela ficou inconformada. Como você não tem coragem de cortar o cabelo de uma pessoa? Eu tinha, mas não o dela. Não o de quem cortou o meu por tantos anos. É preciso muita audácia pra tocar no passado.

Yolanda Maria já tinha tomado café e estava na sala lendo os jornais atrasados, que costuma guardar na esperança de quem sabe um dia. No braço do sofá, uma tesoura. Vem cá, recortei esse artigo aqui pra você ler. Brigada, mãe, depois eu leio. Vou comer um mamão, quer?

Ela tinha tempo pra tomar quantos cafés da manhã quisesse. Tinha tempo para desfrutar o mamão já cortado sobre a mesa e repetir a xícara de café. Os meninos já iam entrar na aula *online* e Daniel já começava a turnê de *calls*. Eu aparecia de vez em quando. Ela tinha companhia. Não estava só.

Os silêncios da manhã estavam preenchidos e pareciam ser a melhor presença para os dias que se sucederiam. A gente tinha uma semana juntas e ela, que viveu à beira de tantos mergulhos, podia dormir e acordar segura, estava longe da solidão.

Vó, aonde você vai? Dar uma voltinha. Não quer ir mais tarde, eu vou com você? Depois a gente vai de novo, Pedro. Tirou da bolsa um daqueles elásticos usados em papelarias pra amarrar coisas burocráticas e prendeu o próprio cabelo. Ela tem calor na nuca. Fez um rabicho com o cabelo curto e recuperou a temperatura do corpo.

A previsão dizia que faria sol de segunda a segunda. O céu anda mais azul do que nublado, o vento tá com jeito de brisa e não dá conta de secar o suor que escorre pelo pescoço. De cabelo preso e a nuca livre, Yolanda Maria saiu para caminhar. E era bonito observá-la na praia. Fiquei de longe pra não atrapalhar. Era só uma espiada.

Caminha como quem tem calma – talvez a tenha. Cruza os braços para trás do corpo, abre o peito e segue pela areia ora fofa, ora firme. O corpo nem ameaça cair, mesmo sendo uma estrutura já frágil que se sustenta com o apoio dos quinze parafusos de metal ao longo de discos e vértebras na coluna.

Os pés na areia parecem encontrar fundura suficiente para que as raízes perfurem e encontrem sustento. Diz que areia é fofa para que a gente ande de maneira mais morosa – ou amorosa. Yolanda Maria sabe disso. Ela dança quando está perto do mar.

O mar muda muita coisa na gente. Muda o compasso.

Voltou com o cabelo molhado, a pele viva e a mão cheia de coisas. Tinha uma muda de bromélia que encontrou no chão,

conchas, uma lasca de embaúba cheia de fungos e uma pata graúda de caranguejo. A natureza é um espetáculo, repetia enquanto colocava cada objeto sob o móvel ao pé da cama, no seu quarto. Olha, Felipe, essa aqui eu peguei pra você, quer?

Yolanda Maria me faz pensar sobre os caminhos. Do que a gente vê neles e descobre por eles – ou do que a gente perde deles. Ela parece ter sempre um encontro a fazer por onde passa e sai cheia. Dos galhos que recolhe e põe numa caixinha de guardar ou apenas das pausas que sabe fazer.

Está sempre carregada de coisas por dentro. Algumas são fortalezas, outras ela permite à gente olhar. Mas só olha, não põe a mão que é muito delicada. Yolanda Maria é como um armário com chave, cheia de episódios distribuídos em caixas, gavetas, cabides e sacolas plásticas. Sempre tem uma a tiracolo, anda com aquele saquinho verde de supermercado enrolado e amarrado, bem compactado, dentro da bolsa. Tem necessidade de levar algo pra dentro de casa. Algo que vai se somar às tantas sacolas fechadas no armário.

Desta vez, eram galhos, lascas, flores e folhas. Ela sempre precisou das plantas por perto. Tem “a mão boa” como se diz por aí. É capaz de fazer árvores darem frutas em vasos. Vó, o que você vai fazer com essas coisas? Plantar, Felipe. Plantar sempre foi uma saída. E cada vez que ela água suas plantas, ela se água um pouquinho também. Entendi que plantas, ou flores, servem pra ajudá-la a dispor os olhos dentro dos olhos. Flores servem pra isso. Pra gente inverter o olhar e ser capaz de regar pulmão, fígado e o próprio sangue. Um pouquinho por dia, a cada dia.

Felipe, vamos com a vovó ali numa casa pegar uma muda de primavera?

E cada dia, um pouquinho por dia. Nem todo dia tínhamos flores, mas todo dia tínhamos um tico de delicadeza. Instalamos rotina e, de manhã, ela saía sozinha para caminhar. Sozinha. Mais tarde aceitava companhia minha ou dos netos, mas primeiro precisava sentir-se livre e inteira. É preciso estar só para se estar inteira.

Fernando, tá tão bom aqui! Você precisa ver.

Ela desliga o telefone e eu pergunto como ele está. Mãe, e suas amigas, cadê elas? Ela faz silêncio. Hoje resolveu que não está pra mais ninguém.

Pra quem anda ao compasso da brisa, o dia tinha demandado muitos afazeres. O rapaz veio arrumar a janela que emperrou e aos 2 metros de distância implementamos mais alguns. Jeová resolveu que hoje era dia de cortar a grama e limpar as pedras do jardim. A bicicleta do Felipe estava com problema no freio e fomos até o Elias. Ele é dono da vendinha aqui da praia e achou que era uma boa ter ao lado uma bicicletaria, já que todo mundo se locomove com as duas rodinhas.

Lucas fez bolo de cenoura, mas faltou açúcar pra calda de chocolate. Acabar o açúcar em dias como hoje é desorientador. Os meninos ficaram brigando pela raspa da panela e o bolo não durou o tempo de lavar a louça. Lucas disse que fez pra vovó e só ela podia repetir. Repetiu.

Quase noite, Yolanda Maria ajudou Felipe a fazer uma casinha de papelão para o gato que se instalou na porta de casa. Colocaram ração das cachorras num potinho e água em outro. Não quis ver jornal, queria ver filme com os meninos. Tem fugido do noticiário. Tem fugido também da melancolia.

Às vezes tem coragem de fugir da saudade que carrega. Foge do cotidiano que se instalou. Dos pensamentos que cutucam as bordas do seu cérebro. Foge de ser alvo fixo. Retira-se como possibilidade única de existir no presente. Um mecanismo absolutamente humano. E ainda que achem por endereço, por moradia, por vezes apenas não atende. Se dá o direito de não estar – para estar. É jeito de encontrar saídas.

Vó, tem alguém te ligando.

Hoje eu não tô pra ninguém.

Timbres incansáveis

Carime Elmor

Sabine Holler passava um tempo em um apartamento na Barra Funda. Tinha vindo a São Paulo para shows entre setembro e outubro de 2018. Fez questão de marcar seu voo de volta para Nova York um dia após o primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras. Mora no Brooklyn e tem carinho por Chinatown, seu lugar preferido no mundo. Assim como ela, aquele enclave parece perdido, com um quê de ausência, uma China no meio de Manhattan, um lugar de *lugar* nenhum. Essa afinidade se torna visível no videoclipe “Hot Sauce”, em que canta de boca cheia numa travessia pelo bairro.

Em junho do ano seguinte, era Björk quem cantava solitária na praia de Gróttá, Islândia, aos olhos de quem estava sob efeito dos óculos de realidade virtual da Björk Digital, exposição imersiva no Museu de Imagem e Som. A cantora de roupa amarela fluorescente e a instrumentação atmosférica de “Stonemilker” se dissolviam na praia de areia preta e céu colorido, com o dia já escurecendo (na Islândia, a luz é escassa nos meses de inverno).

As instalações eram desdobramentos de Vulnicura [2015] e Biophilia [2011], dois álbuns de estúdio de uma discografia iniciada em 1977, quando, aos doze anos, com a ajuda do padrasto, ela lançou “björk”.

Sabine Holler também começou cedo. Marca 2017 como ano de sua estreia solo, apesar de sua primeira obra ter sido um EP gravado com microfones de mesa para computador, comuns no início dos anos 2000. Com quinze anos, ela baixou um software livre de gravação de áudio e lançou o compilado na internet. Seu processo de se autogravar começou ao mesmo tempo que seus dedos tentavam marcar as casas certas no violão, sendo que tocar e compor sempre foram indissociáveis para ela. Hoje, é graduada em Produção Musical por uma universidade alemã e uma generosa parte de seu trabalho é voltada para o manuseio do som. Faz mixagem, edição, testa sintetizadores e pesquisa barulhos. Ainda assim, a voz continua sendo seu principal instrumento. O aparato tecnológico está a serviço dela e da poesia.

Assim como Sabine, a cantora islandesa gosta de assumir o uso de recursos sonoros digitais. Com os melhores estúdios do mundo a seu dispor, produziu Vespertine [2001] à base de samples do próprio notebook. As duas tateiam territórios musicais na fronteira do pop e do experimental – o pop barroco – e exigem versatilidade de seus timbres incansáveis. Enquanto Björk caminha para chegar no futuro do erudito orquestrado, Sabine avança no que será a música indie e alternativa produzida em casa.

**

Naquela ocasião, em 2018, a casa que abrigava Sabine era de Desirée Marantes, violinista e produtora do selo Hérnia de Discos, que lançou a cantora. O apartamento tinha uma garagem-estúdio no térreo e serviu de palco para Sabine e Desirée apresentarem em duo. No segundo piso, uma gata branca com manchas marrons desfilava pela produção poética da Hilda Hilst, reunida em volume único, e pelo *Mulheres incríveis*, da Kate Schatz. Havia instrumentos acomodados nos intervalos da mobília, que consistia em uma mesa de comer e de trabalhar e uma cristaleira de portas de vidro preenchida por copos de cristais vazios, sempre prestes a causarem um estouro. “*It’s, Oh, So Quiet*” foi a música explosiva dos anos 1990 que me fez gostar de Björk. E foi depois de ver Sabine, destemida, estilhaçando o silêncio em seu show, que marquei essa entrevista.

Era uma manhã de sábado, Sabine segurava uma caneca branca com café, vestia uma calça preta larga, com listras finas, e uma camisa solta, azul-marinho abotoada. O cabelo escuro estava preso e repartido de lado. Não fazia muito tempo que tinha ido morar em Nova York, em uma casa que compartilhava com outros artistas.

“Todo mundo que eu conheço foi para lá atrás de um sonho”, disse Sabine Holler, logo antes de seguir contando sobre a amiga que foi aprender jardinagem, a que quer virar padeira e trabalhava em uma padaria com ingredientes orgânicos, até chegar na música que, para ela, parece superar a devoção. “Não há espaço para quem não é bom. A disputa por alcançar é competitiva. Exige que você se dedique muito para isso. Não se pode errar.”

Sua escolha de viver no ambiente musical nova-iorquino tem a ver com o período de transição que atravessava. Em seu álbum de estreia, *Mother of Transition* [2017], firmou consigo mesma um pacto contra a insegurança e o medo. O principal gesto de mudança era o de não mais deixar a ansiedade e a autocobrança se tornarem um impedimento para ser a artista que é.

Quando juntou coragem e determinação rumo a Nova York, Sabine morava em Berlim e já tinha deixado o Brasil havia alguns anos, onde formou em São Paulo, sua cidade de nascença, a *Jennifer Lo-Fi* e a *Ema Stoned*, uma das poucas bandas nacionais de rock instrumental formada por mulheres. Sua permanência na Alemanha foi desfeita ao perceber que aquela cena eletrônica não era bem a que queria disputar. Chegou a formar a *Mawn*, projeto de design sonoro, muito trabalhado em cada mínimo ruído, mas que deixa a desejar na estrutura da imagem completa do som. Essa é a autocrítica que ela faz.

Uma das três integrantes da *Ema Stoned* é Alessandra Duarte, uma mulher alta, de cabelo longo e ondulado, que fez uma aparição pontual em um dos shows de Sabine Holler em São Paulo. Em uma casa na Vila Madalena, enquanto Alessandra lia um texto de autoria própria, Sabine tocava sua guitarra de timbre encorpado, vultoso. No restante do show, sua voz porejava por toda a pele e parede do pequeno palco, posicionando-a nítida e ao centro de uma instrumentalização experimental que deixava brechas de silêncio e espaços somente ocupados pela voz. Um microfone de contato estava colado em seu pescoço. No formato de uma moeda, ele é

constituído por uma pastilha que envolve um cristal de nome piezo, capaz de transformar a vibração das cordas vocais em som. A performance ressoou como um pleonasma: Sabine precisava tanto dizer o que escreveu nas canções que, ao captar o som direto da garganta, reforçava o significado das palavras.

Os duplos sentidos são trabalhados em seu corpo, mas também nas rasuras de seus cadernos de composição, com listas de palavras e frases que escapam de significados únicos. A voz mecânica, como instrumento quase ciborgue, soma-se à que expressa emoções. Por isso, ela abre a boca com tanta autoridade, sabendo que os sons que as palavras evocam não apenas contornam a melodia, mas também criam literatura. A semântica, especialmente na música, tem mais a ver com a língua encostando no dente e a maneira sexual como a glote abre e fecha.

**

Em outra instalação, no Museu de Imagem e Som, Björk devorava os olhos dos espectadores que iam parar dentro de sua boca. A interação com a cavidade bucal da artista era irrestrita, em três dimensões, e em 360°. Não a entrevistei e nem sentei no sofá de sua cobertura de quatro banheiros num prédio de tijolinhos vermelhos em Brooklyn Heights, mas já visitei a sua goela. Aquela metodologia não cartesiana de levar uma pessoa a conhecer o processo da artista demonstrava sua pesquisa de fusão pacífica entre elementos da natureza e do ser humano, da biologia e tecnologia, com um forte lastro da arte multimídia de Matthew Barney,

com quem foi casada até 2013. As interações gráficas em seus mais recentes vídeos, ela chama de sensualidade digital.

Björk é um avatar de Reykjavik, a cidade magnética que leva viajantes de todo o mundo para ver de perto a Aurora Boreal. “*I’m up in the north west Iceland right now and we watched the northern lights last night and they were spectacular!!!!*”, disse ela em uma entrevista ao *The Guardian*. Penso em o quanto poder presenciar o fenômeno corriqueiramente não alterou sua percepção estética sobre o mundo.

Já com Sabine Holler, a conversa na Barra Funda foi prolongada por um passeio na feira da Praça Benedito Calixto. Sabine vive fora do Brasil desde 2013, e queria garimpar nostalgias. Nas bancas de vinil, enquanto buscava por Hermeto Pascoal, ela deu um passo para trás, afastou algumas dezenas de capas e trouxe para perto de si um dos discos. Eu fingia estar distraída tomada pelo impulso de anotar o que via, e me admirei pela intimidade de seu toque na fotografia invertida de Clube da Esquina 2 [1978]. Sabine não se considera de lugar nenhum, mas sua música da vida continua sendo brasileira. “Travessia”, de Milton Nascimento, na voz de Elis Regina, é uma interpretação que nunca deixou de ouvir e perseguir, tentando alcançar todas as notas. Talvez não seja coincidência, e sim uma justaposição sensível, que faz com que essa seja a única música que Björk já cantou e gravou em português.

.....
Carime Elmor (carimelmor@gmail.com), jornalista, nasceu e cresceu entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Colabora em projetos de música e trabalha com jornalismo e comunicação.

Os humores d'água

Marcella Faria

A água no estado líquido não é meu elemento, tampouco seus cristais: o gelo e a neve.

Aquele dia frio começou com chuva. Vivíamos em uma casa difícil de adivinhar; empoleirada atrás de outro imóvel, protegida da rua, um esconderijo. Superando o estado estacionário que é o calor de um lar, andei os três quarteirões. No caminho, nessa ordem: a agência de viagens de vitrine temática; o mercadinho dos dois irmãos argelinos, pistaches do tamanho de azeitonas; o restaurante tailandês de garçons sorridentes; quatrocentas óticas e vinte farmácias (deve haver mais míopes que hipocondríacos); cheiro quente de pão, tão irresistível que me fez mudar de calçada. Às vezes, escolho outro caminho, mais longo e menos povoado, só para atravessar a praça. Mas como os guarda-chuvas são seres voláteis – fogem de casa, se perdem, nunca fazem companhia; hoje acabou sendo mais prudente escolher o caminho mais curto.

Em compensação, escolhi a Linha 10 do metrô, o caminho mais longo, para evitar a baldeação. Assim, pude devanear

contínuo, “recapitular planejando” – um tempo verbal que inventei e adoro – os experimentos que faria.

Ao sair da estação, não vi fila no Museu Cluny e logo entendi o porquê: chovia granizo. Gelo caindo do céu molha menos que água, mas dói mais. Por isso, andei bem devagar. Mais uma vez prolonguei uma duração; tive tempo de olhar se havia livro novo na vitrine da *Compagnie*, e se Champollion esboçava um sorriso inédito em sua cara impávida.

Não havia novidade, o mundo estava entediado com a chuva. Uma constância que me trouxe certa paz, o coração sossegado pelo resto do dia. Pude, nessa ordem: fazer especulações erráticas; ter foco durante as horas de confinamento na sala de cultura de células que viriam; olhar com frescor inédito para os cristais de água ao final do expediente.

Especulações

O Champollion deveria ser feliz. Afinal, ele fez a coisa mais legal do mundo: decifrou a pedra de Roseta. Mas, pelo menos nessa escultura do pátio do *Collège de France*, parece incrivelmente taciturno em sua pose de pensador. Um dia, ainda arranco um sorriso dessa pedra.

Que bonito uma livraria se chamar “Companhia”, querendo dizer empresa, mas também convívio, intimidade. Nunca tinha pensado que “Companhia das Letras” também teria esse duplo sentido, um bom nome.

Os livros são companheiros.

Só ao vivermos uma outra, temos *insights* sobre a nossa própria língua. Traduzir é a melhor forma de entender. Ou seja, a pedra de Roseta é mesmo a coisa mais legal do mundo.

Finalmente, até Caetano Veloso, às vezes, erra: minha pátria não é minha língua. Caetano é danado, até quando erra acerta: um sonho feliz de cidade (a pátria de cada dia) é a minha mais completa tradução (a língua que sou).

Confinamentos

Me infurnei por algumas horas no silêncio das células coradas, cujas vergonhas só o microscópio revela. Em sua etimologia, a palavra célula quer dizer cubículo, pequena cela, clausura. Um bom nome. No laboratório, há a sala de cultura onde cultivamos as células e câmaras escuras, onde as observamos ao microscópio de fluorescência. São salas fechadas, devidamente a parte do mundo lá fora. Sempre adorei estar a sós com as células, é como se não houvesse nada além.

Células são companheiras.

Cristais de água

O silêncio, quase um transe, se quebrou quando Isabelle bateu à porta. Mal dissimulava seu entusiasmo em frases sussurradas: está nevando, vamos subir no teto, todo mundo!

Vieram as escadas de incêndio, passos afirmativos para evitar escorregões.

Sim. Nevava. Cristais de água preenchendo o mapa de Paris. Um sonho feliz de cidade. Uma invasão de ritmo pontilhado que nos fez dançar adivinhando a música. Alternávamos os pares e girávamos. O teto do *Collège* é um observatório, não do Céu, da Terra. Ao longe, o *Jardin de Luxembourg*, alguém disse: deve estar todo branco.

Sem muito cuidado na descida das escadas ou mesmo na subida apressada da infinita *Rue Saint Jacques*, seguimos para o jardim florescido-de-veludo-branco-fora-da-primavera, uma beleza.

Logo começaram os apitos: vai fechar, vai fechar! Preciávamos de esconderijo. Uma escultura em mármore para não destoar do leitoso da neve, um bom anteparo. O pensador emburrado, como Champollion. Chama-se *Le Dépit*, a escultura.

Só depois olhei no dicionário o significado daquele nome. *Dépit*, “a tristeza misturada com raiva que vem após uma decepção”. Me pergunto se, em português, isso não seria “mágoa”? Acho que sim: mágoa, derramada e dura-doura, água.

Permanecemos no fechado do jardim, um esconderijo. Dentro, imersos, molhados.

A água, com seus humores instáveis, era, enfim, meu elemento.

.....
Marcella Faria (almeidapradomarcella@gmail.com) nasceu no Chile, em 1968, e é bióloga celular, inclusive no nome (MarCELLa). Dirige o laboratório de Ciências e Artes da Dactyl Foundation em Nova York, onde investiga as histórias que as células contam – destino, migração, isolamento, reconhecimento, morte.

Eles sentiam a comida

Luiza Fecarotta

Algumas espécies de borboletas se alimentam de lágrimas de outros animais, das quais extraem sais minerais. Beneficiam-se até do nosso suor, como se estivessem nos lambendo – pousam, aquietam as asas, roçam nossa pele, delicadamente. Na fase adulta, há aquelas que simplesmente não comem. Seus sistemas bucais são reduzidos, vivem apenas para reprodução, por cerca de uma semana, e morrem.

O homem, até o mirrado, até o lânguido, até o triste, tem os ossos, a carne, a alma, precisa comer para sobreviver. Precisa também sentir prazer – a alegria à mesa, unida a certa domesticidade, contribuiu para o que chamamos de civilização.

Entre todas as torturas e humilhações sofridas pelos prisioneiros de Auschwitz, é possível ouvir os homens estalando os lábios e rangendo os maxilares enquanto sonham com comida nos relatos de Primo Levi em *É isto um homem?* Eles não apenas viam a comida enquanto dormiam, mas a sentiam, percebiam o cheiro gordo e penetrante e então, acordados, mordiam fundo os mesmos lábios para provocar em si uma dor acessória, diz Levi.

Quando Lili Jaffe chegou a Auschwitz, não era capaz de comer o pão que tinha gosto de serragem. Com o tempo, passou a esconder o mesmo pão duro e seco sob o travesseiro, para que não o roubassem enquanto dormia. Um pedaço de maçã, um nabo, batatas podres e suas cascas eram motivo para viver mais um dia.

Há uma ideia similar na autobiografia do ator alemão Klaus Kinski. Ele foi o quarto filho de um farmacêutico que fracassou como cantor de ópera e passou fome na infância, ao final dos anos 1930. Seus pais roubavam comida para que a família não morresse. Ele se lembra de sua mãe lhe dar a certeza de que iam ter alguma coisa para comer. E era a essa esperança que se apegavam para que conseguissem continuar, de hora em hora.

“A vida, nessas condições, é mais um dia”, escreveu Noemi Jaffe em *O que os cegos estão sonhando*, livro onde recolheu os diários da mãe e trata a fome como a pior privação humana. Nas reflexões que ela tece a partir dos relatos, diz que a necessidade de comer supera inclusive a própria necessidade de viver. Compara o homem faminto a um parasita, a bactérias enlouquecidas, desesperadas atrás de migalhas – “não para viver, simplesmente para comê-las”.

Mas antes de os campos de concentração nazistas se utilizarem da escassez de alimento como estratégia de extermínio, a fome já exercia força disciplinadora nos arranjos trabalhistas. Um médico religioso do século 18 dizia que a fome ensina decência e civilidade e, em última análise, é o único instrumento capaz de fazer um homem trabalhar. Era um seguidor da teoria malthusiana,

cujo autor, o economista britânico Thomas Malthus, propunha uma política de controle de natalidade para que houvesse um equilíbrio entre produção de alimentos e população.

Noemi aventa a possibilidade de a fome arrancar do homem sua própria ética. "Ninguém sabe se a vida, ou, mais absurdamente ainda, os valores de alguém, são mais importantes do que comer, quando não se tem comida."

Quanto mais o homem sente fome, mais animalizado fica; quanto mais saciado, mais civilizado. A suspeita é de que a fome pode destruir qualquer solidariedade, os vínculos e a própria sociedade. Se pensarmos em um movimento inverso – no lugar da fome, a perspectiva do ato de comer – faz igualmente sentido. Comer cumpre não só o papel básico da sobrevivência como estabelece relações entre os seres humanos e com o mundo ao redor.

Quando propus ao psiquiatra e psicanalista Nilson Sibemberg que dividisse comigo algumas perspectivas sobre a fome, ele a tratou como uma experiência real do corpo. Levada ao extremo, disse, faz com que o sujeito pense mais em si e deixe de pensar no outro. Não é algo da ordem do desejo, é necessidade do corpo.

Sibemberg ajudou a fundar o serviço público que deu origem aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) brasileiros, nos quais trabalhou por quase trinta anos. Chamou minha atenção para a existência de estágios distintos da fome. Se no início ainda há energia para buscar comida e saciar a necessidade, quando a fome toma conta do corpo, do ponto de vista da desnutrição, o que aparece é uma avolia, a falta de energia e de vontade extrema. Forma-se,

então, um quadro de marasmo, no qual o olhar se perde, o desejo se perde e o sujeito abandona o corpo. O sintoma psíquico, portanto, é secundário à falta de comida, e decorrente dela. Há que medicar com comida.

Levi propôs uma reflexão sobre a linguagem – e a ideia de que o campo de concentração exige um novo léxico. Fome não era fome, pois a palavra fome pertence aos "homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas".

Noemi me falou algo semelhante. "Minha mãe viveu uma tragédia, e a tragédia é a própria coisa, é a imanência da coisa acontecendo. Eu vivo o drama, a história que se cria sobre a tragédia. E o que a palavra é capaz de dizer? Até onde ela pode ir? Falar da tragédia do outro é muito difícil mas, mesmo com todas as limitações da palavra, é ela que permite evocar a memória. A palavra subversiva é capaz de fazer com que as pessoas se liguem."

Para Noemi, a fome é que causa o extermínio da identidade humana e cultural dos prisioneiros – "a diluição do homem no homem". Com fome, não sentem nem tristeza, nem desejo. Uma morte lenta e constante.

Um psicólogo especializado em pesquisar como as pessoas percebem as sensações diz que a comida é um dos estímulos mais eficazes para modular a atividade cerebral, sobretudo se estivermos com fome. Em seus estudos na Universidade de Oxford, Charles Spence cita um experimento baseado em neuroimagem em que um grupo de pessoas famintas é observado e, diante da imagem e do cheiro de suas comidas favoritas, o metabolismo de seus

cérebros aumenta 24%, mudança significativa no órgão do corpo mais sedento por sangue.

Nada influenciou mais a história da humanidade, nem uma doença, nem uma guerra matou tanta gente quanto a fome. O que deveria nos incomodar, no entanto, é que nada é, também, tão letal e tão evitável. Martín Caparrós, escritor argentino formado em História em Paris, traz essa reflexão em *El hambre*, um tratado sobre a fome no mundo, no qual busca investigar suas causas – o fracasso de uma civilização?

O italiano Carlo Petrini, que fundou o movimento *Slow Food*, já havia me dito que a causa da fome é a pobreza e não a falta de comida. As pessoas morrem de fome porque não podem comprar comida, e não porque a comida não está disponível. É um problema de acesso, ele me contou, usando dados oficiais da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e outras organizações internacionais.

Sempre me inquietou viajar o Brasil para descobrir pessoas anônimas que fazem aquilo que a gente come, seja nas cidades ou nos rincões, e, nos mesmos deslocamentos, conhecer gente que já passou fome. Caparrós trata disso em sua pesquisa. Retoma a ideia de que a fome é uma condição humana desde sempre, quando o homem passava o seu tempo buscando o que comer – penúria e satisfação eram equilibradas para todos.

À medida que começamos a plantar e a criar animais e, portanto, a nos fixar na terra, conseguir alimento passa a representar poder. Mais alimento, mais poder. Obviamente trata-se de um longo

processo histórico, mas num sobrevoo cabe a este pequeno recorte destacar que a diferença de classe e a desigualdade que se instauram a partir daí é o que faz com que alguns comam e outros não.

A fome surge como uma metáfora extrema para tudo o que há de errado na ordem social. No Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, a diferença entre ter ou não ter acesso à alimentação, fenômeno vinculado à renda, sempre marcou seu processo de constituição.

Em 2014, em função de políticas públicas que permitiram a uma parcela da população antes privada de comida o acesso a uma alimentação segura, o país saiu do Mapa da Fome da ONU. Ou seja, deixou de figurar entre as nações nas quais a subalimentação afeta pelo menos 5% de seu povo.

Voltou ao mapa em 2018, segundo pesquisa do IBGE. Se pensarmos que o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, e produz seis vezes mais do que o necessário para alimentar sua população, os números deste 2020 pandêmico ficam ainda mais medonhos.

Com o aprofundamento da crise econômica e social, intensificado pela covid-19, mais da metade dos brasileiros passa a sofrer algum nível de insegurança alimentar, num país cujo agronegócio exportou, no mesmo ano, mais de 100 bilhões de dólares – valor cinco vezes maior do que o registrado no início deste século.

Nos domicílios em área rural a situação é mais dramática. Tradicionalmente, quem está incumbido de produzir comida, com as mãos da terra, são os que menos conseguem comê-la.

Josefa já passou fome. A conheci em uma comunidade quilombola no centro-sul sergipano, Alto Simião, onde cultivava os mais variados feijões. Foram deixados a ela pelo pai junto de ensinamentos – há os que devem ser plantados em noite de lua cheia, para que cresçam com mais viço.

Sua maior alegria foi ter se casado. Josefa é dona Finha. Contou-me que quilombolas são pessoas que vão fugindo dos lugares do sofrimento. Quando sentia fome à noite, misturava sal na água para conseguir dormir. Não achava mandioca, milho, *folha para beber não achava*.

Ralava manga verde para dar às crianças, e era esse o alimento para um dia. Seu maior medo era não ter o que dar de comer aos filhos. Teve dez, cinco morreram, não me disse por quê – e não perguntei.

Hussena também perdeu cinco filhos. Três outros cresceram bem. "Às vezes, odeio ter filhos." Pausa. "Odeio porque tenho medo de que eles me odeiem por fazê-los viver vidas assim." Hussena, uma nigeriana, fez essa declaração a Caparrós. As mulheres de seu povoado diziam que ela ficava grávida com um intervalo de tempo tão curto entre um filho e outro que parava de amamentar e os bebês morriam frágeis e doentes. Ela mesma ficou fraca e fez um ritual típico de sua cultura para parar de engravidar – amarrava uma corda na cintura com um pedaço de pele de animal.

Nos 12 anos seguintes, Hussena teve mais seis filhos. O último, gêmeo, morreu. Os médicos recomendaram que ela alimentasse o outro bem e que, para que tivesse um leite forte, farto

e sadio, era preciso que ela própria comesse bem. "Se eu não como, meu leite não serve. Mas se eu como, meus outros filhos não comem. Então para ter um bom leite estou salvando os menores e deixando os demais?"

Na Nigéria cada mulher tem em média sete filhos, a maior taxa de fertilidade do mundo. Uma em cada sete crianças morre antes de completar cinco anos.

Nas palavras de Caparrós, a fome é um processo. Uma luta do corpo contra o corpo. A *chef* Paola Carosella havia me contado sobre *El hambre* em um fim de tarde em que a entrevistei em sua casa. Esse livro vai mudar a sua vida, ela me disse.

"É cruel para caramba. Fecha a glote, tem momentos em que você não consegue respirar." Perdi o ar e o apetite, mas não fiquei muitas horas sem comer, depois de cada trecho. Caparrós faz uma provocação que me lembra disso: nós estamos acostumados com a fome, a sentimos duas, três vezes ao dia. Nada está mais distante de muitos de nós, no entanto, do que a fome verdadeira. A fome verdadeira.

Lembro-me de uma das histórias, mais na boca da Paola do que na minha própria leitura. "Ele conta sobre uma menina de 20 anos, com três filhos. Às vezes, à noite, quando os filhos choravam porque fazia dois dias que não comiam, ela colocava uma pedra para ferver em uma panela só para ver se eles achavam que em algum momento a comida ia ficar pronta e dormiam."

Pedras são o avesso das borboletas que, com sua leveza, translúcidas de tão finas, têm uma aura sempre alegre, asas coloridas,

como se fossem bordadas. São animais capazes de preencher o verbo borboletear, análogo a brincar, a rebolar, a delirar. Manoel de Barros que dizia algo como: o verbo deve pegar delírio.

Foram borboletas alaranjadas que a maior horta comunitária de Curitiba, no bairro mais pobre do Estado, à margem da cidade, atraiu. No antigo terreno baldio, imundo, no qual se depositava lixo, nascem agora tufos de manjerição sadios e verdejantes, *da cor verde a mais verde que existe, a cor mais alegre, a cor mais triste*; cenouras, milho, feijão – estes últimos, num roçado que circunda as bordas da horta.

As flores da rúcula eram eliminadas como se fossem praga até que os hortelãos aprenderam com uma *chef* de cozinha famosa que eram comestíveis – e ainda podiam embelezar uma salada. As flores desabrocharam e atraíram borboletas. Borboletas de todas as qualidades, na hora do sol quente, me disse um jardineiro que cuida de adubar a própria terra e por isso não sente fome.

As Hortas da Vitória, na Inglaterra da Segunda Guerra, quando não se comia carne, ovos, manteiga, frutas, eram uma batalha do Ministério da Alimentação, que visava melhorar a oferta de legumes, verduras e hortaliças para a população.

Nos jardins públicos, flores foram substituídas por repolhos, couves, alfaces. Parques, quadras de tênis e clubes de golfe se encheram de cenouras, salsas e cebolinhas. Pilotos da RAF cultivavam rabanetes nos aeródromos.

Durante a guerra, nos campos de concentração da antiga União Soviética, prisioneiros tiravam energia de frutas secas.

Em caso de desnutrição, problema que atingia não só o baixo escalão e preocupava seriamente a administração dos campos, oficiais de justiça também ingeriam frutas secas para equilibrar a falta de vitaminas.

Foi nos anos 1940 que a desidratação mecânica das frutas evoluiu – seu peso reduzia quase 20% e isso facilitava o transporte. A secagem como forma empírica de conservação é muito mais antiga. Foi um dos primeiros processos assimilados da natureza pelo homem. As frutas caíam naturalmente das árvores, secavam, ficavam mais doces e nutritivas e duravam mais.

Gosto muito da perspectiva do historiador Massimo Montanari, cuja obra é basilar na história da alimentação, a respeito da conservação da comida. Historicamente, os camponeses desenvolveram métodos para manter os alimentos sãos ao longo do tempo, e evitar a fome.

Promover a desidratação com sal foi a estratégia mais comum e difundida – mais que a praticada por meio do calor do sol ou da fumaça, mais que as conservas de vinagre e óleo, mel e açúcar. Estas, aliás, deram origem às compotas, cuja existência, para o sociólogo italiano Girolamo Sineri, está associada à esperança. "Quem faria compotas se não tivesse a esperança de viver pelo menos o tempo suficiente para poder comê-las?"

As frutas secas, muito antes de servir para minimizar a fome, compunham os antigos banquetes romanos, o mais importante acontecimento da vida social daquela época. Na Renascença, os festins de Pantagruel eram conhecidos pela capacidade de *melhorar o tempo*. Em uma análise que Bakhtin fez de Rabelais, eu

soube que foi desses banquetes que nasceu o episódio que detém o recorde de extensão de comes e bebes na literatura mundial.

Nina Simone comia frutas frescas quando era criança. gostava, em particular, de banana, o único insumo que seu pai trazia de fora da chácara em que moravam. Depois de crescida, Nina fazia shows de maiô ao piano. Era carnuda – peito, pernas, bochechas, mas por pouco não passou fome. Na infância, diz que foi salva pela sua mãe, que cuidava bem de um jardim, de uma horta, de um pomar e de umas galinhas.

O pequeno sítio a manteve viva por alguns anos – ela e a família. Virou um grande jardim e virou uma fazenda, na qual se matava até porco para enlatar na banha e atravessar o inverno. Na autobiografia, disse que só então soube o que era ser feliz.

Cândido, personagem de Voltaire, não era feliz. Foram os cuidados que dedicou a uma horta, junto de sua amante, que curaram um e outro da depressão. Na guerra não havia como salvar-se da depressão. Quem não morria, sofreria, minuto a minuto, durante cada dia, todos os dias, nas palavras de Levi.

A fome é um holocausto contínuo – e nos adaptamos a isso. Tomo emprestadas as perguntas que atravessam a obra de Caparrós.

Como, caralho, conseguimos viver sabendo que passam essas coisas?

.....
Luiza Fecarotta (luizafecarotta@gmail.com) é jornalista especializada em gastronomia. Editora de programas de TV, trabalhou na *Folha de S.Paulo*, rádio *CBN* e *TV Cultura*. Fez a curadoria de festivais gastronômicos no Brasil e em Portugal. Com o minidocumentário *O mestre da farinha* (2018), foi premiada na Europa, na Ásia e no Brasil.

O vaso

Renata Fiorenzano

Quando era criança pequena e tinha zero direito a escolhas, eu ia passar todas as minhas férias escolares em Serra da Saudade, uma cidade mínima no centro-oeste das Gerais. Para quem não é familiarizado com a geografia do estado, eu explico: é para adiante do nariz da velha bruxa, como se fossem as fossas nasais quase chegando na faringe. Mal soava o sinal da saída no último dia de aula, eu corria para casa e mamãe já estava com a mala pronta.

“Filho, quando chegar lá manda um beijo para o seu tio, diz que estou com saudades.”

Eu pensava, mas não falava: “Tá com saudades, só que não vai lá ver seu irmão. Sei”. Fui doze vezes sozinho para Serra da Saudade. Doze. Janeiro, julho, janeiro, julho, janeiro, julho. Repete. A cada ida, tinha alguém diferente para me levar. Meu pai, um tio, um parente menos conhecido, minha irmã mais velha, um amigo dos meus pais. Repare que nem mesmo quem me levava aguentava me levar de novo nas férias seguintes. Falando assim, entendo que você possa pensar que o lugar era péssimo. Não era.

Não sempre. Estando lá, até que eu conseguia me divertir. Brincava com a primalhada, em número maior a cada ano. Tinha o primo do primo. Tinha o “esse também deve ser teu primo”. Todo mundo virava primo nas brincadeiras de rua, futebol, abafa, peteca, piquetá. Passados uns dias, nem me lembrava mais de São Paulo.

Lá eu ficava hospedado na casa do tio RG, o cara mais gente boa que eu já conheci na vida. Ele morava mais para baixo da rua da igreja – Serra da Saudade é aquele lugar comum que começa na praça principal (que é única) e termina na igreja Matriz (sem filiais). A cidade é famosa em época de eleição por ser o menor colégio eleitoral do Brasil. Uma vez, quando mamãe contou para uma amiga sobre essa peculiaridade da cidade natal dela, eu comentei: “Grandes merdas”. Ganhei um bofetão que, só de lembrar, me arde a bochecha até hoje.

Mineiro gosta mesmo de contar histórias. Causos, como eles chamam. Tio RG era o típico serrano-saudalense. Falava pra burro. Quando a gente saía de casa, demorava um tempão até mesmo para ir até a padaria, a uma quadra de distância. Meu tio parava para conversar, perguntava como estava o filho, a mãe, o pai, a avó da pessoa. Se aparecia alguém falando de doença, ele ouvia o diagnóstico todinho e ainda dava pitaco. Eu achava aquilo muito curioso porque em São Paulo eu não me lembrava de encontrar um conhecido na rua assim, de bobeira. Era estranho todo mundo ser amigo de todo mundo. Assim era em Serra da Saudade.

Uma das melhores histórias que tio RG me contou foi de quando um amigo dele, N., ficou noivo de A. e os dois decidiram

se casar logo. A noiva era uma ex-namorada do meu tio, mas quanto a isso estava tudo bem, porque como todo mundo se conhecia desde muito tempo, o ex-namoro não era novidade para ninguém e já fazia parte das memórias passadas e enterradas. Meu tio foi avisado do futuro casório quando N. chegou à casa dele abraçado com A. e os dois seguravam um enorme buquê de cravos e rosas, e N. começou o discurso pomposo.

“Meu caro amigo, nossa amizade é das antigas e é de grande importância para mim. É por isso que eu e A. queremos que você nos dê a honra de ser padrinho do nosso casamento”, N. entregou o buquê e os três se abraçaram e choraram de felicidade antes mesmo da resposta do meu tio. Todo eles sabiam que meu tio não iria negar.

N. e A. tinham passado uma temporada de dois anos na capital e só agora voltavam para Serra da Saudade. Não faziam ideia da situação precária da vida do meu tio: tinha se separado da mulher, com quem tinha três filhos em idade escadinha, e estava desempregado, fazendo apenas os bicos que pintavam. E todo dia 5 venciam a pensão. Deixar de pagar, tio RG sabia, era cadeia na certa.

Por isso, passada a alegria inicial do convite para abençoar aquela união de que meu tio fazia tanto gosto, a preocupação veio como uma bigorna na cabeça dele: os custos que envolvem ser padrinho de um casamento. Como faria para dar um bom presente para aquele casal tão querido? Eles mereciam uma coisa especial.

Tio RG imaginava dar um objeto que deixasse a futura casa

deles mais bonita e que todas as vezes que eles olhassem para a tal coisa, eles se lembrassem do amigo. E o principal, que fosse barato. Mas o quê? Foi então que titio se lembrou de outro amigo, L., que tinha recém-inaugurado uma loja de presentes na rua da Matriz. Loja bonita, artigos finos, ou vindos de Divinópolis ou da capital.

“L., preciso da sua ajuda numa questão de vida ou morte.”

“Manda, RG.”

“Tenho que dar um presente de casamento pro N. e pra A., coisa boa porque vou ser padrinho. Só que eu tô muito sem grana.”

“Aqui a gente parcela sem juros no cartão a perder de vista, homem.”

“Não resolve, L. Vou continuar sem dinheiro daqui pra não sei mais quanto tempo. Tava pensando se quando essas suas mercadorias chegaram, se não teve nada que veio assim, meio quebrado.”

“Pior que teve: um vaso de cristal, coisa fina. Foi colocado numa embalagem que não era a dele, balançou no transporte e, quando eu abri, tava partido em cinco pedaços. Ainda tô negociando o prejuízo com o fornecedor. Mas você vai querer dar um troço quebrado de presente?”

“Eu tive uma ideia. Escuta só: você tem um menino que trabalha pra você, que faz entrega de bicicleta, não é?”

“Tenho, o Manelzinho.”

“Então, eu dou dez reais na mão dele e ele prega uma mentirinha na hora de fazer a entrega. O Manelzinho diz que levou um tombo na bicicleta bem pertinho da casa do N., e que se eles

reclamarem na loja que o presente foi entregue quebrado, capaz de ele perder o emprego. Aí vai do gosto dele se ele quiser aumentar a história, florear um pouquinho.”

“Minha Nossa Senhora!”

“Ah L., você sabe que o N. e a A. são pessoas maravilhosas. Nenhum deles vai reclamar de nada. Mas eu lhe faço uma promessa: se eles fizerem questão da troca do vaso, eu venho aqui e acerto contigo o preço total. Você fica tranquilo”, meu tio garantiu. “Agora, você me dá um desconto de cem por cento.”

“Nada disso, que não sou bobo nem nada, RG. Você me paga alguma coisinha e explica toda essa sua maluquice aí direto pro Manelzinho, que é capaz de eu fazer confusão se eu for explicar sozinho.”

“Tá certo. Ó, bico fechado, hein? Não vai falar nada.”

Assim foi feito. Tio RG explicou o plano tim-tim por tim-tim para o menino da entrega e, no dia, ficou espiando de longe, só para ver no que ia dar. Manelzinho estava tão nervoso que quase nem foi preciso mentir quanto ao tombo da bicicleta. Chegou lá, tocou a campainha, entregou o presente nas mãos de N. e fez a cena. Detrás de um carro parado no outro lado da rua, meu tio viu que o garoto botou a mão na cabeça, coçou os olhos como se estivesse chorando, depois agradeceu ao N. com um abraço apertado e tudo mais. Era um ator aquele menino.

Faltando uma semana para o casamento, tio RG foi de surpresa até a casa de N. para fuxicar se o plano tinha dado certo. Era provável que N. não comentasse nada sobre o vaso quebrado,

ou que inventasse uma desculpa qualquer. Quem sabe, se falasse alguma coisa, inventaria que tinha sido culpa dele, “deixei cair sem querer”. Logo que meu tio tocou a campainha, viu A. estacionando o carro na porta de casa. Os dois entraram juntos.

“Que caixa grande é essa, amor?”, ela perguntou a N.

Todos os presentes estavam embrulhados na mesa da sala, para que o casal abrisse junto.

“É o presente do nosso padrinho, a gente abre outra hora”, desconversou, “Agora, vamos tomar uma cerveja geladinha que eu coloquei no congelador pra gente brindar.”

“Ora, mas que desfeita é essa, querido? Se é do RG, vamos abrir já.”

RG e N. ficaram constrangidos. Cada um, à sua maneira, já sabia que a caixa continha um vaso quebrado. Sem saber de nada, A. estava empolgadíssima: pegou o presente, desfez o belo laço de fita rosa-grená. Desembrulhou o papel prateado com cuidado para aproveitar em outra ocasião. Abriu a tampa da caixa cartonada, fazendo um ar de mistério. Eu adorava, porque meu tio contava essa história fazendo caras e bocas, imitando geral, remedando as vozes. Nessa hora, ele dizia ter a sensação de que A. dançava em volta do presente, como aquelas dançarinas que ficam ao lado de apresentador de sorteio, com uma dancinha abestada: passinho, rebola, passinho, rebola. Não sabia se era dancinha mesmo ou só a tensão do momento. Foi então que A. deu de cara com o inacreditável: dentro da caixa estavam cinco partes do que um dia deve ter sido um belo vaso de cristal. Cada

uma em um canto da caixa, apartados. O único porém é que cada parte estava muito bem embalada, envolta por um papel de seda. Tudo separado!

A. foi abrindo cada um dos embrulhos de seda enquanto o constrangimento preenchia toda a sala com aqueles cacos gigantes. Meu tio ficou mais verde que o carpete. A. ficou tentando montar um quebra-cabeça de cristal. N. com um semblante de quem estava procurando alguma explicação para aquela loucura toda. Depois de uns dois, três minutos eternos para o meu tio, N. puxou-o para o corredor.

“Que o vaso devia estar quebrado eu sabia, porque o menino me disse que caiu da bicicleta, mas quebrou antes de ser embalado? Que diacho!”

Essa foi a última história que ouvi de RG, meu amado tio. Ele me contou quando fui para Serra da Saudade depois de muitos anos sem fazer visita alguma, a primeira vez por escolha própria. Estávamos os dois sentados em uma mesa de bar, tomando uma cerveja tão gelada quanto aquela que L. oferecera para ele no dia da abertura do curioso presente. Rimos tanto. Ninguém diria que menos de um mês depois eu regressaria, com a família à tiracolo, para me despedir de tio Rui Geraldo Pimenta, dessa vez sem que ele pudesse aumentar nosso repertório de histórias.

.....
Renata Fiorenzano (renata.fiorenzano@gmail.com) é jornalista, formada pela PUC-Rio. Trabalhou como editora de texto durante 20 anos em redações da TV Globo, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Hoje, trabalha como editora freelancer.

Ligação para você, é da Antártida

Ana Carmen Foschini

Aquela redação tinha muito de feira livre – a mesma gritaria, as risadas soltas, os palavrões fáceis e o frenesi da hora da xepa. Três ou quatro monitores com o volume ligado sintonizavam emissoras diferentes, porque era preciso vigiar os movimentos da concorrência. Rir era um esporte praticado a qualquer custo, inclusive o de destruir reputações. Bonito era combinar café com comentários ácidos. Para abrir caminho na cacofonia, Paula habituou-se a ler em voz alta o que escrevia e assim testar a sonoridade das palavras que seriam ditas pelo apresentador. Quando lidos em voz alta, os pensamentos costumavam sair vitoriosos da batalha contra o barulho.

Naquele ambiente extravagante, frequentado por pessoas mais inteligentes e infelizes que a média, não havia prazo ou compromisso que fossem páreo para uma fofoca fresquinha sobre a vida alheia. “Ligação para você. É da Antártida.” O tumulto serenou.

Como se continuassem a cuidar de seus assuntos, os colegas concentraram-se na ligação via rádio, certamente acompanhada por militares da Estação Comandante Ferraz. O som era cristalino.

“Aqui está claro, é dia. Mas isso já faz um mês.”

João falou sobre focas e refeições comunitárias com os ocupantes de outras bases, o ponto alto da vida social na baía do Almirantado, na ilha Rei George. Pontuava suas palavras com risos. Parecia um tanto eufórico, o que levou Paula a acrescentar uma dose extra de paciência à conversa, uma vez que envolvia circunstâncias excepcionais. Tentou imaginar o estado mental de João: por que ele havia passado a procurá-la, agora que estavam separados por nove meses de pesquisa científica no gelo? Seria um episódio agudo de solidão?

Com a atenção dividida entre as imagens do noticiário, os sorrisos maliciosos da equipe e essa conversa interna, Paula o ouvia distraída, preocupada com o horário. Não era momento para uma pausa e não estava entendendo aquele João em crise existencial.

“Invernar na Antártida foi uma ideia de gênio. Coisa de urso. Como eu não sou um mamífero polar, de vez em quando saio para dar umas voltas sozinho.”

“Como assim, sozinho?”

“Sozinho não, com as focas.”

“Não é perigoso? E se vier uma tempestade?”

Os militares na escuta não iriam gostar de saber que um dos cientistas atravessava uma crise de instabilidade emocional, calculou

Paula. João dava a impressão de ter telefonado para espantar o tédio, mas ela começava a acreditar que ele estava desesperado.

Se antes da viagem podiam passar várias semanas sem se falar, pendurados por um fio em um relacionamento que sobrevivia pelas artes do acaso, graças a encontros inesperados em shows, cinemas e festas (o que acrescentava uma sobrevida à relação, que não chegava a ser de amizade e que guardava o ranço de um romance malsucedido), agora, justamente agora, João havia decidido reatar laços e amarrar cadarços soltos. Como conduzir aquela conversa sem pé nem cabeça que, para completar, era acompanhada por plateia?

“Se vier uma tempestade eu aproveito para esquiatar com as focas.”

Ela ficou sem assunto. Mentalmente, enumerou motivos para calar-se.

1- Não tinha vontade de explicar que a rotina estava pesada, e a vida, sem graça.

2- Não diria que tinha abandonado a capoeira e o francês porque o trabalho exigia uma dedicação insana e ela às vezes começava a trabalhar de manhã e só terminava na madrugada do dia seguinte.

3- Não queria comentar que havia voltado a fumar e que sabia dizer o momento exato em que isso tinha acontecido – às 3h05 de uma terça-feira, na calçada do Teatro Municipal, quando já computava vinte horas sem dormir e aguardava o transporte para casa.

4- Não era o caso de explicar o quanto seu trabalho disfarçava a solidão, uma vez que nos últimos tempos só saía para jantar, beber ou dançar com as mesmas pessoas com quem passava os dias no estúdio, na van e nas reuniões. Aqueles mesmos que acompanhavam a conversa entre os dois continentes naquele momento.

5- Ninguém saberia que chorava todos os dias.

6- Não iria reclamar.

7- Não era o caso de mencionar que tinha feito suco de laranja com morango pela manhã.

8- Não diria que às vezes passava em frente ao apartamento onde ele morava quando se conheceram porque isso fazia com que se sentisse melhor. As cortinas ainda eram as mesmas.

9- Não iria brincar.

10- Não desperdiçaria nem mais um pingo de doçura.

“Vou entrevistar o New Order na quinta. Você conhece?”

“Claro. *Every time I see you falling/ I get down on my knees and pray/ I'm waiting for that final moment/ you say the words that I can't say.* Não tenho muito o que fazer aqui a não ser ouvir música e ler. Tenho as focas também.”

“*I'm not sure what this could mean/ I don't think you're what you seem*”, cantarolou Paula em resposta.

Batida pesada e ironia certa: *Bizarre Love Triangle* era uma legenda para cego, “não acho que você é o que parece ser”. Não havia nada ali que atrapalhasse mais o correr dos acontecimentos do que um triângulo amoroso bizarro.

João tinha dessas, esse tipo de detalhe fortuito, pequenos sinais, que, aos poucos, desconjuntavam a história deles. Uma história que tinha se transformado em destroço no grande espaço e tempo instaurados por uma hibernação em temperaturas ultrafrias.

“Mande um beijo para a Gillian Gilbert.”

“Até parece. Ela é a criatura mais *blasée* que eu já vi, uma chatinha. Ano passado fui a um show deles e, de repente, a Gillian apertava umas teclas, dava as costas para o público e simplesmente abandonava o palco. No meio da apresentação. Deixava a programação do teclado fazer o serviço e sumia. Nunca vi coisa igual.”

“Você estava em Manchester.”

“Isso, no Hacienda, que clube maluco.”

“Enquanto eu morria de saudade no Brasil.”

“Sei.”

“Então dê um beijo na boca do Peter Hook e no vocalista com cabelo de porco-espinho. Diga que estamos esperando a turnê passar aqui pelas Shetland do Sul e que se eles trouxerem o uísque, a gente garante o gelo.”

“Darei seu recado. Escuta, você volta quando?”

“Chego em janeiro, mas antes de voltar para São Paulo vou passar umas semanas no Rio com a Marinha. Preciso justificar minhas férias aqui neste hotel de luxo.”

“Muito justo. Avise quando chegar, continuamos o papo pessoalmente.”

“Um beijo.”

“Outro.”

Pouco antes do Natal, à 1h10, Paula percebeu-se exausta, com um cigarro entre os dedos, em um corredor com carpete encardido iluminado por luz fluorescente, à espera de um horário na ilha de edição. Não tinha nada para disfarçar a fome a não ser água do bebedouro. Precisava apenas de dez minutos no gerador de caracteres para colocar o nome de uma pessoa e o lugar de onde ela falava no vídeo. Uma besteira, tarefa sem nobreza que ela poderia ter feito em qualquer outro horário mais civilizado, não fosse a grade de uso de equipamentos dominada pelos esportes e pelas estrelas da emissora. Para miúdos sem estirpe, como ela, sobravam as bordas.

Nada justifica essa vida, concluiu às 2h, ao ganhar a rua deserta. Correu até seu fusca, estacionado uma quadra abaixo do portão da emissora, morrendo de medo de assalto ou coisa pior. Duvidou de todas as escolhas feitas e, ao chegar em casa, redigiu uma carta de demissão.

Janeiro começou como um mistério. Voltou a São Paulo depois das festas de fim de ano na praia sem saber como seguiria a vida profissional e a existência. Tinha diante de si um grande vazio ou um grande espaço de manobra para se reinventar, conforme o ponto de vista. A cidade estava mais calma e parecia até pacificada, com as ruas lavadas pela chuva e pouco trânsito.

Ela não recebia notícias de João desde os sinais de fumaça trocados sob os auspícios do New Order. Pelas suas contas, ele já deveria ter retornado. Provavelmente, ainda estava no Rio, dando aulas para o “pessoal da Marinha”, como havia dito. Imaginou

João, o rei da gambiarra, o cara que consertava qualquer coisa com arame torcido e Durepoxi, como professor de militares. Parecia algo tão improvável, ele não se dava ao trabalho nem de disfarçar os remendos.

Paula descia de carro a rua Heitor Penteado quando percebeu o ramalhete preso à garupa de uma moto. Quanta sorte a dessa mulher que vai receber as rosas, pensou.

Com os olhos, acompanhou o motoqueiro e viu quando ele, sem capacete, aproveitou o farol para ajustar o maço de flores, que pendia em direção ao pneu. O acaso intervinha mais uma vez. João não tinha mudado quase nada, a diferença era o bronzeado, que lhe dava um aspecto extremamente saudável.

Seguiu-o por alguns quarteirões enquanto decidia o que fazer. Sem chegar a uma conclusão, foi pelo impulso e buzinou com insistência até ser reconhecida. Estacionaram e se encontraram na calçada.

– E aí, foi tudo bem?

– Sobrevivi. Tanto tempo no gelo transforma a pessoa.

– Que bom. E que flores lindas! Por que não me avisou que tinha voltado?

– Cheguei do Rio ontem, eu ia te ligar, mas não consegui. A gente se fala nos próximos dias, telefone para combinarmos alguma coisa. Agora preciso ir.

Muita sorte, pensou Paula. Riu de si mesma e voltou ao carro. Tinha uma vida para reconstruir.

Campos de conforto

Agatha Kim

se eu fechar os olhos é como eu me lembro de mim
adolescente,

cabelo curto sem corte, o rosto redondo e sério, a
sobrancelha pouco uniforme.

mas eu não tinha essas mãos
nem essa firmeza no porte.

nascer no brasil me deu mais mobilidade de braços,
um peso menor sobre os ombros,
a oportunidade de frequentes abraços.

mas diferente de mim,
essa garota nasceu na coreia.

nessa foto que contemplo, ela não devia ter nem dezesseis
e mesmo sentada, segurava a coluna muito firme
as mãos cerradas sobre o colo,

como se protegessem algo junto com as linhas da sorte.
o rosto é infantil, mas os lábios fechados indicam

mais história,

e o corpo já tinha suas próprias formas
ainda que tortas.
o que denunciava maturidade eram seus olhos
um olhar de quem vê longe,
de quem não mirava para o presente, mas refletia
o horizonte.

o que suas mãos guardavam?

a garota não tinha nome.
a primeira vez que a vi foi nessa foto,
onde ela aparecia sozinha, sentada na janela do ônibus.
como todos ali, eu também tinha medo de olhar pra ela.
inúmeras viagens ela fez naquele mesmo banco,
mas já ficou parada em frente à embaixada do japão
em seúl,
foi proibida em galerias de arte
e se postou em bancos de muitos jardins.
uma intervenção artística,
esculpida sentada, eternamente em silêncio,
espelhando outras, à espera de um pedido de desculpas.
talvez ela não soubesse mesmo o que mais fazer
com as suas mãos,
além de segurá-las fechadas
entre um soco e um segredo.

a estátua da garota, também conhecida como estátua da paz,
representa as mais de 200 mil coreanas
que foram levadas de suas casas,
durante a ocupação japonesa da península coreana,
entre 1910 e 1945.

as mulheres enviadas para servir ao exército japonês
na guerra

eram sempre muito jovens,
a mais nova tinha 14 anos e a mais velha 21.

a sua luta diária não envolvia armas
suas trincheiras eram seus próprios corpos
dos quais os soldados se serviam em fila.

após o fim da segunda guerra mundial,
apagaram essas casas de conforto,
mandaram as meninas de volta para seus lares
sem terem o que dizer às suas famílias.

e os japoneses inventaram uma nova história que
encobria essa

das mulheres de conforto,
uma tradução da versão em inglês *comfort women*,
do original japonês *ianfu*, um eufemismo para as

escravas sexuais,

em muitos contextos, prostitutas.

o governo japonês renega esse capítulo,
na sua versão elas existiram, mas ganhavam dinheiro
em troca de seus corpos.

pois se tivesse mais moedas,
bok-dong não teria que gastar com álcool o único won
com que sua mãe a presenteou,
antes que ela fosse levada de casa aos 14 anos,
com a promessa de um emprego em uma fábrica no japão.
se hoje mil *wons* compram um dólar
e um *won* vale perto de nada,
naquela época, ela conseguiu trocar por uma grande garrafa
de aguardente
que planejou beber até a última gota para sair dessa
e de qualquer outra vida,
quando percebeu que seu dever no exército seria servi-lo
do meio-dia até o fim da tarde,
com seu corpo, sexo e espírito.
o álcool não foi letal o suficiente.
encontraram *bok-dong* inconsciente na floresta,
e quando acordou na enfermaria semanas depois,
prometeu que viveria para que todos refletissem
a sua história
porque ela existiu.
para onde a sua cabeça ia para descansar do seu corpo
é uma pergunta que não tiveram coragem de fazer à
ralmoni,
como chamamos as avós coreanas,
quando ganhou holofotes ao decidir falar sobre sua vida
e exigir reparação muitas décadas depois.

há mais de vinte anos, a narrativa dessas mulheres
é alvo de disputa entre os países.
acham que é possível reescrever uma memória.
em 2015, o japão concordou em pagar um bilhão de *yens*,
uns oito milhões de dólares,
como indenização à honra das coreanas.
em troca, demandou a retirada da estátua da paz
erguida em frente à embaixada japonesa em seul.
não chegaram a um acordo.
em 2019, *kim bok-dong*, a última sobrevivente daquele
período,
faleceu aos 92 anos, sem deixar marido ou filhos,
e sem um pedido de desculpas formal do governo japonês,
que também ainda não veio após a sua morte.

ela é da geração da minha avó materna.
oito anos as separam,
e ainda me perguntam,
por que não escrevo sobre outras coisas
eu não consigo.
elas todas se assemelham,
a minha vó, minha mãe, minhas tias
minhas primas e amigas,
resistindo no mundo como em uma cela
com cacos de homens quebrados por todos os lados.
a minha vida interior é habitada por elas.

se eu fechar os olhos, *bok-dong* aparece em outras cores,
luzes mais solares, o vestido limpo.
estou segurando sua mão,
dou um abraço pouco coreano
mas muito desconfortável para o seu pequeno corpo
e suspiro em seu ouvido:
você vai ser lembrada.

As tias¹

Marina Leão

Genoveva e Gertrudes: odiavam que o nome começasse com a mesma letra. Eram em tudo diferentes e complementares as irmãs de meu pai que não se casaram. Perderam a mãe cedo e levaram imagino que bem a vida de “solteironas”, como minha mãe costumava se referir a elas. Religiosas e devotas, tiveram, no entanto, uma vida muito interessante e totalmente fora dos padrões, considerando terem permanecido durante quase toda a vida adulta internadas naquele “feudo” tropical. Cumpriram com nobreza a vida que foram obrigadas a levar, no cuidado da casa e do pai, e o fizeram até meu avô morrer aos 91 anos. Este foi um nordestino brioso, ocupou-se de sua responsabilidade na usina até o dia em que terminou o almoço mordiscando uma asa de frango, sentiu-se um pouco empanzinado e avisou as filhas: “vou subir e me deitar um pouquinho”. Tomou um banho, mas deve ter pressentido: vestiu seu melhor terno, deitou-se na cama e morreu. Foi assim que meu irmão me deu a notícia.

¹ Capítulo do romance autoficcional *Um nome*.

A partir daí, elas se dividiram sem muita conversa. Graças a uma inteligência interna, delimitaram os territórios e as funções naturalmente, sobrevivendo à solidão, à mata crescendo ali ao lado, à morte dos irmãos, ao relógio tocando as mesmas notas de quinze em quinze minutos. Por anos. Décadas. Genoveva cuidava da casa e Gertrudes da posição acionária de ambas na sociedade. Foi estudar Economia e Administração ali mesmo em Maceió, tendo sido a primeira mulher de sua geração a ter um diploma universitário. Foi se enfronhando no escritório, encontrando seu lugar, era respeitada pelos funcionários. Chegou por aclamação à diretoria de Recursos Humanos já meio matrona, um pouco moralista, vitoriana nos procedimentos, me contam; porém creio ter sido esta uma qualidade que impunha respeito e ornava bem com sua posição de mando. Tinha assento no Conselho do Grupo Escolar Laura Dubeux Leão – nome de sua avó.

Nessa mesma época, eu estava despertando em minha vida de adolescente em São Paulo, festinhas, namoradinhos. Foram as primeiras férias, lembro bem, devia ter uns dezoito anos, desafiei suas teorias arcaicas e conservadoras na mesa do jantar, falava de mundos diferentes que existiam fora daquele doce paraíso da usina. O que sabia eu? Caloura na faculdade e ela já senhora, sentada no trono de suas convicções, conhecedora dos problemas de tantas pessoas. Eu que não entendia ainda nossas diferenças de geração. Nos engalfinhávamos ideologicamente na mesa do jantar, na frente de todos. No primeiro debate, ela me destruiu com dois ou três argumentos e uma agressividade que eu não vi aparecer nunca, no

trato com ninguém. Ela não admitia ser confrontada. “Suas ideias são completamente absurdas”, me provando por a mais b. Ela não suportava ser avisada de que um mundo futuro vinha chegando no vento, na cultura, nas novas mentalidades. Terminei essas férias combatida, ainda sem entender que minha juventude em nada arranhava a sua posição conquistada na cabeceira da mesa, depois da morte de meu avô. Nem meu pai ousou ocupá-la quando vínhamos nas férias. Triste e infértil combate de ideias. Restou a minha admiração, no entanto.

Quando abri o olho e me percebi recebendo a notícia da morte de Tia Gertrudes, eu já era adulta. Lembro-me da última vez que a vi. Sentada na beira da cama com os pés no banquinho, para o derradeiro cigarro da noite, a cinza já bem comprida e entortando – eu fazendo um esforço mental para que não caísse no tapete. Lembro-me de, num átimo, ter pensado que a morte estava por ali rondando. Ela olhava vagamente para as estantes repletas de livros em seu quarto. A cama tinha sido a sua de sempre. Ela dizia “ainda tenho tantos livros para ler, tanta coisa para fazer”. E tragava profundamente o cigarro, como se fosse oxigênio para uma naufraga. Morreu meses depois.

Restou Genoveva, a outra guerreira. Esta, no pacto silencioso com a irmã, havia permanecido na lida da casa, a goteira, a empregada que não veio, a mousse que desandou, o leite talhado, a louça combinando com a toalha, o homem do coco que veio cobrar.

Quase sempre, quando estávamos nos preparando para o verão em Utinga, Tia Veva pedia para trazermos um maço de salsão

na mala “porque na horta não dá de jeito nenhum”. Falava o nome do vegetal em inglês, tão estrangeiro que era ali naquela terra seca. “Por favor, não esqueçam meu *celery*.” Uma vez ficou tão desapontada com nosso esquecimento que mandou vir um maço pelo malote da usina, que transitava documentos entre São Paulo, Rio e Maceió. Ninguém falou nada, tratando-se de Dona Genoveva. Aos olhos de uns poderia parecer um esnobismo, um chique, mas não era tanto. Era apenas um pedido de socorro do sertão, clamando por um pouco de sutileza de sabor.

Nós levávamos não só o *celery* como o requeijão, cuja marca não tinha nos supermercados de lá. Escondíamos no fundo da geladeira para não ofender a tia. Eu gostava de misturar o requeijão ao queijo curado da serra, salgadíssimo e com aquele cheiro de sela de cavalo, que pousava inteiro na mesa e íamos tirando as lascas. Se eu fechar os olhos agora posso lembrar, não o gosto, mas a textura do cuscuz na nossa mesa de café da manhã, as cascas trituradas de milho chacoalhando em minha língua como a areia grossa de algumas praias que visitávamos. Tinha mais. Tinha o mungunzá. Gostava de soletrar e comê-lo polvilhado com canela. Em São Paulo, a comida de casa era meio insossa, minha mãe não gostava de cebola em nada. Ali, o reino era dos sabores e minha mãe era apenas a esposa de meu pai, com todo o respeito. Foi em Utinga que descobri o coentro, a farinha de mandioca crua, bem branquinha e peneirada fininha, como areia das outras praias lindas de Alagoas.

Minhas tias aproveitaram bem a solteirice quando eram mais moças. de vez em quando iam ao Rio visitar as primas, fazer compras. Iam ao Rio e não iam ao shopping de Maceió. Eu entendo. Eram um pouco selvagens, como se adaptadas à região: pescavam de jangada, enfrentavam besouros, abelhas e outros insetos, pegavam cigarra viva na mão, comiam qualquer coisa que viesse do mar, não temiam os sapos que rodeavam a casa quando chovia. Sabiam nome de peixes e de pássaros. Provavelmente, aprenderam junto com meu pai. Ao mesmo tempo, falavam inglês perfeitamente, recebiam muito bem as pessoas de fora, às vezes visitas ilustres ou de cortesia de algum usineiro das redondezas que vinha assuntar. Elas os acolhiam sem nada exhibir além de uma elegância que talvez seja a verdadeira essência dessas pessoas. Tinham escuta, eram boas perguntadoras, sempre curiosas com as novidades.

Tenho fotos de Tia Vevinha com o cabelo meio fora de moda e uma pantalona à la anos 60 numa das nossas festas de Natal – a moda para elas era esticada por anos. Colocou o noivo para correr com o casamento já marcado e o enxoval bordado com monograma. Só porque – contava ela – um dia ele se irritou com seu atraso e ela imaginou o que seria a sua vida. Talvez por esse feito, ela foi minha heroína. Recusar-se ao mando, uma ruptura absoluta naquele mundo rural nordestino. Foi minha madrinha de casamento.

Quando tia Trude foi para a faculdade, Tia Veva resolveu estudar mais sobre conchas. Sempre chegava carregada das pescarias com baldes de conchas fedidas, que ela tratava e classificava observando os livros técnicos. Tinha para isso uma mesinha e uma

lupa, tempo livre e muita paciência. Em tempos em que internet não havia, tornou-se membro do Clube de Conquiliologistas do Brasil por correspondência. Recebia e enviava cartas e espécimes de conchas de e para todas as regiões brasileiras, e depois para o mundo. Levou por algumas décadas essa paixão. Construiu no terraço um imenso gaveteiro-vitrine onde guardava sua coleção, que foi deixada em testamento ao Museu Oceanográfico do Rio Grande do Norte, porque em Alagoas, terra de muitas conchas, não havia instituto para tal volume de material. Com o nariz enfiado naquelas gavetas, eu admirava a beleza dos exemplares, alguns deles minúsculas joias. Adorava aprender novos nomes e seus significados, as histórias que contavam. Gastrópodes, cones, bivalves, volutas, cipreas. Havia a *Ciprea Mapa* – assim chamada porque era branca e tinha uma mancha sépia que parecia aqueles mapas de cartografia antiga, feitos a bico de pena. A convivência com esse ser investigativo e curioso foi muito importante para mim. Aquilo era Darwin puro.

Saindo daquele reduto agreste, como elas ficavam elegantes quando arrumavam o cabelo nas viagens a São Paulo para nos visitar, ir aos casamentos dos sobrinhos, e por fim, ao enterro de meu pai. Uma elegância que ainda não havia sido contaminada com o “futuro”. A tevê chegou bem mais tarde em Utinga, trazendo a modernidade, invadindo aquilo que estava tão preservado, talvez ainda em outro século.

As novelas eram exibidas com dois dias de atraso do eixo São Paulo – Rio porque eram enviadas por avião em rolos de

filmes. A prima do Rio ligava para adiantar o último capítulo e minhas tias se mordiam de inveja do que lá chegava antes, e por serem lembradas que estavam tão afastadas da civilização. As tramas, os personagens, a moral brasileira que começava a colocar novos assuntos nas salas das famílias, os personagens, os cabelos, os trejeitos, tudo era ponto de indignação na hora do jantar. Eram os anos 70, anos fartos, em que os brasileiros consumiram muito açúcar.

Acho que foi nesse ponto que comecei a perder o afeto infantil e cálido que tinha por elas. Ao crescer, esgarçavam-se minhas fantasias ingênuas, que davam lugar à minha adolescência um pouco arrogante, tentando achar espaço naquele grupo. Sem entender ainda que ser mulher era apenas o primeiro e constante obstáculo. Jovem universitária em São Paulo, achei revelado nos livros que estudava que aquilo que eu tanto amava era um modo de vida em extinção. A fidalguia estava no fim, a desigualdade era um fato escancarado que não podíamos esconder ou dele nos esconder. Estava bem ali, bastava apenas olharmos pela janela do carro a caminho da praia.

Soma de nós

Luciana Lopes

Soma. Foi o que vi gastando tempo me olhando no espelho. No início procurei manter o foco naquilo que enxergava cristalino no reflexo: fios embranquecendo, riscos novos no rosto, dobras ousadas no pescoço. A pele menos elástica. Lábios mais finos. Corpo em queda, pensei. Passei por cada pedaço meu, desejando me ater às partes. Criticando sem piedade a passagem do tempo. Quanto maior a luta para manter o foco na superfície e na autoavaliação, mais era sugada para dentro. Resisti o quanto pude, já que me metia medo seguir em frente. Finalmente rendida, submergi nas camadas das mulheres que me antepassaram. Notei que os olhos miúdos da vovó, de alguma forma, sobreviveram à extinção de sua matéria. Descobri que seu corte de cabelo, sempre curto, impedia a revelação dos cachos. Esses mesmos que, hoje, escorrem pelo meu rosto. Lembrei-me das violências que causaram dor em seu corpo, fissuras na alma. Senti grande quantidade delas habitando as minhas profundezas. Atordoada, caminhei para a geração seguinte e ali, de frente para o espelho, encontrei mamãe.

Quadril, cintura, barriga. Carrego tudo igual às formas dela, mas disposto com a folga que vinte e três centímetros a mais puderam conferir. O lábio fino, o coração amoroso, idênticos. Os mesmos olhos pequenos vi ali também, mas nela inundados de medos. Herança das lembranças doloridas. Mais um legado para meu corpo acolher, sentir, viver. Curiosa, quis procurar na minha descendente as marcas nossas. Olhos, corpo, dores, medos, sentimentos. Tudo presente na filha também, embora com conformação e intensidade ligeiramente ampliadas. Os olhos, feitos do mesmo desenho, agora são mais abertos, atentos, famintos. O corpo se faz mais torneado, quase que sem capacidade de acolher tamanha quantidade de vivências. Avancei, sem vacilar, mais uma camada e encontrei algo fresco: CORAGEM. Um desassombro que a pequena mulher carrega, feito mutação nova. Potência transformadora capaz de renovar, audaciosa e impetuosamente, nossa história. Fascinada, voltei para a camada rasa do reflexo. Encontrei a soma de nós. Todas as minhas mulheres refletidas no brilho dos meus olhos. De frente para mim, honrei a passagem do tempo. Corpo em cura, pensei.

Googleyness

Alberto Lung

Você está aqui. Está na frente da porta automática que, a cada manhã, por volta das nove A.M., engole a sua vida inteira. Somente será cuspidido às seis da tarde e você sabe disto. Mas mesmo assim você coloca seu *badge*, com a sua foto em 3D do primeiro dia, contra o *reader*. A língua aqui é outra, resolvemos *tasks* e ficamos de olho nos *Dashboards* para atingir nossos *targets* e *service level agreements*, com o objetivo de conseguir 100% de *customer satisfaction*. Luzes de cor verde piscam. Você entra. Já não tem mais aquele sorriso da foto. No entanto, a cada dia que você cruza aquela porta você constrói uma cara de alegria. Você criou um mundo em que estar aqui é maravilhoso, mas sabe que não é bem assim. Seus amigos invejam seu trabalho. Tem ótimos benefícios. Você vai até uma das *micro-kitchens*, ambientada para parecer o calçadão de uma praia do Rio de Janeiro, pega um expresso e uma barra de chocolate branco. O gosto é bom. Você observa o ambiente e vê todas as árvores artificiais, de boa qualidade, e cadeiras de praia. A pipoqueira está cheia de milhos

implodindo. Doce ou Salgada? A escolha é sua. Pelo menos a da pipoca. Café em mãos e uma barra de chocolate comida pela metade. Há outra porta para cruzar. Você a abre todos os dias e por trás dela você sempre encontra todos sorrindo. Você se questiona se são expressões falsas. Não importa, não é mesmo? Você a atravessa. Tudo está como sempre. Você vai até a sua cadeira e mesa, deixa a mochila, arruma a posição das estátuas de Buda e coloca a sua garrafa de água no lugar. É uma *Camelbak* que fora presente da firma – livre de bisfenol – que custa mais de cem reais. Aumentar o consumo de água por *headcount*, que controlam pela vazão dos filtros digitais, é um *objective key result* global da companhia. Na sua mesa há objetos que você trouxe para se sentir mais à vontade. Nisso você falhou. Objetos não podem te ajudar a sair deste labirinto. As portas de saída abrem somente às seis. Você já está cansado, somente chegar até aqui demanda muito de você – metrô, ônibus, uma pequena caminhada até o prédio, com os cigarros queimando seus pulmões. Cigarros que você começou a fumar antes de completar um ano de trabalho – não eram *Marlboros Light* no começo? Agora você carrega no bolso um *box* de *Camel Black*. Você os comprou durante as férias, no último dia. Têm o maior nível de nicotina existente. Mais alto do que o permitido no Brasil. E mas porém você está sentado na sua mesa, olhando ao redor, estão todos presos aqui. Estão todos aqui juntos com você. Eles competem uns com os outros. Eles competem com você. Eles fazem as coisas mais difíceis para você, eles fazem as coisas mais difíceis para eles mesmos. E, mesmo assim, continuam. Que inferno,

you keep going. Exhaustion is the first frontier. The hole in the floor is where it ends. Why are you running? Why do you need to win a game you don't want to play? You're checking your metrics now. Last week was fine. In comparison with the *team*: they are winning. You go to the bathroom. You choose to enter the disabled, you would die of embarrassment if someone heard your peeing in the shared bathrooms. Peeing from diarrhea, which in itself comes from all your nervous and alert nights. The disabled bathroom is large and reserved. You do what you came to do and then you sit on the floor, eyes closed and breathing through the mouth accelerating. There are no sounds here and you hate the smoke detector. He watches you waiting for the cigarette that you will light when you collapse. It won't happen, you know. You follow all the rules. The most reasonable and the absurd. You have the ever-changing *Company Values*, which change time because the fluidity of values in a corporation is side by side with the results of profits and the situation of the stock market. Some of these actions were "given" to you by the corporation. You are the privileged owner of them. In some way you feel that your daily activities will change the situation of the *stock value*. For this you do everything in the best possible way, because you are responsible for millions of people who bought these actions. You are so big? You really change something? Now no, you think. You are sitting in a poorly lit bathroom doing absolutely nothing that is considered productive. When you are in a safe place, stop acting. São

quase onze. Você sai de lá com a mão no estômago, gesto exagerado, caso alguém te veja e suspeite que o intervalo do toailete foi longo demais. Você está de volta à mesa. Você navega pelo seu e-mail. Não há nada que mereça a leitura, *Select All, Delete*. Você coloca seu *headset* e se conecta com uma cliente. Ela está feliz em ouvir a sua voz. Você fala com ela e pergunta por uma variedade de assuntos. Todas as ligações que você faz são noventa por cento de conversa e dez por cento de trabalho. Você não conseguiria fazer de outra forma. Você vende as coisas que precisa vender e fica o restante do tempo falando sobre medicina alternativa. A cliente trabalha com acupuntura. Você descobre tudo o que é possível saber sobre pontos de pressão na orelha humana. Quando você desliga é quase horário de almoço – produtividade negativa, diz seu *Team-Lead*. Você nem consegue entender a matemática por trás disso. A comida faz parte dos benefícios da companhia. Você engole enquanto lhes permite te engolirem um pouco mais. É por isso que você foge do roteiro durante suas ligações. Fazer isto, de certa forma, te liberta. Você pega os *revenue targets* pelas bolas e os troca pela atenção verdadeira de quem está do outro lado do telefone. O que mais te machuca é que são apenas vozes em um aparelho e é difícil montar seus corpos quando seu único mediador é um cabo de cobre. Em vez disso, há todas essas pessoas ao seu redor. Pessoas com as quais você não consegue mais ter empatia. Elas são o que dói e você é parte disso. Você machuca também. Eles passam pela sua mesa e perguntam se quer almoçar. No começo você era o cara que chamava todos para almoçar juntos. Você sente quão

longe daquele começo você está agora. Por isso sua resposta é “Não”. Você explica que está sem fome. Assim que seus colegas saem você verifica se está com o maço de cigarros no bolso da calça. Sim, estavam esperando por você. Atravessa uma porta após a outra, não há necessidade de *Bagde* no leitor para sair ao jardim. Eles não te deixam trancado, apenas controlam a sua volta – e você sempre volta. O elevador é rápido, todo em metal escovado e com um espelho gigante, dá para sentir no corpo a queda. Do lado de fora, você acende o cigarro. Você é grato por nenhum dos seus colegas andar por aqui. A maioria deles não vê o sol nas nove ou dez horas de trabalho. A primeira coisa que você faz ao queimar seus pulmões é ligar para casa – seus vinte e três metros quadrados onde o sofrimento é permitido e nunca há retaliação. Seu marido atende. Ele tenta lhe contar todas as boas novidades. Ele sabe que você precisa de reforços positivos. É somente uma maneira de recarregar para a segunda metade do duelo. E ele lhe conta como o cachorro aprendeu a sentar e rolar. E lhe conta que fez uma lasanha esperando a sua volta. E ele sente algo na sua voz, ele quase consegue tocá-la. É uma voz grave e cheia de raiva e compaixão. Repleta de desespero e medo. Seu marido consegue sentir e quase tocar sua mente enquanto você fala. E aí, ele diz, então que não se esqueça de tomar os ansiolíticos. Você também consegue, agora, sentir o que está por trás da voz dele, é pânico também. “Você vai voltar para casa?”. Essa é uma pergunta que ele sempre tem medo de fazer e que te amedronta na sua essência. Não ter resposta é um mantra *ad infinitum*. Os dois desligam. Você volta para o elevador

que o levará ao 23º andar. Você passa pelas duas portas e com o estômago vazio você senta novamente na sua cadeira. Você está de olhos fechados e respirando pela boca. Você sente os outros, mas ignora todas as coisas. Perto de sua mesa há uma porta de vidro que leva até a sacada cheia de pequenos arbustos. Esta não precisa de *Badge*. A porta não é automática. Você circula perto dela. Você abre a porta, há uma vista incrível da cidade, mas você não para para olhar. Você atravessa a barreira da varanda e não pula, você se deixa cair.

No meio da descida, um telefone toca – é para você e

O prazer é todo meu

Helena Machado

Deitada no colchão com suas pernas abraçando o quadril ossudo dele, ela olhava para baixo e observava os afluentes roxos correndo pelo naco de carne, o movimento vigoroso do membro que aparecia e desaparecia dentro dela, e a cabeça do pau que não saía de dentro, e a cabeça dela que só vagava fora, foder era mesmo aquilo que ouviu quando criança, aquilo que sua amiguinha veio lhe contar quando perdeu a virgindade, foder era como ser invadida por um cabo de vassoura, foder era o choc choc da escova limpando a privada, e ainda havia a espuma, sim, as bolhas nascendo do excesso de fricção até a descarga, era tão esquisito aquilo, bem ali, no mesmo buraco por onde nasce uma criança, aquele entra e sai danado que poderia não ser porra nenhuma, mas é justamente por onde entra a porra que dá origem a tudo, ou quase tudo. Não, não devia ter ido, sabia que não devia ter ido, subiu Santa Tereza sem nem estar a fim, queria mesmo ficar em casa, a casa é sempre o melhor lugar, o lugar mais seguro, mentira, a cabeça fica ainda mais hamster em roda dentro de casa, já ele

talvez fosse rato mesmo, não dizem que os pombos são ratos que voam?, mas no caso dele não eram os incisivos os dentes salientes, eram os caninos que saltavam ferozes de sua gengiva, ela percebeu os dentes vampirescos logo que se encontraram, algumas horas antes no bar, se surpreendeu porque em todas as fotos do aplicativo ele estava de boca fechada, e no bar ele não parava de repetir, antes mesmo de pedir sua cervia Império, Sou muito calmo, muito tranquilo, como se isso fosse um cartão de visitas, e ela roendo as unhas que só, ela que, puta merda, estava na aflição de quem tenta parar de fumar, ela puxando o canudo da caipirosca de maracujá azeda à beça, e logo ela disse empurrando o copo, Experimenta!, ao que ele replicou franzindo o testão, Não consigo beber vodca, foi por causa da Smirnoff que fiquei com trauma de agulha, Oi?, Entrei em coma, tenho tanto medo de ser furado que não consigo nem fazer exame de sangue, e então ela sugou com força o canudinho mas o caroço do maracujá entupiu a passagem do álcool, já ele prosseguia em seu trauma, a gente sempre insiste nos traumas, Quando tenho que tomar injeção eu desmaio, as enfermeiras me falam, como pode um homem desse tamanho, um homem que parece um viking com medo de agulha?, e aí ele soltou seu rabo de cavalo revelando as crinas que iam até a altura dos cotovelos, faltava apenas o filtro preto e branco e a máscara negra cercando os olhos bolas de gude para que se tornasse o Zorro da foto do WhatsApp, Sou astrônomo, mas não segui a vida acadêmica, o que me sustenta são as aulas que dou no curso pré-vestibular, Aulas de astronomia?, Matemática, dois mais dois é igual a quatro e fim de

papo, e de supetão o carço finalmente veio com força na goela dela, Mas eu gosto mesmo é de tirar fotos do céu, ufa, isso sim, as imagens microscópicas que lhe saltaram aos olhos enquanto zapeava o aplicativo de paqueras, não se dava mesmo bem com aquele açogue, mas na foto dele o anel de Saturno estava tão perto e tão roxo como ela nunca tinha visto antes, a mesma cor das veias daquele pau comprido e gordo, o tom exato do esmalte de nome Vinho Romântico que cobria as unhas que agora ela enfiava nas costas dele, um cravamento de puro nervoso, havia percebido de cara que a energia dele não valia, pois o viking não acreditava em nada de energia, então ele a suspendeu e a ajeitou no limite da cama, colocando o cóccix dela apoiado na beirada, ela sentada com as pernas escancaradas enquanto o astronauta a puxava e a empurrava a fim de que o pau dele fosse encapsulado sem nenhum esforço, e ele gemia, gemia alto, enquanto ela, bem, ela também gemia, e sugando e soltando rápido o ar ela tremia como ninguém, era mole ter seus lampejos de mentira, ele tão ensimesmado que nem sequer percebia a falcatrua, ela berrava igualzinho a quando foi repreendida pelo seu síndico, soltando urros feito um jegue na época em que namorava o Arnaldo, o Arnaldo que quando pequeno operava lartixas e depois se tornou cirurgião torácico, imagina, pegar o coração de uma pessoa na mão, arrancá-lo por instantes fora do peito, o Arnaldo que adorava repetir a história de quando tinha tomado ayahuasca sozinho em Itaparica, numa pousada chamada Deus, o Arnaldo que a fazia de picolé mas por mais que se esforçasse nunca havia chegado no palito, já esse cavalo tinha problema que lhe

enfiassem a agulha e no entanto metia sem nenhuma precaução, o Zorro ia com a espada em riste até cutucar o útero, e quanto mais ela fazia força para expulsá-lo mais prazer ele sentia, ele a trazendo para si e a afastando com uma agilidade cada vez maior, ela parecia uma boneca de corda infinita, não parava de tremelicar nem gemer alto nunca, e seu clitóris feito lagarta enfiada na terra, um botãozinho que não dá na vista, e o pau que se exhibe como uma cruz no terço, um penduricalho sempre à vista, ele que ereto vai na frente do homem, não, não podia deixar aquele corcel continuar metendo na vulva dela, ela suspira e sente que o ar não lhe chega até o pulmão, o pneumologista disse que ela tinha que parar de fumar, não podia nem mesmo o cigarro eletrônico, *No vaping!*, *No vaping* de jeito nenhum porque o óleo de propilenoglicol associado à vitamina E gruda nos alvéolos e para a respiração, e ela que precisa tragar, ela que tem que soltar fumaça, ela que passou a usar o canudo fingindo um careta imaginário mas não dava conta, queria tanto um trago mas não tinha vontade nenhuma de saciar sua oralidade chupando aquele pau, o falo que açoitava suas cordas vocais arranhando impiedoso a garganta, e o vaivém dentro de seu esôfago era pior do que o tubo de endoscopia metido na goela, e então ela se lembrou da sua cadela que estava com a bexiga frouxa, cistite, ó, cistite, lembre que sua cachorra já é uma senhora, o rim não funciona direito, e começou a ter medo de panicar, tremeu de antemão pelo que já supunha que viria, o medo de despersonalizar, de se ver de fora, de sentir que seu corpo já não era mais o seu corpo, e então cuspiu o pau, Eu não quero mais!, Como não?, tá tão

gostoso, e ele lhe puxou o rosto com cobiça e a cabeça grossa do pau arranhou a garganta já inflamada, e logo o aguaceiro nos olhos quando ele apertou com ânimo seus mamilos, Parecem uma escultura esses peitos, e sem pestanejar ele empurrou o tronco dela e deu uma descida e enfiou de novo o pau buceta adentro, Olha como eu te fodo gostoso, e enquanto o cavalo relinchava ela fez força para escutar o som dos anjos, a harpa que sempre a comovia, esse instrumento que nasceu das cordas dos arcos de caça, e seu professor, ah..., seu professor, a maior de todas as platonices, o professor de harpa e seus dedos precisos nos acordes da salvação, o harpeiro viciado na valsa de despedida e aquele estúpido ali com a voz no mesmo verso, Que bucetinha mais apertada a sua, e então ela tentou se concentrar nas lições da clave de sol e de fá, Isso gostosa, me estrangula com a sua buceta, e de olhos fechados soluçou para dentro a fim de que ele não notasse suas lágrimas, e ele com a boca feito desentupidor enquanto ela fazia força para imaginar que era a língua do harpeiro, o harpeiro que também tinha olhos de gude mas sabia que isso não bastava para meter na caçapa, a língua dela e do professor tão sintonizadas que pareciam colchões de ar se acomodando um no outro, e então ela esqueceu que estava em Santa Tereza, fez de conta que engolia o amor no futon onde tinha aulas na Gávea, a Gávea onde faz domingo todos os dias, e ela e o professor e suas melancolias encaixadas de dia santo, mas aí veio a pressão monstruosa dentro do útero, Tá vendo como o meu pau arromba gostoso sua buceta?, e a bexiga dela afrouxando e a urina escorrendo pelo lençol cheio de bolinhas de quem tá usado demais.

Eu detesto *Golden Shower*, você tá de sacanagem!, Quem tá de sacanagem é você, EU NÃO QUERO MAIS, PARA, PARA!, e junto com o esgarçar das vísceras ela pressionou com força uma perna contra a outra feito uma tesoura que se enferruja e nunca mais se abrirá, o cheiro do próprio mijo ardendo os olhos já embaçados, e eis que, molhada e nua, rolou por cima da cama enquanto o astronauta prosseguiu tocando uma punheta no espaço sideral, ela catou suas roupas, se vestiu num pulo e disparou para a porta, os pés em corrida pelos sete andares da escada, o desequilíbrio nos degraus próximos demais um do outro, a queda feito pena que cai no desfiladeiro e vira asa, e comboiou mancando pela portaria afora rumo ao zigue-e-tozague dos trilhos do bonde, os trilhos do bonde e aquele sobe e desce danado de Santa Tereza, e avançou ladeira abaixo para enfim dar de cara com o túnel escuro, o subterrâneo onde ouviu o eco das próprias pegadas.

.....
Helena Machado (machadolelena@gmail.com) é escritora, dramaturga, roteirista e atriz. Venceu o prêmio Toca 2021 com o romance *Memória de ninguém* (Editora Nós, no prelo). Tem textos publicados nas revistas *Granta* (nº 6, "In Memoriam"), *Capitolina*, *Pessoa*, *InComunidade*, *Revera* e *Mapas do Confinamento*.

Maria Antônia

Leticia Martines

Queria escrever um soneto para você, Maria Antônia. Mas eu não lembro quantos versos eu preciso fazer. Você lembraria. Você lembra, eu sei que lembra.

Sabe, às vezes eu paro aqui nessa cadeira dura, ao lado do seu colchão duro, e fico segurando sua mão fazendo de conta que nosso toque é uma conversa de pele. Neste exato momento, minha mão está perguntando para seus dedos inchados como eu faço um soneto.

Voltei. Precisei sair do quarto para a enfermeira cuidar de você. Agora essa mão, a que fica com a minha, está mais livre, desamarrada de soro. Vai passar rápido, você vai ver. Ou talvez. Talvez não passe, eu não sei.

Eu não aguento mais a minha pele mentindo assim para a sua, Maria. Acho melhor parar com essa história de contar coisas novas. Me perdoa, mas não sirvo para ser seus olhos. Vou tentar abrir a janela para você mesma sentir o vento do jeito que você gosta. Sente?

Você sente, Maria Antônia?

É 1966 ventando aqui de novo. Elisa e Cecília estão com sua irmã e você está na garupa da nossa bicicleta verde. Enquanto dizia isso, fiquei imaginando que você poderia acordar só para falar que a bicicleta era azul. Essa sempre foi minha briga favorita, bater boca com você por cor de memória bonita.

Mas me diz, Maria Antônia. Você consegue sentir o vento? Você vê?

Na cestinha tem meia dúzia de margaridas embrulhadas no jornal e quatro pastéis, dois de carne e dois de milho. “Abre o olho, Casimiro! Olha pra frente!” Eu fingi não ver, fingi cair, você viu e fingiu acreditar. A gente riu de verdade até quase perder o controle.

Elisa acabou de chegar no quarto com flores para você, acho que são orquídeas, não tenho certeza. Nome de flor é só mais uma dessas coisas para as quais eu nunca precisei buscar resposta sozinho, era só procurar por você.

Agora eu preciso dessa mão para receber o buquê. Nossa conversa de dedos suados ainda não terminou. Vou só dar uma saída rápida, já que você tem companhia.

Acho que vou comprar pastel.

.....
Leticia Martines (leticia.martines@gmail.com) é formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e trabalha há dez anos como redatora e estrategista criativa em agências de comunicação. Nas horas vagas, escreve ficção, faz colagens, gasta tinta acrílica e fotografa seus próprios gatos.

Meu pai, Cruijff e eu

Arthur Mello

Playing football is very simple, but playing simple football is the hardest thing there is.

Planejamento diante do improviso. Ordem em oposição à indisciplina. A objetividade *versus* abstração. Em uma tarde nublada de julho de 1974, no Estádio Olímpico de Munique, a tradicional equipe de futebol da Alemanha entrava em campo para enfrentar, até o início daquela Copa, a pouco conhecida seleção holandesa.

Um calvo e sorridente Franz Beckenbauer, o capitão do time alemão, jogava sua terceira Copa do Mundo. Vice-campeão em 1966, terceiro lugar em 1970, o Kaiser, ou Imperador, exibia a confiança e determinação para fazer seu país campeão do mundo pela segunda vez.

Do lado oposto, um jovem cabeludo e de cenho fechado disputava seu primeiro torneio. Johannes Cruijff, o líder indiscutível da então invicta Holanda, e que, ao longo dos últimos 30 dias, vinha encantando o mundo por apresentar um tipo de futebol pouco

usual. Com jogadores versáteis e sem posição definida, o carrossel holandês, como ficou conhecido, confundia os adversários com trocas de passe constantes, precisão milimétrica e com uma marcação sob pressão que inevitavelmente se traduzia em gols. Muitos gols.

Cruijff ganhou o cara ou coroa e, logo que o juiz apita o início da partida, o capitão holandês toca a bola pela primeira vez e já começa a colocar em prática sua visão do futebol, sua visão de mundo.

Os segundos se passam, os passes são trocados. Um, dois, três, quatro. A bola está no campo de defesa holandês e, como se esperava, a Alemanha se fecha, esperando a chance de um contra-ataque. Cinco, seis, sete, oito passes. A bola já está no meio do campo, e todos os jogadores da Alemanha se posicionam no campo de defesa, indefesos. Cruijff assume a posse da bola mais uma vez e gesticula, exigindo um posicionamento de seus companheiros. Nove, dez, onze. O carrossel holandês começa a se transformar em seu *alter ego*. A Laranja Mecânica entra em cena e encurrala o time da casa, forçando o jogo pelo flanco esquerdo. O Kaiser aponta, seus compatriotas se posicionam e rapidamente fustigam a primeira investida do adversário. Doze, Treze. Catorze. O décimo quarto passe encontra novamente Johannes. No vídeo oficial da final, é o exato momento em que o décimo quarto minuto da transmissão se inicia. Cruijff, o gênio do futebol, parte como um dardo em direção à área adversária. E só é parado quando derrubado. Pênalti. Um minuto depois, o outro Johannes do time, Neeskens, bate com força no centro do gol e abre o placar. Os anfitriões nem sequer tinham tocado na bola. Holanda 1, Alemanha 0.

No futebol, a camisa 10 é uma marca. Eternizada por Pelé, traz consigo o significado do jogador a ser parado. Inevitavelmente, o melhor. Naquela tarde, bastaram 14 passes para que não houvesse dúvidas de que o craque daquele time não portava a 10. Crujiff carregava um 14 negro nas suas costas, em contraste ao laranja da camiseta holandesa.

Sometimes something's got to happen before something is going to happen.

“Hoje a gente teve alguém que jogou para si mesmo. Ganhamos o jogo, mas não como um time.”

Meu técnico Antônio Carlos fala essas palavras após meu primeiro jogo usando a camisa 10. Meu pior jogo do campeonato. Fui egoísta. Fiz as escolhas erradas e queria fazer um gol de qualquer jeito. Fui atrás da bola e não esperei o momento de ela me procurar, como sempre fiz. Fui contaminado com a artilharia do campeonato que desejava, com a camisa 10 que o próprio Antônio Carlos me entregou minutos antes no vestiário, com a justificativa de que era o líder e o melhor jogador do time. Vaidade.

Prometi que não usaria jamais novamente a 10. Volto pra casa, conto tudo para meu pai. Filho, o Crujiff usava a 14. Eu nunca tinha visto uma seleção como aquela de 74, filho. Tenho um videotape deles, não quer ver? Quero. Assistimos juntos ao jogo da Holanda com o Uruguai. Filho, essa seleção do Uruguai era espetacular, mas olha, eles não conseguem

pegar na bola. Você que adora o Kubrick, deram a essa seleção o apelido de Laranja Mecânica. Vou usar a 14 para sempre, pai. Isso, filho, vai tirar a pressão das suas costas. Vai ser bom pro seu jogo, você vai ver.

If you play on possession, you don't have to defend, because there's only one ball.

O futebol apresentado pela Holanda ao longo da Copa não foi uma completa surpresa para o mundo do futebol. Na Europa, pelo menos. O Ajax, tradicional equipe de Amsterdam, reinou no início dos anos 70. Campeão europeu de clubes em 71, 72 e 73, foi a base da seleção que disputou a Copa. Na final, eram cinco atletas do Ajax no time titular. Conhecido na Europa, pouco conhecido no Brasil.

Mario Jorge Lobo Zagallo, o técnico do Brasil naquela Copa, sempre foi famoso por sua confiança. Bicampeão do mundo como jogador em 58 e 62 e campeão como técnico em 70, Zagallo flertava constantemente com a soberba. “Não estou preocupado com a Holanda, é ela quem tem que estar preocupada conosco”, respondendo ao questionamento sobre a até então irrepreensível campanha dos adversários. Quando perguntado sobre o revolucionário sistema de jogo holandês, disparou: “Essa seleção é muito tico-tico no fubá”.

O duelo, que àquela altura definiria quem disputaria a grande final, foi um passeio. O placar final de 2 x 0 não fez jus à discrepância de talento entre as duas equipes. O que se viu foi um Brasil

perdido em campo, apelando constantemente para a violência, como única forma de parar o carrossel holandês.

Faz pouco tempo que Zagallo enfim se curvou ao talento de Crujff. Em uma entrevista em 2011, declarou: “Eram, gênios, craques da bola. Foi uma revolução tática em uma Copa do Mundo”.

It is better to fail with your own vision than to fail with another man's vision.

O poderio demonstrado pela Holanda, em Munique, naqueles 90 segundos iniciais, já era amplamente conhecido por Beckenbauer. Ajax e Bayer já tinham se enfrentado pelo campeonato europeu de clubes em 1973, com o Ajax saindo vitorioso, depois de uma vitória acachapante por 4 a 0. A derrota foi uma lição para Franz. Com uma tática pouco comum, a Alemanha escalou Bert Vogts para perseguir Crujff o jogo inteiro, como uma sombra. E deu certo. Após o gol, o time alemão passou a colocar seu plano de jogo em prática e, pouco a pouco, passou a dominar as ações. Com dois gols ainda no primeiro tempo, a Alemanha foi para o intervalo vencendo a partida. O time holandês tinha sido tão dominador que aqueles foram os únicos gols marcados por um time adversário em toda a Copa. O segundo tempo não foi muito diferente: um jogo truncado, com poucas chances, como os alemães desejavam. A Alemanha se sagrava bicampeã mundial. A Holanda entrava para a história do futebol.

There is no greater medal than to be acclaimed for your style.

If I wanted you to understand it, I would have explained it better.

Pai, mãe, podemos ir naquela loja que vende camisetas retrô na Leicester Square? Queria comprar uma camiseta do Cruijff para mim. Hi sir, what's the price for that shirt? Ok, thanks. Não comprou, filho? Não, muito cara, 30 libras. Filho, você vai lá e vai comprar. Você só fala nessa camiseta e nessa loja. Você vai se arrepender. Tá bom, tá bom. E no dia seguinte, eu desfilava minha camiseta laranja com um 14 negro nas costas pelas ruas de Londres. Eu tinha a sensação de que todo mundo me olhava. Minha mulher sempre me dizia que eu ficava lindo com aquela camiseta. E que foi quando dei para ela a foto para a carteirinha do cursinho que ela se deu conta de que estava apaixonada por mim.

Without the ball, you can't win.

Barcelona se tornou a casa de Cruijff a partir de 73. O craque preferiu os blau grana em detrimento do Real Madrid por alguns milhares de dólares, por seu mentor, Rinus Mitchel, técnico da seleção da Holanda e do time da Catalunha e também por se recusar a jogar por um time historicamente ligado à ditadura franquista. A contratação se provou um sucesso logo no primeiro ano. Depois de um jejum de 14 anos sem títulos, o Barcelona sagrou-se campeão após uma vitória de 5 a 0 em pleno Santiago Bernabeu, casa do arquirrival. Cruijff desafiou a ditadura franquista batizando seu filho de Jordi, nome do padroeiro da cidade. Na época, nomes catalães

eram proibidos. Quando foi registrar o filho, nascido na Holanda, o craque retrucou no cartório, quando informado de que aquele nome era proibido: “E por que é proibido? Sou Holandês, eu decido o nome do meu filho”. Foi o primeiro Jordi oficialmente registrado na cidade em décadas.

Crujff jogou no Barcelona até 78. Regressou ao clube em 1988 como técnico, posição que ocupou até 1996. Ganhou quatro títulos espanhóis seguidos e uma liga dos campeões da Europa. Seu legado, no entanto, nunca se resumiu apenas a títulos ou troféus. Crujff implementou com sucesso sua visão sobre o futebol. Alterou a formação dos jovens jogadores e o estilo de jogo do Barcelona. Hoje, décadas após sua passagem vitoriosa, nos deleitamos com o futebol praticado por Messi, Xavi e Iniesta. O estilo Barcelona é inconfundível e as raízes dessa marca estão no revolucionário da camisa 14. Crujff era um obcecado pela posse da bola. Acreditava que a melhor defesa era encurralar seus adversários no seu campo de ataque. Acreditava na criatividade e liberdade de seus jogadores. Conceitos semeados no final dos anos 80 e que apenas hoje são colocados em prática pelos principais clubes de futebol. Crujff encantou o mundo do futebol por uma década como jogador e encontrou em Barcelona o ambiente perfeito para passar adiante sua visão.

You play football with your head, and your legs are there to help you.

Nos verões que passávamos na Riviera, durante a minha adolescência, o final das tardes era jogar futebol na praia.

O W.R. tinha mandado fazer traves e uniformes para dois times completos e, naquele ano de 1997, eu já tinha me tornado um belo centroavante. Jogo objetivo e rápido. Batia bem com a esquerda e a direita e, apesar de ser à primeira vista apenas um garoto grandão, tinha habilidade e desenvoltura. Eu pensava para jogar.

Meu pai já não se aventurava mais. As seguidas contusões no joelho já não permitiam essa sua satisfação anual. Ele sempre adorou jogar bola. Os jogos eram muito disputados, com brigas sempre. Eu era um jovem provocador, e antes de começar o jogo falava quantos gols ia fazer. Não dava certo sempre, mas eu deixava meus oponentes com raiva, e é mais fácil vencer um jogo quando seu adversário não pensa muito.

Quando o Tito, meu primo e goleiro do time defendeu a bola após um escanteio, parti para o ataque esperando uma jogada rápida. Bola pra Guto, que lança pra Felipe, já no meio do campo. Levanto o braço pedindo a bola por cima. Felipe sempre foi muito habilidoso e sabia que eu gostava de receber a bola nas costas do defensor. Ele levanta a cabeça e eu já me posiciono esperando. Ela vem, perfeita. Mato no peito e Eduardo, o zagueiro do time adversário, se aproxima no momento que a bola vai bater no chão. E, a partir desse momento, eu já não estou pensando mais no que fazer e em como fazer. Eu faço. Meu pé chega mais rápido e toco na bola com a força perfeita para encobri-lo. A bola trisca seu cabelo para completar o chapéu e me encontrar já do outro lado. Seu

olhar incrédulo é a evidência da magia que está acontecendo. Um passo para arrumar o corpo e um olhar para ver onde o goleiro está e pronto: solto uma bomba no ângulo, indefensável. Quando a rede estufa, eu berro: Que golaço, puta que pariu. Guto, sempre contido, corre em minha direção e me diz: Caramba, Arthur, o que foi isso? Termino de abraçar meus companheiros, solto uma risada irônica para o time adversário e dou os ombros. Meu pai se aproxima. Sempre achei que o papai era o Michael Corleone. sem emoção alguma. Ele me dá um abraço também e me diz, orgulhoso: Turi, pareceu o gol do Pelé contra a Tchecoslováquia em 70. Eu dou uma risada. Pai, esse é o gol da 14 que você me fez usar. E o Pelé não chapelou ninguém naquele gol. Ele me olha gostoso e o jogo recomeça. Foi o gol mais bonito da minha vida.

I'm ex-player, ex-technical director, ex-coach, ex-manager, ex-honorary president. A nice list that once again shows that everything comes to an end.

Crujff seguiu sua carreira na seleção holandesa após a derrota na Alemanha. A base da seleção permaneceu a mesma e as eliminatórias para a Copa da Argentina em 78 pareciam apenas um aquecimento. Com quatro vitórias e um empate, a Holanda enfrentou a Bélgica em Amsterdam e, após uma vitória por 1 a 0, o carrossel holandês se classificava para a fase final da Copa mais uma vez. Poucas semanas depois, Crujff anunciou que aquele seria seu último jogo pela seleção e que não jogaria a Copa no ano seguinte.

A decisão era irrevogável. Cruijff se recusava a participar de um evento organizado por uma ditadura.

No entanto, quase 30 anos após sua aposentadoria precoce, Cruijff assumiu os motivos por ter se recusado a jogar. Sua casa em Barcelona havia sido invadida em uma tentativa frustrada de sequestro. Sua esposa conseguiu fugir e avisar a polícia, que prendeu posteriormente os bandidos. Cruijff era muito ligado à sua família e não quis deixar esposa e filhos sozinhos por um mês enquanto jogava na América do Sul.

Sempre gostei de Amsterdam. Amsterdam das bicicletas, do Vermeer, dos sorvetes nos coffee shops. No início de 2014, estava na cidade para um curso. Dividia meu tempo entre uma sala de hotel, um Airbnb e caminhadas à noite. Durante os almoços, passeava por Jordaan, um bairro com poucos turistas e vitrines simpáticas. Uma loja repleta de camisetas laranja me chamou atenção. Um vendedor me mostrou os tamanhos. Perguntei se era possível gravar nome e número. Claro, qual você quer? Com araras povoadas por nomes como Robben, Van Persie e Sneijder, o vendedor ficou surpreso quando cravei: 14 Cruijff. As pessoas hoje em dia se esquecem dele. É o meu ídolo. Uma risada e 5 minutos depois estava uniformizado. Já estava saindo da loja quando vi uma camiseta de algodão, com as golas pretas, como a que comprei na Inglaterra, muitos anos atrás. A diferença era o tamanho, esse era para uma criança de um ano. Martin, meu primeiro filho, tinha algumas semanas apenas na barriga da Carol. Eu não resisti e

levei como primeiro presente para meu primogênito. Ele tem uma foto linda, ainda bebezinho, sentado na mesa de jantar. Dando uma risada gostosa e eu ao seu lado. Os dois fantasiados de Cruijff. Pai e Filho.

.....

Arthur Mello (arthurfm@hotmail.com) é mestre em Finanças e Economia pela FGV, engenheiro de produção pela USP e sócio da livraria Megafauna e da Vita Investimentos.

Beleza de broa

Carolina Menezes

A casa cheirava a bergamota com limão, misturados a um perfume de rosas e lavanda. Nos fins das tardes de domingo, vovó nos recebia em abraço aromático. Sempre de banho tomado e besuntada de creme. De epiderme fina e delicada, com colágeno resistindo à idade. O tom branco quase leite da pele harmonizava com o grisalho do cabelo fino, volumoso e curto penteado com ondas suaves para o lado direito.

Com cheiro de Nívea e sobrenome Beleza, vovó era católica, beata, praticante fervorosa dos terços e das novenas. Tinha um pingente em prata com crucifixo que descansava abaixo do peito e reforçava sua força e espiritualidade.

Uma legítima mineira, boa de observar e pouco falar. Apresentava voz mansa, olhar lunar que, em ritmo de maria-fumaça, explorava o tempo a seu favor e regia a vida no compasso desejado do seu caminhar. Sem vaidades e econômica em vestimentas, vovó tinha no armário três saias longas de linho em matizes sóbrios e umas quatro blusas de cetim, todas em um mesmo estilo, com

paleta de cores variando do branco ao *nude*. Para dias festivos, vovó tinha um vestido de linho azul caribe, com detalhe na gola que enfeitava com flor *bordeaux* em broche. Ao fundo, escondido com fetidez da naftalina, um casaco de lã xadrez e só.

Nos pés, sapatilha Moleca preta, com aparência nada *fashion*, mas de extremo conforto. Vovó tinha joanetes. Usava meias brancas de algodão felpudas e macias. Era preciso acomodar bem aquelas saliências ósseas.

Vovó era assim linda em sua simplicidade e calma.

Mãe de nove filhos e viúva havia tempo que já não se conta em calendários, vovó recebia afeto aos domingos. A casa enchia. Vovó sorria por dentro. Não tinha risada e dentes que escancaravam a alegria. Mas a ternura de um olhar que brilhava.

Filhos, netos e bisnetos chegavam e enchiam o apartamento. A maioria sentava-se na sala de jantar em volta de uma mesa de madeira comprida, de bancos duros e nada ergométricos, mas em nada importava o desconforto. Alguns se esparramavam na sala e eu ia direto para a cozinha me encontrar com ela.

Era naquele espaço *kitsch*, de azulejos amarelos e armários em laca brilhante marrom aveia que vovó preparava a broa. Uma receita que sabia de cor, sem métricas e pompas.

Eu ficava recostada na pia de mármore esbranquiçada a observar vovó preparando a receita.

Em um pirex de vidro âmbar marrom, vovó adicionava duas colheres de manteiga bem exageradas e, quando tinha nata que guardava da fervura dos leites, acrescentava em quantidade bem

generosa. À mistura gordurosa salpicava os ingredientes secos na cumbuca. Começava pelo açúcar sacolejando a xícara. A dose era medida com o olhar. Em seguida juntava três xícaras de fubá de moinho d'água, outra de farinha de trigo e uma pitada de sal.

Os ovos eram incorporados uma a um. Se fossem muito pequenos e pouco carotenados, aumentava a quantidade, mas normalmente utilizava cinco unidades.

Misturava todos os ingredientes e, aos poucos, adicionava o leite até que a massa chegasse ao ponto desejado. Finalizava o preparo colocando um punhado de erva-doce, o fermento químico em pó e mexia mais um pouco. Aquela massa densa e edulcorada deslizava para uma assadeira retangular, irregular, cheia de ondas e erupções, vincos e queimadinhos que tatuavam o metal já fosco e desgastado pelo uso.

Com o calor do forno, açúcar e manteiga iniciavam seu papel de ajudar na retenção de ar liberada pela ação do fermento. A cozinha exalava novos cheiros. Era esse o alerta sensorial que fazia vovó escancarar seu rosto pelo espelho do forno. Ficava ali alguns segundos a observar. Com o calor dissipado pelo forno, as bochechas se aqueciam até aquela pele branca ressaltar uma vermelhidão, virava o rosto e dizia que era preciso ainda mais alguns minutinhos. Aquela sincronia nada técnica na espera era o tempo suficiente para que a reação química entre o açúcar, os leites e ovos formassem a crosta dourada e brilhosa. A broa estava pronta.

Com o tabuleiro ainda quente, cortava pedaços retangulares. Fazia três colunas e umas sete a oito linhas. Eu, ali mesmo na

cozinha, pegava as quatro bordas. Vovó sorria discretamente e levava os pedacinhos fumegantes para a sala.

Quando vovó faleceu os domingos não eram os mesmos. Reunir não tinha o mesmo sabor e tampouco exalava os mesmos cheiros. A cozinha já não coloria o meu apetite.

Remexendo em seus cadernos encontrei a receita da broa. Página amarelada pelo tempo, suja de respingos dos alimentos e das digitais engorduradas. Admiro a caligrafia em arabescos. Um lapso ortográfico faz vovó rabiscar a receita e alterar a grafia da palavra xícara, que se encontrava em uma primeira citação com ch, sobreposto pela letra x.

A quantidade de leite, nata e erva-doce a ser adicionada? Só ela sabia.

“Broa de Fubá. Duas colheres de manteiga – e se tiver nata, também. Um copo de açúcar. Uma colher de chá de sal. Cinco ovos. Três xícaras de fubá. Uma de farinha de trigo e leite. Uma colher de sopa de fermento *royal* e erva-doce.”

Minha primeira tentativa de replicar a receita de broa da vovó foi marcada pelo fracasso. Adicionei quantidade insuficiente de leite, exagerada de erva-doce e nenhuma colher de nata. A broa ficou solada e seca. Não cresceu e esfarelou.

Era impossível replicar a receita da vovó. A nata que ela usava não é a mesma nata que se encontra atualmente disponível no mercado. Era uma nata “caseira”, colhida pela fervura do leite integral pasteurizado, tipo C, que vinha embalado em saquinho plástico e que era preciso ferver antes de consumir.

Lembro-me do método empírico da vovó fervendo leite. Depois que entrava em ebulição e começava a subir, ela afastava meia caneca da chama do fogão. Esse movimento permitia que o leite voltasse a descer até se aquecer novamente e então começar a levantar nova fervura. Repetia esse processo três vezes. Era assim que ela assegurava a hígidez do leite.

A nata ficava suspensa no líquido. Vovó coava aquela bolota amarelada untuosa e guardava em pote plástico para poder usar depois, no preparo de broa e biscoito de nata.

No meu segundo tentativa de preparo da receita ajustei a quantidade de leite. Adicionei duas xícaras. Para substituir a nata optei por usar um creme de ricota. Menos gordo e neutro, poderia contribuir com a umidade e maciez da massa. Desta vez fui parcimoniosa na erva-doce. Medi abrindo um sachê de chá e pronto.

A massa mais líquida me deixou receosa. Fiquei com medo de desandar. Colei o rosto no vidro do forno do jeitinho que vovó fazia. As bochechas ganharam tons vermelhos e a esperança aumentava à medida que via pelo reflexo os contornos em relevo da massa e o cheiro se expandindo pela cozinha. Esperei que a reação de Maillard¹ ditasse o tom dourado da crosta assada. Abri o forno

¹ Reação de Maillard: reação química de escurecimento não enzimática, que acontece entre o grupo aâmico das proteínas (nesta receita, presente no leite, nos ovos e na manteiga) e o grupo carbonila dos açúcares redutores, produzindo compostos de coloração escura (a famosa crosta amarronzada que se forma ao assar), liberando, também, substâncias voláteis responsáveis pelo cheiro característico (o delicioso cheiro que esparrama pela cozinha).

e a broa estava linda. O dulçor do milho caramelizado se mesclava ao vibrante do anetol² .

Ainda quente, repeti o desenho geométrico de corte da vovó. Fui pelas bordas e segurei um retângulo pelas mãos. Tinha cor, textura e maciez. Fechei os olhos e mordisquei.

Era uma broa deliciosa e ponto. Seria tão boa como já foi...

Não senti vovó no gosto de broa. O preparo era demasiadamente técnico. Entendi que fazer a receita me deixava mais feliz que comer. Percebi que minha alma vive é com saudade dela.

² *Anetol*: composto aromático adocicado de origem vegetal encontrado naturalmente na erva-doce.

Diário da Caixa

Priscila Nicolielo Mengozzi

15 de março

Ficar dentro da Caixa não tem sido ruim. Tenho água, comida, cerveja, televisão e uma corda de pular. Dá pra ver o céu azul da claraboia no teto. Serão apenas duas semanas.

17 de março

No meio de uma garfada de bife, ouvi o barulho de uma explosão, talvez lá na serra. Rezei um terço e acendi uma vela que queimou bem.

18 de março

A TV noticiou que a explosão de ontem deixou mais de 500 mortos. Não consegui dormir pensando na imprevisibilidade da vida.

Quinhentos mortos é muita gente.

19 de março

Fez sol.

20 de março

Laurinda não veio limpar a Caixa.

*

Fiz faxina bebendo cerveja., Fiquiei bebendo e trapecei no pe na cama.

21 de março

Acordei com o tornozelo doendo e um pouco inchado. Não tenho anti-inflamatório. Tenho cerveja.

*

Outra explosão. Essa foi mais próxima. Credo.

22 de março

A Caixa parece esquentar conforme o tempo passa. Talvez o acúmulo de células que se destacam do corpo ao longo do dia tenha alguma relação com isso.

*

Pulei corda. Meu joelho esquerdo doeu um pouco.

23 de março

As explosões têm sido contínuas, mas distantes da minha Caixa.

*

Daqui a uma semana, isso tudo vai passar.

24 de março

Acordei de um pesadelo na madrugada. Eu estava dentro de um avião com todos os assentos ocupados por passageiros de várias etnias, então eu encontrava Mariana, nos abraçávamos, eu pedia perdão e ali mesmo a gente transava. Antes de gozar, o avião era atingido por uma bomba. Foi quando despertei e, da claraboia, vi o céu acender acompanhado dos ruídos do que achei serem trovões.

25 de março

Ainda bem que choveu um pouco, pois eu não rego a árvore da felicidade há uma semana, sinto preguiça.

26 de março

Duas pequenas explosões no bairro. Gritos de mulheres e depois um choro ardido. Daqui da Caixa, não consigo ver o que aconteceu. Coloco a cabeça para fora da claraboia, mas os Fiscais me orientam que eu volte e não me dão detalhes.

*

A cerveja não faz efeito há três dias, nem o Pai-Nosso.

27 de março

O Líder faz questão de nos tranquilizar: pessoas como eu não explodem tão fácil e sugeriu que comêssemos bastante laranja

– segundo seu médico e guru, explosões têm medo de laranja – e pediu que desligássemos a TV para não nos assustarmos. Eu não confio nele, mas vou acatar o conselho de me alienar um pouco. Sobre a laranja: achei absurdo.

28 de março

29 de março

Acabou a cerveja. Não posso buscar. Dizem que noz-moscada em grandes quantidades também dá barato.

*

Não consegui ficar sem televisão.

30 de março

Houve uma explosão na minha rua. Seu Domingos não sobreviveu. Disseram que os velhos aguentam menos.

*

Amanhã tudo acaba.

02 de abril

Ontem o Sublíder pediu ao Povo mais duas semanas de Caixa.

05 de abril

Explosões. Mil mortes.

09 de abril

Explosões ontem, anteontem, hoje, agora. Mil e duzentas mortes.

10 de abril

Explosões e explosões. Mil trezentas e cinquenta mortes.

11 de abril

Tomei chá de lavanda.

13 de abril

Explosões e ioga e mortes.

15 de abril

Plantão: fiquem nas Caixas por tempo indeterminado, explosões matam e estão por toda parte.

Um artista da novela morreu.

Um escritor morreu.

17 de abril

O médico e guru do Líder morreu, mas era velho.

18 de abril

Uma youtuber adolescente morreu, mas não comia laranja.

19 de abril

A melhor amiga da minha prima morreu. O cunhado do meu chefe morreu. A esposa da minha cabeleireira morreu. O homem que me vendia sorvete morreu. Meu dentista morreu. Minha massagista morreu. Minha mãe morreu.

Não compareci ao crematório por riscos de explosões no local.

20 de abril

21 de abril

22 de abril

23 de abril

24 de abril

25 de abril

bdbdfgdbhcasnkcsihocsqndwfhgcaxgydqwjlfwdhicsb-jkcjcbuofewkfehuvffbsjuifgyudsgbfwbdbdfuherhufew8uf7ew-rwrdsuiedi0-fqe

26 de abril

19 de maio

Não suporto mais pular esta merda de corda. A vontade é de me enforcar com ela.

25 de maio

Acordei com vontade de comer churrasco. Ainda tenho maminha no freezer.

Era a minha mãe quem acendia a churrasqueira pra mim. Consegui fazer o fogo pegar uma hora depois, junto com algumas mortes. Duas mil.

2 de junho

Ah, é outono. Minha estação do ano favorita.

8 de outubro

Enviei uma proposta a um cliente.

Novcentas mortes. Que bom.

25 de dezembro

Natal e acho que algumas explosões.

31 de janeiro

Parece que não vai ter Carnaval.

Mas tem cerveja.

Mil e duzentas mortes.

Carnaval

Na Caixa. Parece replay.
Olhar o céu pela claraboia.

01 de março

Plantão: continuem nas Caixas. Existem novas e mais potentes explosões.

02 de março

Uma explosão na Caixa vizinha à minha. Essa foi por pouco.
Duas mil mortes.

03 de março

Dona Wanda, a vizinha, gritou por socorro. As últimas palavras de minha mãe me pediram para cuidar da dona Wanda. Os Fiscais não deixariam.

04 de março

Enjoei de água.
Dona Wanda berrou socorro mais duas vezes e parou.
Minha mãe, minha mãe.
Preciso saber se a velha está bem.
Os Fiscais.
Vou lá, dou um oi, vejo se ela precisa de algo, e volto correndo, sem risco nenhum.

.....
Priscila Nicolielo Mengozzi (prinicoliello@yahoo.com.br) é roteirista e escreve para *reality shows*. Já teve textos teatrais montados e lançou um livro de crônicas de maneira independente.

Rubinho da Dona Rachel

.....
não ficção

Marina Neder Monteiro

Marina está digitando...
Família, vovô Monteiro fez Direito em que ano?
Sobrinho está digitando...
Se formou em 1933.
Marina está digitando...
Ele foi contemporâneo do Rubem Braga?
Sobrinho está digitando...
O Rubem Braga foi veterano dele, se formou em 1932.
Marina está digitando...
Eles foram amiguinhos? O Braga trabalhava em um jornal e
fazia Direito em 1930. Será que era o *Estado de Minas*?
Sobrinho está digitando...
Não sei. No Museu do Rubem Braga não tem nenhuma foto
do vovô.
Marina está digitando...
Será que se encontraram no jornal também?

Durante uma aula sobre crônica, meu professor contava sobre a trajetória do Rubem Braga, que morava em Belo Horizonte e trabalhava num jornal, ao mesmo tempo que estudava Direito. História muito parecida com a do meu avô Monteiro. *Professor, acho que o Braga e meu avô foram contemporâneos na UFMG, estou achando chique! Eu também estou achando chique.*

Sobrinho está digitando...

Devem ter tomado uns *drinks*. Pinga com mel!

Primo está digitando...

E sinuca de ficha!

Marina está digitando...

Meu professor achou chique vovô e Braga serem contemporâneos. Chique é o Braga ter conhecido o vovô!

Sobrinho está digitando...

Tão chique que nem sequer temos confirmação do fato.

Marina está digitando...

Já espalhei pra minha sala!

Sobrinho está digitando...

O importante é criar a lenda!

Não conheci o meu avô. Ele trabalhava na roça e teria ficado lá em Aiuruoca, não fossem seus amigos dizerem que ele era inteligente e deveria fazer uma faculdade. Vovô pegou mulher e crianças e foi para Belo Horizonte estudar Direito.

Na minha imaginação, foram de carroça. Vó Luísa ao seu

lado, tio Juarez e tia Zélia na carroceria. Ouço as panelas de alumínio tilintando na estrada de terra, trilha sonora da viagem, naquele sul de Minas de campos verdes e gente de vida simples. Até que meu pai, um dia, me disse que eles foram de trem. *Pai, posso continuar contando que eles foram de carroça? Uai, minha filha, a história é sua, você conta do jeito que você quiser. Mas eles foram de trem.*

Vovô era faxineiro no jornal *Estado de Minas*. Um dia, Chateaubriand encontrou Monteiro no exercício da sua função e puxou assunto. Descobriu que vovô era estudante de Direito e ficou interessado em saber por que um estudante de Direito estava nesse cargo. Vovô explicou que esse cargo era o que sustentava a sua família. Chateaubriand imediatamente o promoveu.

Na minha imaginação, vovô usava um macacão cinza e esfregava o chão. Um homem de terno apareceu e trocou o seu balde por uma caneta vermelha. Vovô virou revisor. Tudo se encaixou. Braga escrevia, Monteiro revisava, bebiam pinga com mel, jogavam sinuca de ficha e caminhavam juntos para a UFMG.

Marina está digitando...

Monteiro lapidou as primeiras crônicas que o Braga escreveu pro *Estado de Minas*.

Sobrinho está digitando...

O Braga escrevia pro *Diário da Tarde*.

Marina está digitando...

Os dois jornais ficavam no mesmo prédio. E no Museu do

Vovô Monteiro, tem uma foto dele com seu grande companheiro de vida, o Rubinho da Dona Rachel. A história é minha, eu conto do jeito que eu quiser.

O curioso caso do Nelson

Rafael Oliva

Antigo e bem conservado, o prédio era daqueles de gabarito baixo, quatro pavimentos. Pelo que se via no térreo, dois apartamentos por andar que seguiam a numeração padrão, 101, 102. Dali pra cima só podia seguir com 201, 202 e assim por diante. A não ser por uma extravagância imobiliária inaudita, o 401 não existiria, foi o que o Nelson me disse que pensou quando chegou lá.

Ainda no térreo, ele lembrou de uma extravagância dessas, ele me disse também. Uns dias antes, o Juliano, um amigo dele do trabalho, contou que o condomínio do primo tinha decidido trocar a numeração dos apartamentos cujos algarismos somassem seis. Parece que o pessoal do prédio se baseou em alegações numerológicas. O número seis não seria bom para morar, podia atrair energias ruins, principalmente para casais, disseram. O primo tinha acabado de casar e era o síndico. Substituíram tudo o que precisava, foi assim que o Juliano contou a história.

O Nelson falou que tentou manter a calma quando lembrou

disso. Podia bem ser gozação do Juliano por ele ter comentado da consulta, não ia botar fê. Na hora, a sensação foi a de que o amigo estava falando sério, mas hoje em dia não dá pra confiar em mais ninguém, vai saber. Ele só se acalmou de vez quando viu que o 401 não entrava na mira da matemática esquisita do condomínio do tal primo, somava cinco. Como é que não me dei conta disso, o cálculo era simples, vai se foder, Juliano, e eu consegui imaginar o Nelson praguejando no *hall* do prédio num misto de raiva e alívio, enquanto relatava a cena.

Muito da dúvida deve ter sido por ele não ter mesmo conhecimento daquelas coisas. O Nelson não era do tipo que dava moral pra cartomante, horóscopo, leitura de mão. Não que ficasse tirando sarro de quem acredita, cagando regra com ar de superioridade. Ele só não era muito atento a esse tipo de assunto, cuidava da rotina dele e boa, na base do que tiver de ser vai ser, do arroz com feijão. De numerologia soube pela primeira vez na tal consulta, a que ele só foi porque já estava aflito demais. Mas é óbvio que não tinha como sair manjando a diferença entre o um, o dois e o sete, depois de uma explicação só. O bagulho era cabeludo, a mulher mesmo começou dizendo que numerologia era um *sistema simbólico complexo*, um negócio desses. E se tinha uma encrenca com o seis, por que não poderia existir alguma complicação com somatórias em cinco? Dava pra ficar encafifado, ele falou e eu concordei. Nessas horas tem pergunta que é melhor esquecer e ficar com o que interessa.

O que ele não esqueceu foi o que a numeróloga falou logo

que entendeu o problema, a angústia dele. Ela disse que a única forma da história vingar com a Marlene era ele morar em um lugar com a mesma numeração da casa dela. Da Marlene, claro, não da mulher. Ele me contou que ouviu essa parte concentrado, os olhos se arregalando devagar. A fulana disse que se ele e a Marlene vivessem em casas com o mesmo número, o Nelson podia ter uma chance. Que as energias iriam sintonizar na mesma frequência, ela enfatizou essa frase, ele disse. Um olhar cruzado no escritório e era garantido que ia rolar alguma coisa. Acrescentou ainda que a energia do 401, o número da Marlene, era especial, uma potência, energia de foguete. O Nelson disse que olhou intrigado pra mulher, a orientação era bem estranha, e ele tinha mesmo de desconfiar daquilo, podia ser engambelação. Mas ela encarou de volta e garantiu: não tem erro, filho, faça o que eu digo, já vi isso antes. E aí ele disse que se convenceu, que teve certeza.

Na verdade, ele queria se convencer. E não era pra menos. O Nelson vinha tentando o que podia pra ganhar a atenção da Marlene. Ficava de olho quando ela saía pro metrô pra encontrá-la na calçada fingindo coincidência, curti qualquer foto dela no instagram, e até postar piada besta num grupo do qual ela fazia parte ele postou. Pra nada. Se a Marlene chegou a deixar sorrisinho num desses posts foi muito. E vou dizer que eu nem achava ela tudo isso, mas o que vale o que eu acho?, o sentimento dos outros é o sentimento dos outros, se o cara ficou a fim da Marlene, uma mina difícil dessas, o problema é dele. Tamanho era o desapontamento de não ser correspondido que ele quase fez umas bobagens,

numa hora pensou em mandar um áudio se declarando, na outra em disparar uns nudes. Por sorte, foi detido pelo Juliano, que sacou a situação, aconselhou dizendo que não era por aí. O Juliano foi gente fina dessa vez. Nem sei, aliás, se ele realmente estava de zoeira na história do primo, ouvi outro dia de um pessoal mais entendido que soma de seis não é mesmo bom pra nada.

O que interessa é que o Nelson resolveu iniciar a procura na sequência da consulta, e pela vizinhança da Marlene. Não era preciso que fosse lá, a mulher repetiu várias vezes que a energia do número independia da localização, ele contou. Só que ela também sugeriu que se os endereços fossem próximos o efeito viria rápido. Vai ficar mais fácil, filho, não é obrigatório ser perto, mas ajuda, ela falou. Daí foi inevitável, o Nelson estava obstinado e decidiu esquadrinhar todas as ruas num raio de dois quilômetros do endereço da Marlene em busca de uma casa ou de um edifício que tivesse o 401. Até vila ele pensou em olhar, embora todo mundo saiba que não existe vila com essa numeração, assim como ninguém nunca viu campeonato mundial do Palmeiras. De quebra, ele pensou, conheceria melhor o bairro, descobriria pretextos novos pra puxar conversa, podia até ter a sorte de encontrar a Marlene passeando em um dia menos esnobe. O raciocínio dele não era ruim, o aperto deixa as pessoas mais inteligentes.

Essa época foi dureza. Três semanas depois de ter iniciado a procura, o Nelson era só frustração. Eram poucas as ruas que chegavam ao quatrocentos naquela região e quando aparecia uma mais promissora ela mudava de nome, reiniciando a numeração,

ou não tinha o 401. O bairro era uma colcha de retalhos de ruas curtas. No início, o Nelson queria uma casa, um sobradinho, imaginava a Marlene passando pela calçada com um vestido colorido e se deparando com ele, num acaso daqueles planejados. Ele se via num sábado de manhã numa cadeira de praia, no pátio da entrada ou apoiado no portão, fingindo descontração com uma lata de cerveja e os óculos escuros parecidos com os do pai dela, que ele tinha visto na tela do computador. Ela podia ficar curiosa se percebesse a semelhança, perguntar qualquer coisa, aí dessa vez ele se garantiria no papo, ele pensava. Mas com a dificuldade da numeração, ele abriu mão e passou a botar expectativas em achar um apartamento num prédio, a chance devia ser maior, bem que fazia sentido. Só que achar o 401 não estava sendo fácil e, pior, os imóveis disponíveis quase sempre somavam seis, ecoando a história do primo recém-casado do Juliano. Mesmo assim, ele raramente desanimava. Não sei se por teimosia, ingenuidade ou por uma mania de acreditar sempre em um desfecho bem-sucedido, o Nelson tinha uma persistência de fazer inveja. E ele queria a Marlene. Sobre tudo isso, ele queria demais a Marlene.

Por isso é que, naquele dia, parado ali diante do zelador do predinho, o Nelson devia estar mesmo confuso, de um lado com medo de uma nova decepção, a confiança já um pouco abalada, de outro achando que dessa vez ia dar certo. Ele tinha visto a placa aluga-se na janela do quarto andar, do lado de fora do edifício. E, como eu já contei, também tinha conferido a sequência da numeração no térreo, o 101, depois o 102. Ainda assim, seria

impossível que ele não estivesse embatucado, quem não estaria?, não é fácil aguentar desilusão. Ele falou que relutou um pouco antes de perguntar se o prédio tinha um 401 no quarto andar e se, em caso positivo, era esse o apartamento disponível para locação.

Meio desconcertado com a primeira parte da pergunta, o porteiro sorriu. Mas confirmou em seguida, pra tranquilidade do Nelson, que por causa disso nem ficou incomodado com o sorrisinho. O prédio tem um 401 e ele está livre sim para locação, embora a placa que o senhor deve ter visto seja da janela do 402. As duas unidades ficaram livres por esses dias, as chaves estão inclusive aqui na portaria. Quer dizer, agora tem uma pessoa visitando o 402 com um corretor, então só as do 401 estão comigo. O senhor quer visitar?

Obviamente que o Nelson não vacilou um segundo e respondeu que sim assim que o homem concluiu a resposta. Poxa, depois de tanta procura, ele viu a chance de que tinha falado a numeróloga, a perspectiva de sintonizar as energias com a Marlene, as frequências, aquele monte de groselha. Pouco importava o 402 estar ocupado ou desocupado, a placa ser da outra unidade, contar ou não com um vizinho de porta, foda-se a visita do corretor. O mais importante é que ele enfim tinha encontrado o que procurava. O Nelson apanhou as chaves e pressionou o botão do quarto andar festejando intimamente a recompensa por ter perseverado.

Ele contou que riu em silêncio quando a porta do elevador escancarou o *hall* de entrada. Disse que deu dois passos pra fora, olhou o piso frio e as paredes pintadas de verde-claro. A mulher

também tinha dito que verde era uma cor boa para o que ele queria, que ele comprasse roupas verdes, ela disse isso também, parece até piada, todo mundo sabe que verde dá azar, mas deixa quieto. O Nelson falou que nessa hora comemorou a coincidência, que ficou ainda mais confiante, agora vai, ele teve a convicção. Até se distrair da inspeção do *hall* com o eco da conversa que vinha do 402. Uma voz pareceu familiar e ele compreendeu rápido, não soube bem por que, que era da pessoa interessada no imóvel, com certeza não era a corretora. Na segunda intervenção da visitante, ele reconheceu a entonação, o timbre. O coração disparou, a cabeça ficou confusa, veio um frio na espinha. Ele pegou o celular para ligar pra numeróloga. Juro por Deus que era a Marlene que tava lá dentro.

Retrato

Victor Pedrosa Paixão

Num interior da Bahia, pela janela do ônibus, fotografei uma garotinha capinando daninhas a insurgir do chão lanhado. Não devia ter mais de dez anos. Tinha a pele morena um tanto curtida a brilhar seca sob o sol, o cabelo enloirecido rente igual corte de máquina a deixava quase careca ao longe, e ares de caminhar consciencioso ela manifestava em cada passo de firme contraste com seu tamanho. Manuseava a gadanha de forma precisa em semicírculos, mordendo as raízes teimosas com contundência de molares mascando, batendo e quebrando até pender um único fio. A garotinha atirou a gadanha ao chão como se enjoada do brinquedo. Abaixou-se e foi se aproximando de cócoras, o vestido azul desbotado a roçar os calcanhares empoeirados, enlaçou a daninha em seus dedos e arrancou-a sem cerimônia da fenda. Aí que a fotografei, quando passava as mãos pelas folhas sem vigor, penteando-as alongada e detidamente. Ela colou a plantinha contra o corpo e inclinou a cabeça de lado, os olhos fechados, o rosto enternecido, entregue, uma correnteza tímida a repuxar

os cantos da boca numa expressão de felicidade reservada, como quando do nada, às vésperas do sono ou duma estrada que se abre no sertão, somos assaltados pela descoberta dum rio subterrâneo, cristalino e largo, a nos expandir em júbilo e novidade e malefício. E então, bem quando o ônibus rugia ao seu lado, perseguido por uma cauda opaca de poeira, ela me viu com a câmara na mão... e acenou um sorriso breve. Mas logo o pó a envolveu numa fumaça nebulosa. Olhei a foto. O vermelho era dominante e de aspecto granular. O sol a três quartos do crepúsculo enaltecia a garotinha com uma candura triste. A amplidão esvaziada, a casa de taipa retirada do enquadramento, tudo composto a servir uma função desolada que a tornava tola, perdida, abandonada, uma figura meio mítica a boiar no tempo. E ainda que isso não fosse necessariamente uma mentira, não era o momento, quanto mais um fato. E o que era aquele momento e a quem de fato pertencia? Qual era o meu direito de enquadrá-la e encerrá-la nessa fantasmagoria a mim atrelada? Tamanha intimidade a decantar-se apenas por um ângulo. E sem fumaça, sem tosse, sem *secura*, sem valentia, e por uns trocados, ou nem isso. O *shot* sem aviso, o *click* silenciado. Uma captura camuflada à distância numa fuga sem consequências registradas. Ela ainda me acenou contente. No final das contas, talvez a garotinha tivesse me registrado também, guardando-me como aparição a reforçar sua concretude. Talvez estivesse feliz por alguém tê-la notado, uma criança íntima da gadanha, um rio subterrâneo em meio ao deserto. Ou talvez tivesse rido porque teve pena de mim, encerrado em inércia numa lata velha que revolve o

pó da terra e o lança ao ar, a fotografar a vida dos outros, a ganhar a vida em detrimento da realidade, a aparentar o mundo em traços maquinais. Deveria ter-lhe reservado a imprecisão mais justa da memória, mas não o fez.

Exercícios para aproximar gatos

Rebeka Landim Rafael

É tême a linha entre carinhos e rosnados quando os vejo se engalfinhando enquanto se afagam. Entre tufos de pelos, sinto-me convocada a intervir. No geral, dão-se bem. Já fazia um ano que eu flertava com a ideia de adotar um segundo gato, mas a coragem não vinha. Tinha medo de algo dar errado, de causar dano a Fidel. A última coisa que eu quero é causar dano.

Meu primeiro animal de estimação em São Paulo foi um porquinho-da-índia, presente meu para um ex-namorado e único espólio concreto dessa relação. Foi difícil encarar diariamente aquele serzinho tranquilo e silenciosamente demandante de comida e afeto. Em julho de 2018, após retornar de uma viagem, eu o encontrei emagrecido e se mexendo com dificuldade. Quando o peguei no colo, notei uma massa em seu pescoço. Eu o levei até a clínica veterinária, apostando que um remédio resolveria, a despeito das evidências. Ser médica, nessas horas, serve quase nada.

Após fazer um raio X, no qual o veterinário mostrou pequenos pontos brancos no que seriam os pulmões, eu soube. Caí num choro culpado, pois, em mais de seis anos, quatro tinham sido só o cumprimento de um dever. Então, ele disse, não fique assim, mãe. Fidi viveu muito para um porquinho. É um senhorzinho. Ele continuou falando enquanto me mantive suspensa na palavra que mais parecia a autorização de algo que, até então, eu achava impossível exercer – mãe.

Foi com essa autorização que, um dia depois de Fidi partir, decidi adotar um gato. Pinteí a sala, instalei telas de proteção e prateleiras para o novo morador do apartamento. No feriado de Sete de Setembro, depois dos últimos ajustes, fui com um casal de amigos a uma ONG. Eu desejava adotar um gato jovem, saudável, de preferência um frajola. E quando a moça da ONG nos levou para o espaço superior e abriu a porta, dei de cara com um. É esse, eu disse. Mas Fidel, que na época se chamava Michael, não era jovem. Tinha cinco anos. Também não era saudável. Com os rins comprometidos, havia sido adotado e devolvido duas vezes. Lendo meus pensamentos de recuo, a amiga disse – Mas seu amor só vai até aí? Questão delicada essa. Entretanto, foi o que me desafiou a sustentar levá-lo para casa.

Para mim, gatos são apaixonantes. Gosto da altivez de seus movimentos, da agilidade e da insubordinação aos desejos humanos. Diferentemente dos cachorros, eles não se curvam à nossa vontade em troca de afeto. Talvez seja o que mais aprecio. Confesso que tirei a sorte grande ao adotar Fidel. A doença renal estava

estabilizada e ele se adaptou bem à minha rotina. É um gato tranquilo, tem medo de altura, o que me fez pensar que as prateleiras haviam sido um desperdício, mas me fez sentir segura a ponto de devolver meus badulaques aos lugares de origem. Ele não gosta de ficar no colo muito tempo. Às vezes, pula em cima da cama, no meu peito, e se acomoda, tal qual uma esfinge, olhando muito sério para mim, disputando atenção com as páginas de um livro. E depois, como se entediado, se ergue e vai embora. Tenho a impressão de que ele está sempre me ensinando os tempos do amor, de saber lidar com a ausência e de não forçar aproximações. Os gatos têm seu próprio tempo. Eu também.

Uns sete meses depois de Fidel ter vindo para casa, ele ficou doente. Eu o levei à ONG e receitaram antibiótico e um protetor gástrico. Quatro dias depois, acordei e ele estava estranho. Quase não se mexia. Fui para a natação, mas acabei voltando. Fiz um teste que me parecia infalível. Abri um pacote de comida úmida que sempre o fazia correr para perto de mim, mas ele não saiu do lugar. Eu o busquei e coloquei ao lado do pote e, mesmo assim, ele não se animou. Foi se arrastando até o quarto e testemunhei um esforço imenso para conseguir ganhar impulso e subir na cama. Liguei para o meu analista e disse que precisaria faltar. Desmarquei o consultório e o levei ao hospital.

Nos meus primeiros anos em São Paulo, achava meio assustador e sintomático pessoas que tratam animais feito gente, como filhos. Me lembro da mãe de um ex-namorado que levava a cadela da família para passear num carrinho de bebê, ou de S, um amigo,

que trata seu Yorkshire como um rei, com direito a sessões de acupuntura e um quiropata. Sinto que ainda pagarei pela minha língua. Para além da conta com exames de controle renal e especialistas, pagarei com o corpo. Essa é a parte mais dura.

A maternidade sempre me pareceu um terreno pantanoso. Na minha fantasia, as chances de algo dar errado são aterradoras. Uma vez, escutei que o jornalista Paulo Francis havia desistido da paternidade por não conseguir suportar algo dar errado. Perder o controle da situação. Entendi perfeitamente. E se me perguntarem do que se trata, posso discorrer sobre os mais variados cenários trágicos, desde uma doença grave, assumir sozinha a criação de uma criança e comprometer minha carreira, até um adulto irresponsável com o qual teria de me haver depois. Nesse ponto, eu e S temos muito em comum. Nos conhecemos há alguns anos e, desde que ficamos mais próximos, S toca no tema da adoção, ainda que de forma tímida. Quantas vezes o ouvi dizer que a data-limite eram os cinquenta, e que depois não haveria mais chance. S seria um pai incrível, mas a dúvida o paralisa.

Ter um filho é sem volta. Me lembro da personagem de Drew Barrymore, em *Os garotos da minha vida*, dizendo que ser mãe é um trabalho que nunca acaba. É de dar mesmo um frio na espinha pensar que só a morte (será mesmo?) finda esse cargo. A nossa ou a deles. E independe o caminho, não se pode fazê-lo sem dor. No consultório, a mãe de uma paciente deficiente mental grave disse que não aguentava mais e como se sentia mal por desejar que acabasse logo. A filha tinha vinte e cinco anos, com

dificuldades para falar e andar, às vezes ficava agitada e agressiva. Tinha uma respiração ruidosa e a voz fina, aguda como um miado, *cri du chat* – choro do gato. Eu não ousaria condenar um desejo difícil e legítimo como aquele.

Também já me vi pensando em arcar com situações e afetos dos quais normalmente eu recuaria. No último ano de faculdade, no estágio de pediatria, cuidei de um bebê HIV positivo. Era uma menina pequena demais para a idade que tinha, desnutrida e consumida por uma sucessão de quadros diarreicos que insistiam em voltar, a despeito do tratamento. Eu via com que alheamento a mãe cuidava da criança e ficava incomodada. Mais tarde, soube que o bebê havia morrido. Não por causa de uma doença oportunista, mas por um traumatismo craniano. A mãe tinha esquecido de levantar a grade protetora do berço. Recebi a notícia com tal arrebatamento, um grito que se fez choro explodiu sem a mínima chance de contenção. Anos depois, uma colega psicóloga, que trabalhava na oncologia pediátrica de um hospital, comentou do grito das mães quando os filhos falecem. Não é um grito comum. Parece mais um som gutural, dilacerante. Fiquei pensando se era por isso que nós, mulheres, sofremos tanto com as cólicas da menstruação. Houve vezes, na adolescência, em que simplesmente não consegui andar, como se alguém passasse uma lâmina. Um vai e vem infundável pelo ventre. Talvez ser mãe tenha algo a ver com isso. Talvez a gente precise aprender a ser dilacerada desde cedo.

Numa conversa com a *pet sitter*, comentei que queria adotar outro gato, e naquele momento era mesmo só uma ideia, permeada

por dúvidas se eu conseguiria cuidar direito de dois animais e pela ilusão de que escaparia à dor quando Fidel se fosse. Na prática, as coisas não funcionam assim. Um amor não apaga outro, e nem vela a dor da perda. Ela disse que o quadro renal de Fidel podia piorar por conta do estresse da adaptação.

Após um ano hesitante, numa ida à veterinária, disse que adotaria um gato no feriado de Carnaval. O acaso, no entanto, foi sorrateiro e providencial. Uma semana antes, a *pet sitter* escreveu perguntando se eu ainda queria adotar. Ela havia resgatado um frajolinha da rua, com um machucado numa das patas. Mandou fotos e um vídeo do pequeno. Fui no mesmo sábado conhecê-lo. Gael ainda ficou três semanas se recuperando antes de vir para minha casa. Não tivemos o tempo, conforme eu tinha planejado, para adaptações. Mas fiz o possível. Coloquei um difusor de feromônio na casa, para aliviar a tensão animal. E quando Gael chegou, na primeira sexta de março, não o isolei conforme recomendado. Os primeiros dias exigem uma aproximação gradual, em que os felinos não se veem, mas aprendem a se aceitar e se reconhecer pelo cheiro. Deixei o caçula transitar livre e curioso pelo espaço. Fidel deu as costas para mim e não deixou que eu o acariciasse naquela noite. Atuei somente nos momentos em que a violência me pareceu iminente e, dois dias depois, acordei com as duas bolas de pelo bicolores dormindo juntas na cama.

Considereei minha aposta bem-sucedida. Cheguei inclusive a comentar com amigos e família, orgulhosa do feito. Não é qualquer coisa uma aproximação de gatos como a que fiz, assim como

não é qualquer coisa a aproximação a que fui submetida. Diferentemente do irmão, Gael tem pouco mais de um ano. É uma criança. E, como uma criança, demanda atenção e cuidados diferentes. Nas primeiras noites, como ainda estava fazendo uso da pomada cicatrizante para a pata, precisou usar um cone protetor na cabeça, inclusive para dormir. Quando chegava a hora de deitar, ele vinha e se esforçava para encostar o rosto no meu, como se assim pudesse advir alguma tranquilidade e ele também pudesse fechar os olhos. Ele já não faz mais isso. Talvez se sinta seguro, finalmente parte de algo maior, e por isso sua confiança transborda em atos de rebeldia, mexendo a terra dos vasos na varanda, em vez da areia que lhe é destinada, ou insistindo em subir em lugares que não lhe são permitidos. Como uma criança, ele se ocupa de pequenas travessuras enquanto Fidel observa. Dia desses, disse ao meu analista “Não é por ser meu gato, mas Fidel é um cavalheiro.”. Ele riu de tamanha corujice. Eu ri também. Nós dois sabemos o quanto podem ser difíceis certas aproximações.

Lembrancinhas

Leo Ribeiro

Vem, *vem, vem*, pode vim, pode vim, vem virando, agora desfaz, vem, vem mais, vem mais, só mais um pouquinho, chefe; *aê, aê*, tá bom, tá bom! Chefe, é vinte, é Natal, é mais caro, né? Começo uma negociação, pago dez e todos saem ganhando; eu e o malandro que me viu estacionando e virou flanelinha.

Baixada fluminense, quase 40 graus à noite. As pessoas com quem eu convivo o resto do ano apenas no grupo do WhatsApp se materializam sorridentes e segurando lembrancinhas. Feliz Natal, feliz Natal. Minha sogra *emoji* de arminha com a mão me abraça forte, estala um beijo no ar pra não beijar as minhas bochechas suadas. *Graças a Deus vocês vieram*. Não sei o que Deus tem a ver com isso, é graças à Mariana, que não me dá alternativa. Olho pela janela, o carro ainda está lá, mas o flanelinha já foi.

Vou pra perto do ventilador, vovô Eladio me segue. Mariana, com o olhar, me lembra de que não posso discordar do velho, em nada, mesmo quando ele começar a falar que esse governo

é maravilhoso, que a roubalheira acabou e que estamos vivendo o melhor tempo desde a Ditadura, época boa, quando a vida só não era tranquila para os vagabundos. Nada de discutir política de novo no Natal, hein. O vovô não pode se aborrecer, ele colocou um stent em agosto. Pois é, aham, foi tudo o que eu disse pra ele.

O Duque, um chow-chow na Baixada fluminense quase 40 graus à noite, arfa sem parar. Um palmo de língua para fora, coitado. Minhas concunhadas #elesim, com uma simpatia forçada, abrem espaço pra mim no canto do sofá. Falam sobre suas unhas, grandes e com desenhos estranhos, uma quebrou no sabugo ontem. Elas realmente acham isso bonito? E se essa unha parar no olho do bebê? Difícil de ter controle sobre essas unhas. Não tenho unhas grandes e às vezes acontece de sujar os dedos quando limpo a bunda. E com essas unhas? Mas ok, tenho a síndrome do intestino irritável e uso o papel amassado, tipo uma bolinha, que dá uma única carimbada; a Mariana se queixa disso. O papel amassado como uma bolinha não permite ser dobrado ao final, então, você simplesmente o vira pra baixo e joga no cesto; com isso, o cesto fica muito fedido (*ipsis litteris*).

Meia-noite, meu sogro do meme a mamata da Rouanet acabou traz o peru pra mesa. Palmas e gritinhos. Ele vem até mim, me abraça, e os nossos braços suados se tocam. *Feliz Natal, feliz Natal*. Meu sogro do meme a mamata da Rouanet acabou bate no meu peito, *you are the only vascaíno bem-vindo aqui nessa casa. E também o único militante do ladrão de nove dedos que entra aqui em casa, tá ok?* E todos riem. Eu nem acompanho futebol,

mas todo brasileiro é obrigado a ter um time, né? Minha sogra *emoji* de arminha com a mão pede silêncio e puxa uma prece. Espero que fale em línguas como no ano passado. *Senhor, abençoe essa família, Senhor abençoe também a nossa ceia, Senhor abençoe o nosso Bispo, dê a ele muita saúde para continuar a Tua obra Senhor, Senhor abençoe o nosso Presidente, um homem de Deus, que nos guiará para um tempo de prosperidade nesse ano que vai entrar, Senhor, o Espírito Santo está entre nós, rabáchalaichalei richarárá abrabacalai! Aleluia!* Minha sogra *emoji* de arminha com a mão pulando de olhos fechados, aleluia, e as pessoas com quem eu convivo o resto do ano apenas no grupo do WhatsApp louvando de olhos fechados emocionadas, *aleluia!*, tomei um susto na hora. Infelizmente, hoje o Espírito Santo não veio. Uma pena. Línguas antigas dos profetas. A Mariana ficou puta porque eu falei em línguas antigas dos profetas no meio de uma briga. *Rabáchalaichalei richarárá abrabacala*. Depois, ela riu. Mariana e as pessoas com quem eu convivo o resto do ano apenas no grupo do WhatsApp, de cabeças abaixadas e mãos dadas, em preces silenciosas; e eu no silêncio tentador me concentrando para não dar o gritinho do Michael Jackson: *áú!*

Ligam a TV. Tá passando a missa do Galo. Minha sogra *emoji* de arminha com a mão fala pra mudar de canal. Ninguém a ouve. Faço o meu prato, no prato fundo de vidro transparente. Comida maravilhosa; o peru não tá seco. A mesa não tem lugar para todos. A vovó Lena da mamadeira de piroca tá lá. Então, sento perto do ventilador. A comida maravilhosa vai me foder;

farei fezes ainda menos firmes porque eu tenho intestino sensível. Meu pai diz que eu sou todo sensível. Existem dois tipos de crianças: as crianças que são Bate-Bolas e as crianças que têm medo dos Bate-Bolas. Quem você vai ser? Diga, quem você vai ser? Eu odiava os carnavais porque os Bate-Bolas, com máscaras desfiguradas assustadoras e com apitos, batiam as bolas quase nos meus pés e eu chorava. Meus cunhados #MITO com certeza eram Bate-Bolas. Engraçado é que o meu sogro se chama Clóvis. Um canto gregoriano é traduzido ao vivo. *Rabáchalaichalei richarárá abrabacala* do Natal passado não me sai da cabeça. O Papa tira um pano branco sobre a imagem do menino Jesus, que é um boneco de gesso de presépio, que podia ser do presépio do Barra Shopping, mas o Papa e os cardeais o estão adorando, o estão reverenciando de cabeças inclinadas e olhos fechados, e o Papa se aproxima e beija a mão do boneco. Eu nunca vi alguém fazer o sinal da cruz para o menino Jesus do presépio do Barra Shopping. Pelo visto, é pra fazer. Acho que o Papa tá meio constrangido, mas segue defumando tudo com incenso. Dou uma olhadinha pela janela pra ver se o carro ainda está lá.

Depois da ceia, o Duque, um chow-chow na Baixada fluminense quase 40 graus à noite e a vovó Lena da mamadeira de piroca dormem, ambos perto do ventilador. Meu sogro do meme a mamata da Rouanet pergunta se minha família está bem, *sim estão bem, foram para Terê*. Ficamos calados. Ele parece pensar em algum assunto para puxar, eu só quero ficar calado. Meu cunhado #MITO, *esse Jeep vermelho aí embaixo é teu? Uns pivetinhos*

*passaram olhando pra ele agorinha. Bate-Bolas? Ele ri, tô zomando! Minha sogra emoji de arminha com a mão, nessa casa não se assiste à Globo lixo. Ninguém a ouve. O Papa estala um beijo no ar pra não beijar as testas das crianças. Uma fila de crianças. De todas as nações. Criança pra caralho. Acho que o Papa também quer ir embora. Mas o Papa e eu não podemos ir embora. A gente é obrigado a ter paciência. Mas, sempre? Até com uma fila de crianças de todas as nações para beijar? Até quando escuto que o erro foi torturar e não matar, ou bandido bom é bandido morto, ou que a Terra é plana? Até quando acontece de sujar os dedos quando se limpa a bunda? Eu imagino o Papa putaço por ter sujado os dedos quando limpa a bunda. O Duque, um chow-chow na Baixada fluminense quase 40 graus à noite, o Papa e eu só queremos ir embora. Coitado desse cachorro, não o tosam porque ele fica feio. Sou obrigado a aceitar uma rabanada oleosa. A minha barriga começa a revirar, já está levemente inchada de gases. A rabanada oleosa vai me foder; farei fezes ainda menos firmes porque eu tenho intestino sensível. Mariana elogia a rabanada oleosa. O Papa foi embora. Começa *Esqueceram de mim 2*. Meus cunhados #MITO e minhas concunhadas #elesim começam a se despedir. *Já tá ficando tarde*. Mas já era tarde no início da ceia. Mariana faz algo que sempre me deixa feliz: coloca a bolsa no ombro. Ela sussurra, *graças a Deus não teve amigo oculto*. Não sei o que Deus tem a ver com isso, é graças a mim. No último eu disse que a pessoa que eu tirei entende muito de mamadeira de piroca. O carro ainda está lá.*

Vamos embora.

.....

Leo Ribeiro (lgsribeiro@hotmail.com) é carioca, pós-graduada em Direito Tributário.

40 quilos

Adilson Zambaldi

Trinta sacos de arroz, quinze de bananas e umas três sacolas de guloseimas. Devorou tudo. Trinta e seis tabletes de chocolate branco, meio amargo e com licor de amarula. Vi a sacolinha escondida lá no fundo. Vinte e dois pacotes de biscoitos recheados e doze de água e sal. Não perdoou nem os saquinhos de polvilho. Vinte no total. A danada devorou cinco sacolas de feira. Tentativa de dieta? Cenoura, alface, pepino, amoras e carambolas. Dieta dá fome. Então, devorou mais. Dez pacotes de pão de forma integral, quatorze envelopes de sucos com aspartame e uns dezoito de pipoca *light*. Não se aguentou. Foram mais onze fardos de refrigerantes e oito pacotes de batata frita. Ansiedade? Mais de vinte cartelas de ansiolíticos e analgésicos. As dores, bem, as dores só aumentavam. E ela só devorava. Trinta e nove balas de hortelã, quarenta e três chicletes de *tutti frutti*, vinte e seis picolés de morango, doze saquinhos de amendoim sem pele e oito capas de chuva.

Encontramos mais de quarenta quilos de plástico no estômago de uma jubarte encalhada próximo à baía.



São Paulo, 2021



Pós-graduação Formação de Escritores